

UNIVERSIDADE ABERTA DE LISBOA

Paula Mazzini

802444

**Contemplando a Saudade de Deus em Maria:
uma análise contextual da vivência religiosa
das Carmelitas Descalças de Petrópolis**

**Dissertação de Mestrado em
Estudos Portugueses Multidisciplinares
2ª edição**

**Orientadora:
Doutora Maria Filomena Andrade**

Lisboa, 2017



*“Doce Nossa Senhora da Divina Saudade
protegei sempre mais a nossa comunidade.”*

*Não tem o nosso amor o contrário da ausência que vencer,
porque sempre temos ao mesmo Cristo,
enquanto Deus e enquanto homem, presente;
e se a sua presença se não deixa ver de nossos olhos,
não seja motivo de diminuir o amor
o que foi traça de acrescentar as saudades. (SERMÕES [s.d.], 44)*

para Adelaide
para Catarina
para Filomena

Resumo

No interior do Carmelo de São José em Petrópolis, encontramos o Santuário de Nossa Senhora da Saudade cuja imagem, até onde temos conhecimento, é a única em todo o mundo, o que a torna um raríssimo tesouro para os devotados fiéis da Virgem Santíssima. Sendo nesses singelos jardins do Carmelo de São José de Petrópolis que, em 1918, nasceu essa tão significativa invocação mariana, florescendo dentro dos mais puros princípios teológicos e sendo cultivada pelo dedicado e constante trabalho, fruto da paciência dessas religiosas que o mantêm na firmeza do seu silêncio, o que faz da sua aparente fraqueza a fortaleza necessária para sustentar e manter este título da Mãe de Nosso Senhor, como a Senhora da Saudade.

Foi em busca de uma explicação para esta invocação no convento das carmelitas de Petrópolis que orientei e estruturei o meu trabalho.

Abstract

Inside the Carmel of St. Joseph in Petropolis, we find the Sanctuary of Our Lady of Saudade whose image, as far as we know, is the only one in the world, which makes it a rare treasure for the devoted faithful of the Blessed Virgin. Since these simple ones gardens of the Carmelo of St. Joseph of Petrópolis that, in 1918, was born this so important Marian invocation, flourishing within the purest theological principles and being cultivated by dedicated and constant work, fruit of patience these religious that keep the firmness of his silence, which makes its apparent weakness the strength needed to sustain and maintain this title of the Mother of Our Lord, as the Lady of Saudade.

It was in search of an explanation for this invocation at the convent of the Carmelites Petrópolis I supervised and structured my work.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1 – Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo	8
1.1 – As Origens	8
1.1.1 – Ordens Religiosas	8
1.1.2 – O Monte Carmelo	9
1.1.3 – História da Ordem do Carmo	10
1.1.4 – Ramos da Ordem do Carmo	13
1.1.5 – Ingresso na Ordem	13
1.1.5.1 – Formação religiosa	13
1.1.5.2 – Opção de vida	14
1.1.5.3 – Carisma e Devoção	15
1.2 – A Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo	17
1.2.1 – Fontes de inspiração	17
1.2.1.1 – Santo Elias	18
1.2.1.2 – Nossa Senhora do Carmo	18
1.2.2 – O Santo Escapulário	21
1.2.3 – Brasão	22
1.3 – A Reforma Teresiana	22
1.3.1 – Santa Teresa de Ávila	22
1.3.2 – A Reforma	23
1.3.3 – A Mística	25
1.3.4 – A Mística Teresiana	26
1.4 – A Ordem do Carmo no Brasil	28
1.4.1 – As primeiras Incursões	28
1.4.2 – Exigência popular	29
Capítulo 2 – Ordem Religiosa do Carmelo de São José de Petrópolis	31
2.1 – Fundação	31

2.1.1 – Petrópolis	31
2.1.2 – Campanha / Minas Gerais	32
2.1.3 – Sede definitiva	33
2.1.4 – A Montanha	35
2.1.5 – Estrutura arquitetônica e os espaços	36
2.1.6 – A Presença de Maria	37
2.1.7 – O Quotidiano	39
2.1.8 – A Capelania	40
2.2 – Os Fundadores	40
2.2.1 – Madre Maria de São José	41
2.2.1.1 – O Patrono: São José	42
2.2.2 – Madre Antonietta do Amor Divino	42
2.2.3 – Irmã Isabel Maria dos Anjos	43
2.2.4 – Irmã Margarida Maria do Divino Coração	43
2.3 – Reverendíssimo Padre Doutor João Gualberto do Amaral	43
2.4 – Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus	47
2.4.1 – Formação espiritual	47
2.4.2 – Influência no Carmelo	50
2.4.3 – A Mística de Irmã Ignez	51
2.4.4 – A Saudade de Deus na Irmã Ignez	53
2.4.5 – Desejo de morrer	55
Capítulo 3 – Nossa Senhora da Saudade	57
3.1 – Devoção Mariana	57
3.1.1 – Adoração e Veneração	57
3.1.2 – A hiperdulia	58
3.1.3 – Títulos Marianos	59
3.1.4 – Processo de autorização de novas devoções	61
3.2 – Nossa Senhora da Saudade	62
3.2.1 – Processo de autorização da devoção de Nossa Senhora da Saudade .	62
3.2.2 – Fundamentação Teológica	63
3.2.3 – Iconografia	64
3.2.4 – Santuário de Nossa Senhora da Saudade	66

3.2.5 – Reforma litúrgica da Semana Santa	67
3.2.6. – Construção da devoção	67
3.2.7 – Composições Musicais	69
3.3 – Prática Devocional	70
3.3.1 – Cerimonial	70
3.3.2 – Fidelidade devocional	71
3.4 – Significado	73
3.4.1 – Sentimento de Saudade	73
3.4.1.1 – Abrangência	74
3.4.1.2 – Dimensão Humana	74
3.4.1.3 – Dimensão Divina	75
3.4.2 – Sábado Santo	76
3.4.3 – Diferenciações	76
3.4.4 – Ausência de registos	78
3.4.5 – Sonho da Irmã Ignez	79
3.4.5.1 – Sonhar	80
3.4.6 – Observância da Devoção a Nossa Senhora da Saudade	82
3.4.7 – Análise das respostas questionário	83
3.5 – Sermão do Padre João Gualberto do Amaral	86
Conclusão	87
Bibliografia	89

Figuras

Figura 1 – Brasão do Carmelo de São José	93
Figura 2 – Escudo da Ordem dos Carmelitas da Antiga Observância	93
Figura 3 – Escudo da Ordem dos Carmelitas Descalços	93
Figura 4 – Primeira moradia no atual endereço	94
Figura 5 – Obras da construção do prédio atual	94
Figura 6 – Procissão de mudança do prédio antigo para o prédio atual	94
Figura 7 – Sede atual do Carmelo de São José em Petrópolis	94
Figura 8 – Jardim interno do Claustro	95
Figura 9 – Jardins do Carmelo	95
Figura 10 – Via Sacra	95
Figura 11 – Cemitério	95
Figura 12 – Refeitório	96
Figura 13 – Enfermaria	96
Figura 14 – Oficina	96
Figura 15 – Atividades	96
Figura 16 – Missa	97
Figura 17 – Retrato do Padre João Gualbero do Amaral	97
Figura 18 – Padre João Gualbero do Amaral - 1908	97
Figura 19 – Celebração de Padre João Gualbero do Amaral	98
Figura 20 – Padre João Gualbero do Amaral - 1945	98
Figura 21 – Túmulo do Padre João Gualbero do Amaral aos pés da imagem de Nossa Senhora da Saudade.....	98
Figura 22 – Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus	99
Figura 23 – Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus - Postulante	99
Figura 24 – Túmulo de Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus	99
Figura 25 – Imagem de Nossa Senhora da Saudade	100
Figura 26 – Detalhes da imagem de Nossa Senhora da Saudade	100
Figura 27 – Réplica confeccionada pelo aprendiz de aprendiz de Charles Desvergnés	101
Figura 28 – Imagem de Nossa Senhora da Saudade no interior da clausura	101
Figura 29 – Coroa das Lágrimas de Saudades da Rainha dos Mártires	102

Figura 30 – Coroa das Lágrimas de Saudades da Rainha dos Mártires – verso da medalha	102
Figura 31 – Arrulhos dolentes a Virgem da Saudade - Pauta 1	102
Figura 32 – Arrulhos dolentes a Virgem da Saudade - Pauta 2	103
Figura 33 – Saudação a Virgem da Saudade - Pauta 1	103
Figura 34 – Saudação a Virgem da Saudade - Pauta 2	104
Figura 35 – Saudação a Virgem da Saudade - Pauta 3	104
Figura 36 – Saudação a Virgem da Saudade - Pauta 4	105
Figura 37 – Canção da Saudade - Pauta 1	105
Figura 38 – Canção da Saudade - Pauta 2	106
Figura 39 – Canção da Saudade - Pauta 3	106
Figura 40 – Canção da Saudade - Pauta 4	107
Figura 41 – A Saudade humanada - Pauta 1	107
Figura 42 – A Saudade humanada - Pauta 2	108
Figura 43 – A Saudade humanada - Pauta 3	108
Figura 44 – A Saudade humanada - Pauta 4	109
Figura 45 – Coroação da Virgem da Saudade - Pauta1	109
Figura 46 – Coroação da Virgem da Saudade - Pauta 2	110
Figura 47 – Coroação da Virgem da Saudade - Pauta 3	110
Figura 48 – Tenho sede de Deus - Pauta 1	111
Figura 49 – Tenho sede de Deus - Pauta 2	111
Figura 50 – Observação sobre o Maestro	112
Figura 51 – Letra da composição de Irmã Ignez intitulada Saudação à Virgem da Saudade	112
Figura 52 – Coro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo	113
Figura 53 – Estampa de Nossa Senhora da Saudade que acompanha a Coroa das Saudades	113
Figura 54 – Folheto que acompanha a Coroa das Saudades	114
Figura 55 – O Sonho da Irmã Ignez	114
Figura 56 – Imagem confeccionada pelo artista plástico Carlos Calsavara	115

Anexos

Anexo A – Oração em devoção a Nossa Senhora do Carmo	116
Anexo B – Saudação a Nossa Senhora do Carmo	116
Anexo C – Bênção de Nossa Senhora do Carmo recebida por São Simão Stock ...	116
Anexo D – Súplica pela proteção de Nossa Senhora do Carmo	116
Anexo E – Homenagens de amor à nossa Divina Priora e Mãe Sobreamada.....	117
Anexo F – Ato de Consagração ao Serviço de Nossa Senhora como Mãe de Deus	118
Anexo G – Consagração das celas a Nossa Senhora	119
Anexo H – Rotina das Monjas de Clausura	119
Anexo I – Instruções da Irmã Ignez para a meditação na Semana Santa	120
Anexo J – Lembrai-vos	121
Anexo L – <i>Memorare</i>	122
Anexo M – Súplica	122
Anexo N – Responsório a Nossa Senhora da Saudade	122
Anexo O – Coroa das Saudades contemplada em Três Mistérios	123
Anexo P – Resumo dos Três Mistérios contemplados na Coroa das Saudades	126
Anexo Q – Letras das composições de Irmã Ignez	127
Anexo R – Questionário proposto às Religiosas do Carmelo de São José em Petrópolis	129
Anexo S – Cronologia dos principais acontecimentos apontados	129

Introdução

No dia trinta do mês de março, após o Ofício de Noa, Terceira Hora Média, e da Ladainha de Nossa Senhora realizadas diariamente, tal como as outras Horas, no coro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, as Monjas do Carmelo de São José de Petrópolis, trajadas com os seus hábitos quotidianos, dirigem-se ao Santuário de Nossa Senhora da Saudade, dispondo-se harmoniosamente em volta do túmulo do Padre João Gualberto do Amaral, que jaz aos pés da imagem que representa as saudades de Maria e a quem dedicam sua devoção.

Sob a direção da Madre Priora, Irmã Maria de Jesus, as religiosas ouvem a leitura do resumo do Primeiro Mistério da Coroa das Saudades e depois rezam juntas a chamada *dozena*, que é composta por doze “Lembraí-vos” e uma súplica, correspondente a uma terça parte da “Coroa dos Mártires”. Entoam o cântico “Saudação à Virgem da Saudade” e terminam a oração com a “Quadrinha” retirando-se, então, uma a uma para se recolherem ao silêncio do claustro.

Os sinos não dobram para chamar os fiéis, nem as portas da igreja são abertas, como ocorre em outros eventos, pois esta cerimónia é uma devoção reservada somente às religiosas do Carmelo de São José de Petrópolis e ocorre, anualmente, desde 1918, quando a religiosa Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus recebeu, através de uma inspiração particular, a revelação da invocação de Nossa Senhora da Saudade.

Mas, uma vez “que o rito não deve ser visto como um instante desligado do cotidiano social, mas se manifesta como a própria dinâmica da sociedade” (SILVA JÚNIOR, 2007, 9) onde está inserido, e sendo a sua realização considerada como o “espaço onde os desejos coletivos se afloram” (Ibidem, 8) e, portanto tomado como “um discurso que representa simbolicamente esta sociedade” (Ibidem, 9) ponderámos a necessidade de elencar os fatores que, no seu conjunto, culminaram com o despontar e o estabelecimento da invocação de Nossa Senhora da Saudade, particularmente no que respeita ao Carmelo de São José em Petrópolis.

Considerámos assim que o problema norteador deste estudo seja justamente averiguar os motivos desta ocorrência, uma vez que chegámos inevitavelmente a um impasse: se todos os Carmelitas Descalços têm a mesma consciência histórica consolidada, todos provêm da mesma raiz espiritual e religiosa, e todos compartilham dos mesmos costumes, porque razão, neste Carmelo em especial, surgiu esta invocação?

Para tanto, procurámos analisar o contexto do nascimento e vivência deste Carmelo propondo ainda um esquema hermenêutico de análise, pois entendemos esta manifestação

como a expressão de um sentido que se oculta e que se torna necessário elucidar. Este trabalho apresenta-se assim como uma tentativa de contribuir para a construção do conhecimento sobre o assunto.

Foi necessário, neste âmbito, estudar em linhas gerais a ordem em que este mosteiro se insere, além de uma aproximação de caráter antropológico-social aos intervenientes no culto que se desenvolve e afirma. Esta abordagem multidisciplinar ofereceu-nos uma compreensão do desenrolar do que aconteceu nesse caso em particular, embora não ofereça termos de generalização para outros Carmelos, pois os conventos da Ordem do Carmo estabelecem-se com base numa regra comum, mas “as características particulares de seus membros também contribuem para o estabelecimento de comunidades que desenvolvem uma dinâmica própria, resultando que todos os Carmelo tenham certas particularidades que os distinguem dos demais”¹.

Aliás, a abordagem multidisciplinar do Mestrado em Estudos Portugueses é uma característica facilitadora da construção do conhecimento acerca do assunto em estudo, proporcionando um diálogo entre os diversos campos do saber que nos permite vislumbrar a essência do que pretendemos atingir.

Portanto julgamos necessário analisar mais detalhadamente o contexto social deste Carmelo, bem como os fatores determinantes que o diferenciam dos outros conventos carmelitas e que criaram um ambiente favorável à ocorrência do fenómeno em estudo. Para tanto, considerámos a hipótese da existência de dois elementos diferenciais que convergiram para o sucedido, sendo o primeiro fator considerado a presença, na comunidade em estudo, da religiosa Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus. Esta religiosa era uma figura mística e de frágil saúde física, motivos que lhe fortaleciam o espírito e ofereciam maior abertura ao numinoso. Condições que, somadas à sua firme religiosidade e à sua declarada “saudade dos Céus” sentida tão dolorosamente, contribuíram decisivamente para a elaboração da devoção a Nossa Senhora da Saudade, revelada em sonhos por uma “personagem translúcida”. O segundo fator considerado foi a presença no convento de Petrópolis do Padre João Gualberto do Amaral, capelão do Carmelo, cuja autoridade espiritual exerceu decisiva influência para que a manifestação estudada não fosse relegada a uma ocorrência de somenos importância.

Sendo assim, foi imprescindível focarmos em especial estes dois agentes sociais o que, aliado à análise da identidade religiosa carmelitana concorreram para a composição singular

¹Da entrevista à Irmã Graça realizada a 14 de dezembro de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

da dinâmica própria e original desse contexto que influenciou os acontecimentos examinados e esclareceu a relação existente entre Nossa Senhora da Saudade e o Carmelo de São José.

Mas, apesar de tudo não conseguiríamos ter uma panorâmica global e explicativa desta religiosidade devocional se não se tivesse examinado a dinâmica inicial do Carmelo de São José, que suscitou o surgimento da invocação de Nossa Senhora da Saudade, e constatar que a espiritualidade não se alterou a nível estrutural nem formal ao longo do tempo, mas ampliou-se pelo desenvolvimento e expansão do culto e da veneração.

Inclusivamente tomámos este aspecto como sendo a principal justificação para o desenvolvimento desta tese, ou seja, a busca por saber como a espiritualidade estruturada em torno de uma invocação mariana reflete o contexto social das religiosas do Carmelo, uma vez que a invocação de Nossa Senhora da Saudade revela-se a representação mais fiel e emblemática do Carmelo de São José em Petrópolis.

O desenvolvimento desse estudo teve por objetivo não apenas apresentar uma narrativa sobre a invocação de Nossa Senhora da Saudade, que por si só já teria importante representatividade junto dos fiéis católicos, mas também analisar em que bases ocorreram a sua implantação e em que fundamentos teológicos se ampararam a religiosa Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus e o Padre João Gualberto do Amaral, para estabelecerem e desenvolverem esta prática devocional.

Pretendeu-se ainda identificar quem são, atualmente, as Irmãs Carmelitas congregadas no Carmelo de São José, a saber, como vivem a sua religiosidade, como professam a sua fé, ressaltando a importância de Nossa Senhora para a própria constituição da Ordem do Carmo e o estreito relacionamento que essas religiosas mantêm com a mãe de Deus.

Além de tentar perceber como essas religiosas compreendem a formação do contexto do Carmelo onde estão inseridas, também considerámos fulcral apreender a sua consciência enquanto parte integrante e contribuinte da dinâmica estabelecida nesse meio, qual o significado que atribuem, na sua vida religiosa, à devoção de Nossa Senhora da Saudade e o que é feito por elas para que seja mantida esta devoção até aos dias de hoje.

Essa investigação seguiu as sete etapas propostas por Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt e constantes no Manual de Investigação em Ciências Sociais (QUIVY, 2008, 27), ou seja, colocámos uma pergunta de partida para a exploração de leituras e entrevistas, o que forneceu material para a construção da problemática e o modelo de análise para verificarmos as nossas observações e analisarmos as informações, e para concluirmos a nossa investigação a contento e de maneira válida.

Fazendo uso da estratégia de investigação intensiva, este estudo de caso partiu da observação do fenómeno específico do surgimento da invocação de Nossa Senhora da Saudade, analisando-o como evento inserido no contexto do Carmelo de São José em Petrópolis. Considerado este como uma unidade social delimitada, devido às características de reclusão das religiosas o que promove raríssimas experiências de troca com o exterior do claustro, definindo contornos de uma sociedade de dimensões restritas, adquirimos a possibilidade, pela eleição deste método de investigação social, de aprofundar o tema utilizando as observações realizadas de modo a valorizar o quotidiano das monjas carmelitas, enquanto agentes sociais, e privilegiando a atenção à especificidade de como se expressam no momento em que veneram Nossa Senhora da Saudade, seja de forma particular ou coletiva.

As informações pertinentes foram recolhidas através da pesquisa indireta, levantamento bibliográfico e documental, bem como também da pesquisa direta pela realização de entrevistas e questionários, onde nos inteirámos do assunto sem perder de vista o valor e o sentido que as religiosas atribuem ao surgimento e ao exercício da veneração a essa imagem. Contemplámos uma visão holística, na medida em que as situações e os indivíduos são vistos como um todo, estudados sociologicamente e amparados pela história e pela constituição organizacional da própria Ordem do Carmo.

Tendo em vista levar a bom termo esse trabalho desenvolvemos três capítulos, de acordo com o plano que se segue:

No capítulo 1, procurámos estabelecer o ideário religioso das carmelitas descalças e para tanto debruçámo-nos sobre a Ordem do Carmo, a reforma de Santa Teresa de Ávila, a Ordem do Carmo no Brasil, a devoção de Nossa Senhora do Carmo e a importância da devoção mariana para a Igreja Católica e para os seus fiéis.

No capítulo 2, andámos em torno das pistas que nos apontassem como esse ideário inicial adquiriu contornos próprios no caso em estudo, do Carmelo de São José em Petrópolis, e como essas circunstâncias tornaram possível o entendimento do processo que se desencadeou e culminou com o surgimento da devoção a Nossa Senhora da Saudade. Com esse objetivo, olhámos para o interior do Carmelo de São José constituído como casa religiosa e para a conceção que as religiosas carmelitas têm da “saudade de Deus”, com base na espiritualidade mística da irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus e na autoridade espiritual atribuída ao Padre João Gualberto do Amaral.

Por fim, no capítulo 3, pretendemos estabelecer como o resultado anteriormente obtido criou outras conjunturas e se refletiu em novos e definitivos contornos na constituição do Carmelo de São José. Para tanto, estudámos a devoção mariana presente na invocação de

Nossa Senhora da Saudade e a construção da prática devocional e do culto expresso de forma coletiva e/ou particular, bem como o significado íntimo dessa invocação de Maria Santíssima para as religiosas Carmelitas de Petrópolis.

A tarefa a que nos propomos só é possível porque assentámos o nosso trabalho em duas fontes de informação de igual importância e valia e que constituem a memória da comunidade que estudámos, ou seja, os relatos históricos e a tradição religiosa. Possuidores de naturezas distintas, foi necessário diferenciá-los e explicitar o valor de cada uma das suas contribuições para a formação, estrutural e espiritual, da Ordem do Carmo e do Carmelo de São José, sem nunca perder de vista a necessária objetivação para o desenvolvimento deste trabalho, que é identificar a singular subjetividade que permeia e foi essencial para a constituição da identidade religiosa dos agentes sociais observados.

A nossa primeira fonte de conhecimento vem dos historiadores, pertencentes à comunidade académica, que constroem o conhecimento com base em documentos fidedignos de onde retiram a informação procedendo para isso a um rigoroso inquérito hermenêutico. A nossa segunda fonte de conhecimento, de carácter antropológico, vem da tradição pertencente à comunidade religiosa que usa largamente a fé buscando percorrer o caminho trilhado pelas vias sobrenaturais, manifestando consideração pelas revelações como manifestações incontestáveis e essenciais ao entendimento da sua crença, privilegiando os fatores subjetivos e misteriosos.

Mas, embora pareçam antagónicas entre si, as nossas duas fontes devem ser ponderadas devidamente, pois ambas apresentam uma complementaridade singular e demonstram dessa forma que não são excludentes, e ainda que ambas têm consciência uma da outra, sabendo dos valores representativos que possuem, e respeitando-se mutuamente, mantêm as suas posturas e preferências. Pois ao historiador nada que é do homem lhe é alheio e a tradição é um elemento constitutivo da memória do ser humano. À antropologia interessa os comportamentos humanos em diversas vertentes, entre elas a religiosa.

Sendo assim, não poderíamos simplesmente desconsiderar os relatos tradicionais por falta de valor científico para a comunidade académica sem que, com isso, corressemos o risco de, ao privilegiar apenas os relatos históricos não alcançarmos os nossos objetivos quanto à formação da identidade religiosa carmelitana, e nem poderíamos simplesmente desconsiderar os relatos históricos por falta de valor espiritual para a comunidade religiosa sem que, com isso, corressemos o risco de, ao privilegiar apenas os relatos tradicionais apresentássemos um texto pretensamente científico.

Esta explanação feita ao início de nossa dissertação torna-se necessária para explicar como procederemos durante o desenvolvimento do nosso trabalho, sendo que, nas ocasiões em que essas duas vertentes se convergirem serão, dessa maneira, diferenciadas e terão os seus devidos valores mensurados, lembrando que para os agentes sociais observados a sabedoria se constrói entre a ciência do homem e a ciência da cruz, entre o conhecimento racional e o conhecimento místico. Além de que esta estratégia possibilita-nos definir os elementos constitutivos do seu Patrimônio Material, bem como também o do seu Patrimônio Espiritual.

Essa proposta de trabalho vai de encontro ao conceito de transdisciplinaridade defendido pela UNESCO, pela proposta do “estabelecimento de um diálogo capital, cada vez mais rigoroso e profundo, entre a ciência e a tradição” (BERGER et al., 1991, 191), tendo em vista a busca pela inteireza do ser, pois “procura pontos de vista a partir dos quais seja possível torná-las interativas” (Ibidem, 192) e a partir delas construímos o nosso conhecimento sobre o tema em análise.

Entendemos que a tradição é a forma mais antiga de produção de teorias, experiências, regras e conceitos, isto é, a mais ancestral forma de produzir ciência, e sendo que é através dessa interpretação dos fatos, que os nossos agentes observados constroem, sob a ótica da sua devoção particular, os conceitos que cristalizam na verdade da sua crença, tratamo-los nesta investigação como uma releitura oferecida pelos religiosos, dos fatos ocorridos, críveis apenas sob o seu aspecto devocional, e podemos considerá-los “como percepções diferentes da realidade, construídas em condições socio-históricas próprias, mas com uma mesma estrutura em potencial” (SILVA JÚNIOR, 2007, 6). Assim, os conceitos tratados nos relatos tradicionais podem ser abstratos, mas o fato de acreditarem piamente neles fornece-lhes a concretude necessária para a sua análise, lembrando que para a ciência antropológica “toda a representação, no universo simbólico em que esta é concebida, deve ser entendida como verdadeira, ou seja, como um conjunto de significação que implica numa realidade vivida por aquele grupo” (Ibidem, 3).

A tradição, portanto, baseando-se em convicções e sendo a consumação da fé, possui uma estrutura lógica dentro do seu sistema de crenças, representando a idealização, a continuidade da força dos elementos do seu credo, além de revelar a coesão, a valorização da crença, com relatos profundamente carregados da verdade e dos valores das suas convicções, apresentando-se de modo coerente com aquilo que crê o seu idealizador, “que é um ser posto no tempo e no espaço e que constrói suas representações do absoluto a partir de suas referências culturais e históricas.” (Ibidem, 5). Nesta base, as tradições dos conventos

carmelitas foram elaboradas, interiorizadas, compartilhadas e transmitidas nos ambientes carmelitas, em simultâneo com o desenvolvimento da própria história da Ordem do Carmo.

Além de que esta releitura fornecerá um modo de apreciação da relação que estabelecem com Deus face às ocorrências do mundo, o que vem de maneira válida, não só confirmar, mas também, fortalecer a sua fé, lembrando que:

“(…) fora do conhecimento empírico ou científico, as pessoas desejam se assegurar de que suas noções e conduta estará de acordo com os sentimentos e valores pouco se importando com o fato de suas premissas serem ou não cientificamente válidas e suas inferências inteiramente lógicas. E tais sentimentos e valores formam um sistema de pensamento dotado de uma lógica própria. Qualquer acontecimento é logo interpretado, como diz Lévy-Bruhl, em termos de representação, coletiva e, como diz Pareto, em termos de derivação, na lógica das representações ou dos sentimentos que estão subjacentes às derivações. São eles e não a ciência os responsáveis pela determinação dos padrões de vida.” (EVANS-PRITCHARD, 1978, 136-137).

Portanto, considerar os relatos tradicionais promoverá uma possibilidade de vislumbrarmos as peculiaridades da essência da devoção carmelita e sem eles perderíamos todo e qualquer sentido da forma como as religiosas pensam a sua própria fé e pertença, pois para as monjas carmelitas em observação, os relatos tradicionais contribuíram, de forma crucial, para a consolidação do seu patrimônio espiritual. A nós importa-nos saber como os elementos tradicionais operam na construção da identidade religiosa da Ordem do Carmo, interessa-nos saber até que ponto a Ordem do Carmo, enquanto sociedade religiosa foi composta por esses elementos tradicionais e até que ponto baseiam neles os seus sistemas funcionais.

Toda esta análise teve dificuldades que foram sendo superadas por um trabalho minucioso de análise às fontes e aos testemunhos essenciais para a compreensão de um fenômeno espiritual e devocional tão marcante no universo mariano.

Capítulo 1 – Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo

1.1 – As Origens

1.1.1 – Ordens Religiosas

As Ordens Religiosas são constituídas por homens e mulheres que partilham uma experiência religiosa e decidem viver em comunidade, dedicando as suas vidas a Deus e desenvolvendo diversas atividades em ordem ao apostolado. Estas fraternidades são caracterizadas pela associação de indivíduos que abandonam a vivência mundana, pois esta representa para eles um entrave ao desenvolvimento espiritual, ao mesmo tempo que se libertam de preocupações e distrações, que os desviam do seu caminho rumo à perfeição, para viverem em locais favoráveis ao livre exercício e aprofundamento da sua fé.

Estas iniciativas de pessoas que optaram por viverem alheias de seu meio social natural, para viverem integradas em agremiações propícias a um objetivo comum, tratam-se de práticas muito antigas, pois mesmo nas sociedades mais arcaicas encontramos esta ocorrência, não sendo, portanto possível precisarmos a data exata de seu surgimento, apenas sabemos que a sua existência percorre toda a história da humanidade, além de encontramos a descrição desse tipo de sociedade em vários grupos religiosos.

Podemos inclusive discernir, em linhas gerais, organizações estruturadas com esta finalidade mesmo em sociedades primitivas, pois já nessas, percebemos indivíduos mantidos à parte da sociedade para melhor exercerem a sua função sacerdotal, sendo que “agremiações semelhantes foram observadas na Grécia Antiga, Roma, entre antigos Judeus, budistas e jainistas da Índia e entre muçulmanos” (PORTO, 1995, 1944). Ponderamos, portanto, que desde o início dos tempos, o ser humano sentiu necessidade de afastar-se do mundo para dedicar-se unicamente a desenvolver um melhor relacionamento com o divino.

A seu tempo, as Ordens Religiosas Católicas que constituem a forma mais comum da vida cristã consagrada e têm o seu aparecimento datado dos primeiros séculos da nossa era, desempenharam importante função na expansão do cristianismo, bem como na sua consolidação, conquistando notória importância no contexto da sua história e contribuindo para o seu efetivo fortalecimento nos processos de catequização aquando da expansão territorial dos povos colonizadores.

A formação destas comunidades obedeceu ao desejo de muitos que aspiravam a seguir o modelo que Jesus Cristo lhes deixou, tendo em vista a consagração das suas vidas a Deus.

As Ordens Religiosas também têm em comum, além da subordinação à autoridade do Papado, a obrigatoriedade dos votos de “obediência, castidade e pobreza” que configuram toda a organização interna das comunidades, e se expressam em regras e constituições. Sendo que esses ‘usos e costumes’ conferem às diversas ordens, em conjunto com o carisma de cada uma, a sua identidade e as distinguem entre si (PORTO, 1995, 1934).

Esse regimento interno é, em geral, idealizado pelo fundador, de quem, a ordem, toma o nome que ostenta na sua denominação. Entretanto, isso não ocorreu com a Ordem do Carmo, tendo em vista não contarem na sua história com um fundador, por isso toma o seu nome do Monte Carmelo, em função de ter sido ali iniciada a comunidade que está na origem da referida ordem, com o seu próprio estilo vivencial e devocional. No entanto, observamos que a falta de dados precisos sobre o seu fundador ou a sua data de fundação não lhes causa qualquer constrangimento, constituindo para alguns “um não sei que de mistério a rondar a Ordem do Carmo.”²

Basicamente, existem quatro formas de vida religiosas cristãs que, apesar de todas partilharem de um forte sentimento fraterno entre os membros, diferem entre si pelo estilo de vida e pela prática devocional, e são elas: a monástica, formada por monges enclausurados que vivem da oração e do estudo, no silêncio do claustro; a mendicante, formada por religiosos que vivem da pregação e da esmola, no meio do mundo; a canonical, formada por cónegos regulares que vivem da oração e do apostolado; e a de clérigos regulares, formada por clérigos regulares ou consagrados abertos ao ensino e à missão no mundo.

1.1.2 – O Monte Carmelo

O Monte Carmelo (de ‘karmel’, ‘jardim’) situa-se na costa de Israel, conta com uma serra de 20 km de extensão e tem à sua frente o Mar Mediterrâneo, possui muitas reentrâncias, o que favoreceu a sua habitação desde a Idade da Pedra, fazendo com que as suas grutas fossem muito apreciadas para a reclusão, “inclusive pelos anacoretas que lá construíram um mosteiro no ano de 400, submetidos à Regra de São Basílio” (AMARAL, 2000-2010).

É considerado um lugar sagrado desde tempos imemoriais, mas para a espiritualidade cristã ele tem um significado especial, “considerado como a imagem da contemplação e da união com Deus” (PORTO, 1995, 514), pois segundo alguns esse lugar foi palco do duelo travado espiritualmente, do qual saiu vencedor o profeta Elias, que combateu corajosamente o

²Da entrevista à Irmã Pilar realizada a 14 de dezembro de 2010, no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

Rei Acab, por causa do seu sistema religioso, firmado na adoração de Baal, e que estava a por em causa o deus único de Israel. O culto a Baal é de origem fenícia, considerado um “deus-guerreiro em Canaã” (HINNELLS, 1995, 39), e havia sido “instituído em Israel pela Rainha Jezabel, esposa do Rei Acab”. (ELIADE, 1999, 304).

Em detrimento desses falsos profetas, Elias evidencia aos homens do povo que o Deus de Israel “Era, É e sempre Será o verdadeiro Deus”, por isso, o Monte Carmelo recebe o nome de ‘Gebel Mar Elyas’, Monte de Santo Elias, o que fez com que aos poucos, vários eremitas em busca de imitarem o modelo do Grande Profeta acorressem ao Monte Carmelo e passassem a viver solitários nas pequenas cavernas existentes no local.

1.1.3 – História da Ordem do Carmo

Sem contar com uma data exata de fundação, considera-se oficialmente o início da Ordem do Carmo “no Século XIII” (VELASCO BAYÓN, 2001, 15), tomando por base o ressurgimento da vida eremítica, ocorrido na Idade Média, em função da crise social que a Europa atravessou, devido à queda do sistema feudal, que concorreu para que a vida religiosa entrasse em franco declínio, principalmente devido às contestações aos costumes religiosos praticados na época, questionando sobre quais seriam os verdadeiros valores espirituais a serem seguidos.

Em resposta a esses acontecimentos inicia-se um período de retorno ao ideal evangélico numa tentativa de vivenciá-lo na sua pureza, ocasionando um fenómeno de renascimento espiritual, representado pelas “Cruzadas e pelas Peregrinações à Terra Santa” (VELASCO BAYÓN, 2001, 19), mas este novo grupo não se reúne como os eremitas originários, que viviam em extrema solidão e isolamento, mas por sua vez, “tomam para si uma habitação comum, com celas isoladas e seguem unidos entre si fraternalmente, sendo que em meio as suas celas possuíam um pequeno oratório onde rezavam os Salmos em conjunto e celebravam os ofícios divinos” (ALBUQUERQUE, 1997, 79).

Os “novos eremitas” passam, então, a viver no Monte Carmelo, junto à fonte de Elias, e dedicam-se exclusivamente à oração, particularmente nas suas celas ou publicamente na Capela da ‘Senhora do Lugar’, construída em honra à Virgem Maria, por volta de 1150, pelo cruzado calabrês Bertoldo com a ajuda do Patriarca D. Aimerico de Antioquia, em cumprimento de um “voto feito numa batalha” (AMARAL, 2000-2010), com uma promessa a Nossa Senhora.

Este grupo de religiosos não segue nenhuma norma específica e não pertence a nenhuma Ordem distinta, assim tendo em vista a sua conformação como grupo eclesial solicita uma “regra de vida” ao Patriarca de Jerusalém, o Bispo Alberto de Verceil, que, em 1210, intervem para organizá-los e dar-lhes um estatuto. Esse código estabelece de forma escrita e sistematizada a sua forma de viver de acordo com os elementos formais de eremitismo, onde se consigna o cumprimento da solidão, da oração, da obediência, da castidade, do jejum, da abstinência de carnes e da leitura da Sagrada Escritura.

Em 30 de janeiro de 1226, recebem a aprovação de sua Regra de Vida, chamada ‘Regra de Santo Alberto’, pelas mãos do Papa Honório III, que lhe havia sido dada a conhecer por São Simão Stock. Posteriormente a confirmação da Regra da Ordem do Carmo “deveu-se a Gregório IX, que expediu três documentos a seu favor, nos dias 5, 6 e 9 de abril de 1229” (VELASCO BAYÓN, 2001, p.23).

Mas, observamos que, no que diz respeito à aprovação dada pelo Papa Honório III, a tradição afirma que foi conseguida por intercessão de Nossa Senhora, pois no momento em que Sua Santidade se preparava

“para decretar a supressão da Ordem do Carmelo a Santíssima Virgem lhe apareceu e intercedeu pelos religiosos, pedindo que não os fizessem interditos e, além disso, os cumulasse de favores, não só aprovando suas regras, mas também confirmando seus títulos e privilégios. Após esse encontro e reunindo-se aos Cardeais, conta-lhes sua visão e em pleno consistório, aprova definitivamente a Regra dos Religiosos do Monte Carmelo” (ALBUQUERQUE, 1997, 25)

Esta aparição fortalece a crença dos religiosos que a tomaram como prova de que “Maria escolheu, por vontade própria, os carmelitas como seus filhos adotivos e preferidos por amá-los e elegê-los em seu justo merecimento, excelência e dignidade, e por isso esteja seguramente satisfeita”. (SERMÕES, 1659)

Em 1237, e em virtude da instabilidade política da Palestina, esses religiosos vêm-se obrigados a desocuparem o Monte Carmelo, aquando da invasão dos Muçulmanos à Terra Santa. Sendo assim, os religiosos que atenderam ao pedido de desocupação do Monte Carmelo migraram para o Ocidente e estabeleceram-se na Europa sob o nome de “Irmãos de Nossa Senhora do Monte Carmelo”, tendo os seus primeiros conventos nas cidades de Messina, Huine e Cambridge, de onde partiram para fundarem a Ordem Carmelita em todo o mundo.

A sua instalação fora do Monte Carmelo, não ocorreu sem que antes passassem por um difícil período de adaptação da vida eremítica, o que provocou a necessidade de alterarem algumas normas que foram corrigidas por Inocêncio IV, quando, “no dia 1 de Outubro de

1247, o Papa promulgou a célebre bula *Quae ad honorem Conditoris*, na qual incluía o texto modificado e corrigido da Regra” (VELASCO BAYÓN, 2001, 26), assim “a estrutura da vida carmelita se modificou de eremítica, ex-celas separadas, em estrutura de conventos urbanos, cenobíticos com celas contíguas e refeitório comum, transformando-se de eremítico-contemplativa em mendicante, com especial acento contemplativo” (ALBUQUERQUE, 1997, 88), sendo que o caráter mendicante da Ordem do Carmo somente foi oficializado pelo Papa Bonifácio VIII, a 3 de março de 1298.

Como não há Carmelitanismo sem a solidão, reza a tradição que a solução encontrada para se adaptarem à saída do Monte Carmelo e viverem em cidades, onde seria difícil reviver essa experiência, seria trazerem a solidão do deserto dentro de suas almas, pois “a alma contemplativa tem necessidade da solidão e do silêncio”³.

Em 1245, São Simão Stock foi eleito Geral da Ordem, incumbido de recepcionar os monges devotos a Maria vindos da Palestina e promover a adaptação da Regra às novas exigências, fundou vários conventos carmelitas e impôs ainda, por sua própria exigência, que se dedicassem os monges ao estudo nos conventos.

Quanto ao hábito, inicialmente, e para se diferenciarem das outras ordens mendicantes, os carmelitas optam por uma vestimenta composta de um manto listrado de preto e branco, que abandonam após um período de zombarias, injúrias e ridicularizações desnecessárias, pois as listras remetem a comparações vulgares com os loucos e com os presidiários, o que lhes rendeu inclusive o apelido de “frades barrados”, pelo duplo sentido, pois *barrés* significa listrado, mas em francês arcaico, a palavra *barrs*, significa “bastardo” (AZEVEDO, 2002, p. 86). Estes motivos foram suficientes para que o Papa Alexandre IV interviesse e lhes solicitasse a adoção de um manto liso. O antigo hábito “listrado” acabou por ser proibido de forma definitiva, em 1287, pelo Papa Bonifácio VIII, que estendeu a proibição a todas as outras ordens.

Em 1291, os religiosos que não atenderam ao pedido de desocupação do Monte Carmelo e aí permaneceram foram todos massacrados pelos Islamitas.

Observa-se que a Ordem do Carmo iniciou-se como uma sociedade essencialmente masculina, passando a contar oficialmente com comunidades femininas apenas a partir de “14 de outubro de 1452, com a fundação em Guelder, na Holanda pelo Beato João Soreth, geral dos carmelitas, autorizado pelo Papa Nicolau V, através da Bula Cum Nulla” (CARMELO [s.n.]

³Da entrevista à Irmã Pilar realizada a 14 de dezembro de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

1.1.4 – Ramos da Ordem do Carmo

Sabemos que, ao longo de sua história, a Ordem do Carmo foi se desenvolvendo e subdividindo em: “Carmelitas Conventuais, os que aceitaram os benefícios do Papa Eugênio IV; os Carmelitas Observantes, os que ficaram fiéis às regras primitivas; os Carmelitas Terceiros, os religiosos instituídos no século XV pelo Papa Sisto IV” (AMARAL, 2000-2010) e os Carmelitas Descalços, os que aceitaram a reforma de Santa Teresa e de S. João da Cruz.

Atualmente a Ordem do Carmo divide-se em dois ramos de religiosos assim definidos: A Ordem dos Carmelitas da Antiga Observância, este ramo é também conhecido como Carmelitas Calçados, representam o ramo mais antigo dos Carmelitas, guardam a forma devocional originária da Ordem do Carmo e são denominados pelas siglas: CC, Carm. C, OC, OCAO, OCC e O. Carm; A Ordem dos Carmelitas Descalços, este ramo foi formado em 1593 como resultado da reforma ao carisma originário da Ordem do Carmo realizado por iniciativa de Santa Teresa de Ávila juntamente com São João da Cruz. Esta reforma constitui a família carmelita que tem três “formas de vida”, a dos padres ou frades, a das monjas de clausura, e a dos leigos terceiros, e são denominados pelas siglas: CD, Carm. D., O. Carm. Disc. e OCD.

Os carmelitas, à semelhança dos outros mendicantes, são fortemente marcados pela presença e integração de leigos na sua espiritualidade, dando lugar, na atualidade a dois ramos: A Venerável Ordem Terceira do Carmo, composta por membros leigos dos Carmelitas da Antiga Observância, unidos a esses em comunhão fraterna, baseiam-se também no carisma originário da Ordem do Carmo e são denominados pelas siglas: OTC, VOTC e O. T. Carm; A Ordem dos Carmelitas Seculares Descalços, composta por membros leigos dos Carmelitas Descalços, unidos a esses em comunhão fraterna, baseiam-se também no carisma carmelita reformado e são denominados pela sigla: OCDS.

1.1.5 – Ingresso na Ordem

1.1.5.1 – Formação religiosa

O processo formativo de um religioso desenvolve-se em quatro etapas, a partir de um primeiro momento, chamado vocação, quando sente o chamamento para a vida religiosa; Num segundo momento, de formação, é quando ocorre o discernimento vocacional que o conduz (ou não) a optar por ser religioso. Numa terceira fase, consciente da vida por que

optou, ligada aos conselhos evangélicos, pronuncia os seus votos a que, num quarto momento, o seguimento propriamente dito, dará cumprimento.

Como cada Ordem Religiosa detém as suas normas e regras que regem o funcionamento do seu quotidiano e tem por função unir os seus membros, estes partilham uma mesma identidade religiosa, sendo que a construção dessa identidade se fará pela vivência de crenças e costumes comuns, construindo um ambiente propício para o desenvolvimento da sua fé. Percebemos, então que após o chamamento a viver uma vida consagrada, o religioso deverá ter em conta a sua vocação específica e os seus dons, pois a escolha por uma determinada Ordem deverá estar de acordo com a sua disposição íntima, levando em linha de conta, inclusive, o estilo de vida dessa Ordem, para que, por uma questão de afinidade, haja uma perfeita identificação com a comunidade onde pretende ingressar. Pois, além de se exigir do candidato uma capacidade adaptativa à nova rotina que assumirá, deverá haver uma perfeita identificação entre a vocação pessoal e o carisma congregacional da ordem.

Esta exigência é fruto da opção do candidato que, assumindo a sua prática como compromisso de vida e passando a ser membro de uma comunidade, deixa de ser um indivíduo isolado para ser um indivíduo inserido num contexto. Assim, ao afastar-se do seu meio social original, participa de outro meio social, entrando numa comunidade e contribuindo para ela, influenciando, pois a construção da sua identidade e do seu rosto no mundo.

1.1.5.2 – Opção de vida

A opção pela vida religiosa implica, pois uma dupla renúncia, inicialmente renuncia-se ao mundo para recolher-se em locais favoráveis para o exercício de sua crença e posteriormente renuncia-se a si mesmo em prol da vida em comunidade. A perda do poder de controlo nas suas vidas, após a entrada no convento, decorre de ser obrigatório seguir o estilo de vida dessa comunidade, mas esse facto não representa pesar algum, pois é feito de maneira voluntária.

A perda voluntária do contacto social com o exterior e a sua total entrega a uma forma de vida e a um comportamento conduz a uma condição propícia para o relacionamento com o Divino e esse relacionamento torna-se o seu único propósito de vida e fim único, despojando-

se absolutamente de qualquer controle de si mesmo e a sua interferência no mundo passará a ser feita pela oração.

Podemos assim concluir no que concerne ao processo vocacional que o indivíduo desenvolve suas preferências pessoais criando a sua identidade própria e através de um processo de afinidade identifica a sua própria identidade pessoal com a identidade coletiva de uma determinada Ordem. Nesse momento sua identidade própria, importante enquanto definidora do processo de identificação e escolha da Ordem, deve ser anulada para que assuma então, a identidade do grupo somando-se a essa para a criação de uma unidade sócio-religiosa.

No caso da candidata à vida monacal, para ingressar na Ordem deve começar por obter licença dos seus familiares e ser avaliada por meio de entrevistas realizadas pela Madre Priora e pela Mestra das Noviças. Tendo ingressado na Ordem do Carmo, a sua primeira fase será como postulante, durante um ano, depois inicia o noviciado, esta etapa tem uma duração entre um a dois anos. Após o noviciado pronuncia os votos simples e depois de três anos faz os votos solenes. Sendo somente após o ingresso na Ordem que as carmelitas vestem o hábito como sinal de sua consagração e testemunho de sua pobreza. A opção das monjas realiza-se numa vida de imitação da solidão de Maria colocando-se em reflexão permanente.

Observam as religiosas carmelitanas que “o chamamento se faz, mas cada vocação é uma história, aliás, a vocação não é pelo Carmelo em si e sim pelo amor a Deus, a colocação no Carmelo, é a vontade de Deus, pois Deus, é o Pai do amor”⁴ e tudo aquilo que se abandona no mundo, sabem que o encontram, purificado e transfigurado em Deus, pois a monja contemplativa tem o dom de “entrar” nos interesses da humanidade e nos segredos de Deus.

1.1.5.3 – Carisma e Devoção

O princípio da Ordem do Carmo e do seu carisma é dedicar-se especialmente à oração, à meditação, ao trabalho manual, na solidão, austeridade e extrema pobreza, salientando que a sua postura de humildade não as afasta da dignidade, mas antes as fortalece na comunhão espiritual. A vida de eremitismo que postulam além de evidenciar a sua total obediência a Deus revela também um forte caráter mariano, pois segundo reza a tradição, a relação dos Carmelitas com a Virgem realiza-se desde os primórdios da Ordem, “quando Elias, no cimo

⁴Da entrevista à Irmã Pilar realizada a 14 de dezembro de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

do Monte Carmelo identifica, tanto na visão que teve da nuvenzinha que subiu do mar, como também na pegada d'homem, a nítida identificação da figura da futura Mãe do Salvador, a mulher que iria esmagar a cabeça da serpente” (CARMELO [s.n.]), transformando-se assim, desde a origem, numa permanente fonte espiritual das monjas.

Sendo assim, as monjas carmelitas privilegiam o aspeto contemplativo de Maria, sendo Ela mesma, em especial, uma alma contemplativa e meditativa, conforme São Lucas observa que “Maria conservava todas estas palavras, meditando-as no seu coração” (Lc 2,19). A oração é assim a base da sua regra, o sentido próprio das suas existências, como um exercício da amizade com Deus, momento culminante da vida pessoal e comunitária, valor que hierarquiza e ordena todos os aspetos da vida religiosa carmelita, além de ser um serviço dedicado à Igreja e feito em prol da salvação das almas. A experiência contemplativa e mística, com base numa oração de intercessão, liga a cela de cada monja ao mundo, atingindo todos aqueles que no seu sofrimento recebem o benefício desta oração.

A causa a que se dedicam as Carmelitas é o desejo de sua própria perfeição e a salvação das almas, sendo para elas o mais importante manter o cuidado com a sua espiritualidade. Portanto a sua vocação é sentir-se disposta a aceitar o chamamento a uma vivência espiritualmente rica em contemplação, vivida em clausura. O seu apostolado realiza-se através da oração e da imolação, exigindo a sua mortificação, sendo “tudo isso feito em prol das almas, por causa, e para salvar as almas”⁵, “assumindo os sofrimentos alheios como sendo os seus próprios sofrimentos”⁶. O ato de assumir o sofrimento alheio não significa estoicismo, pois para elas sofrer tem o valor sobrenatural de fazê-las participarem da Paixão de Cristo, “de colaborarem na Redenção do mundo, tornando-se assim forças ativas, testemunhos de amor, e o amor é o centro, a motivação de toda a vida das monjas carmelitas” (CARMELO [s.n.]).

As Carmelitas dedicam a sua vida à oração incessante e preocupam-se sobremaneira com os que não têm quem ore por eles, por isso ocupam um lugar proeminente no Corpo Místico de Cristo como um canal de comunicação entre a miséria humana e a misericórdia divina, estão firmadas no valor da oração na sua ardente intercessão, elevando a Deus as inúmeras necessidades do mundo e excluindo qualquer forma de apostolado ativo.

Percebe-se assim a existência de grades nos Carmelos que implicam uma renúncia feita, por parte das irmãs, em função do carisma e da devoção carmelitanas, “pela exigência

⁵Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus in SCHENKEL (2009).

⁶Da entrevista à Irmã Pilar in SCHENKEL (2009).

de se separarem do mundo”⁷, mas “atrás destas grades, sacrificam-se vítimas voluntárias, que depuradas do crisol do amor, oram e padecem pelos que vivem no erro e no vício”(HÓSTIA, 1948, 35), ademais, e ao fazerem-se “prisoneiras voluntárias no cárcere do sofrimento pretendem obter do Rei a liberdade para os que gemem algemados no calabouço do erro e do crime, trabalhando como Anjos intermediários entre o Juiz e os culpados, com uma mão levantada para o Alto e a outra para a terra, procurando obter o perdão para os seus irmãos, os pecadores” (Ibidem, 13).

Ainda, de acordo coma Irmã Ignez, e segundo Villela:

“a carmelita ignora o resultado de seus esforços, o suor de suas fadigas, e, sendo seu apostolado todo espiritual e místico, só no Céu conhecerá suas conquistas. A oração é a essência de sua vida. E a súplica humilde, frequente e fervorosa que ela dirige a Deus, pela Igreja e pelos pecadores – seus irmãos, de quem deve ser o anjo intercessor – é menos um movimento dos lábios, do que um constante pulsar do coração em desejos, suspiros, anseios, pelos que sofrem, e seria apenas na Eternidade que conheceriam plenamente o valor dessa vida centrada totalmente em Deus.” (VILLELA, 1973, 43)

1.2 – A Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo

1.2.1 – Fontes de inspiração

Observamos que a Ordem do Carmo inspirou-se em duas fontes para a construção das peculiares estruturas de sua identidade religiosa, sendo essas duas fontes Elias e Maria, pois cada um, a seu modo, viveram profundamente animados da fé de que Deus está conosco, e constituíram modelos de vidas exemplares a serem seguidos pelos fiéis, sendo que Elias influenciará o que diz respeito às características do seu aspecto vivencial e Maria influenciará o que diz respeito às características do seu aspecto devocional.

Segundo reza a tradição as duas fontes de inspiração da Ordem do Carmo são tomadas pelo Padre Antonio Vieira, como a representação de que a “sagrada religião carmelitana teve dois nascimentos também virginais: um antiqüíssimo na lei escrita, em que nasceu de Elias virgem, que foi nascimento de pai sem mãe; outro menos antigo, na lei da graça, em que nasceu da Virgem Maria, que foi nascimento de Mãe sem pai” (VIEIRA, 1659).

⁷Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus in SCHENKEL (2009).

1.2.1.1 – Santo Elias

A primeira fonte de inspiração para a Ordem do Carmo é o judeu Elias, ‘El-yah’, ‘O Senhor é meu Deus’, foi um dos maiores e o mais respeitado profeta da tradição cristã, considerado um homem de grande espírito e admiráveis virtudes, tinha um estreito relacionamento com Deus de quem recebeu várias revelações e manteve-se sempre fiel à Sua palavra.

Elias, “o tesbita” (1Rs 21, 17), “nasceu em Tesbas, ‘El-Ishtib’, cidade da tribo de Neftali” (PORTO, 1995, 925), por volta do “século IX a.C.” (ELIADE, 1999, 304), exercendo “o seu ministério profético em Israel sob o reinado de Acab (874-853 a.C.) e Oclozias (853-852 a.C.)” (BORRIELLO, 2003, 350), realizando vários milagres, viveu de forma extremamente simples, com espírito de penitência, no recolhimento e no silêncio, numa das inúmeras grutas do Monte Carmelo. Segundo reza a tradição, Elias não conheceu a morte, pois ainda em vida “foi arrebatado aos céus por um redemoinho de ventos” (2Rs 2, 11), um fenômeno chamado de transladação.

1.2.1.2 – Nossa Senhora do Carmo

A segunda fonte de inspiração para a Ordem do Carmo é Maria e com o lema “O Carmelo é todo de Maria!” (CARMELO [s.n.]). A Ordem do Carmo fundamenta-se, tanto no seu modo de pensar como também no seu modo de agir, por seguir o exemplo da Mãe de Deus, evidenciando que não há nada nos Carmelitas que não pertença à Virgem Santíssima. Buscam portanto, na fidelidade do seguimento de Maria, uma identificação com Ela e sendo, por todos, reconhecidos como seus filhos e servos devotados, o que se evidencia na maneira como se cumprimentam usando a saudação ‘eis aí um filho de Maria!’. Esta saudação, inclusive, beneficiava com indulgências todos os fiéis que a usassem

Reza a tradição que “a própria razão da existência da Ordem do Carmo se faz em realização da profunda Vontade Divina em glorificação da Virgem, vindo a ocorrer em cumprimento da profecia sobre a Mãe do Salvador” (CARMELO [s.n.]), de que Ela “abundantemente florescerá, e também jubilará de alegria e cantará; a glória do Líbano se lhe deu a excelência do Carmelo e Sarom; eles verão a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus” (Is 35, 2).

Ter Nossa Senhora do Carmo como patrona não significa para os Carmelitas apenas a implicação do dever de honrá-la e glorificá-la, mas também a garantia do direito da sua

proteção, sentindo-se unidos a Ela de maneira não só vital como também existencial. Sendo Maria a Senhora absoluta dos Carmelitas, que procuram a todo o tempo imitar as Suas virtudes, e dessa forma honrar a Virgem Santíssima, ao mesmo tempo, como sua Senhora e também como sua Mãe, denotando um relacionamento maternal das monjas com Maria.

A “vida contemplativa dos religiosos estaria incompleta se não se orientasse a um amor filial Àquela que é a Mãe da Igreja e das almas consagradas” (JOÃO PAULO II, 1980), é d’Ela também que retiram o modelo e o guia a ser seguidos com absoluta disponibilidade e aceitação incondicional. Sendo, portanto, esse o projeto de vida das Carmelitas, sentem-se obrigadas a servir a Deus e à sua Mãe Santíssima, dedicando-se à salvação das almas, e consagrando à Virgem as igrejas que constroem junto aos seus conventos.

A convicção das Carmelitas nas qualidades inerentes à Mãe Suprema presentes em Maria, pela sua devoção e admiração, fez com que florescessem distintos títulos marianos no decorrer da história da Ordem do Carmo, da Patrona à *Domina Loci*; da Virgem Puríssima à Irmã; da Mãe do Senhor à *Mater El décor Carmeli*; da *Flos Carmeli* à *Stella Maris*.

E vários foram não apenas os títulos da Mãe de Deus inseridos na fórmula da sua profissão de fé, mas também as diversas festividades marianas no seu calendário litúrgico. Assim, em 1281, temos Beata Virgem do Monte Carmelo; em 1294, o nome de Maria foi inserido no *Confiteor*; em 1312, estabeleceu-se o ofício de Nossa Senhora a ser recitado aos Sábados, o Dia da Senhora; a Missa da Beata Virgem Maria deve ser cantada diariamente; a festa da Imaculada Conceição foi inserida no seu calendário litúrgico; em 1324, o *Salve Rainha* foi prescrito em todas as horas canônicas do Ofício Divino; a partir de meados do século XIV, iniciam-se as celebrações e as festas da Purificação, Anunciação, Assunção e Natividade de Maria; em 1312, introduz-se a festa da Imaculada Conceição; e, em 1836, a comemoração solene da Bem Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

Também veremos surgir por inspirações recebidas pelas Irmãs Carmelitas entre outros títulos, “em 1883, Nossa Senhora do Sorriso”⁸; “em 1886, Nossa Senhora de La Pampa”⁹; e mais recentemente, em 1918, a invocação de Nossa Senhora da Saudade no Carmelo de São José em Petrópolis, sendo que “esse último título já consta na Lista Oficial de Invocações de Maria mantida pela Academia Marial sediada no Santuário Nacional e pertencente à Arquidiocese de Aparecida”¹⁰.

⁸Usada por Santa Teresinha do Menino Jesus, Carmelo de Lisieux, França.

⁹Na comunidade das Irmãs Carmelitas Descalças da Arquidiocese do Rosário, Argentina.

¹⁰ Entrevista ao Padre Antonio Clayton Sant’anna, Diretor Responsável pela Academia Marial do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, realizada por telefone, a três de agosto de 2010.

1.2.2 – O Santo Escapulário

A Ordem do Carmo está, pois, fundada em honra da Santíssima Virgem, sua singular Padroeira, a Nossa Senhora do Carmo¹¹, a sua celebração é realizada no dia 16 de julho, e nessa mesma data também se comemora a ocorrência da Sua aparição, em 1251, a São Simão Stock quando, segundo reza a tradição carmelitana, enquanto ele lhe rezava¹², Ela teria vindo ao seu encontro para abençoá-lo¹³ e entregar-lhe nas suas mãos o Santo Escapulário, como penhor de salvação e que beneficia quem o usar com a proteção de Maria.

O Santo Escapulário, “portanto significa: a) sinal de salvação. ‘Quem com ele morrer não se condenará’; b) incolumidades nos perigos temporais; c) consagração total a Maria; d) participação da vida espiritual da Ordem Carmelitana” (ALBUQUERQUE, 1997, 40). Para usá-lo, o fiel deverá pedir proteção¹⁴, além de observar o cumprimento das exigências de ser o Escapulário benzido por um Sacerdote e também:

“trazê-lo dia e noite consigo e trocá-lo por um novo caso vier a estragá-lo, rezar todos os dias a Oração a Nossa Senhora do Carmo, dizer sim a Deus, como Maria, levar vida de oração e participação na Igreja e freqüentar os sacramentos, dedicar diariamente um tempo para a oração e a leitura da Bíblia, dizendo sim aos irmãos, como Maria, estar atento às necessidades do próximo, pronto para socorrê-lo na caridade e na fraternidade.” (CARMELO [s.n.]).

O estreito relacionamento mantido entre as Carmelitas e Nossa Senhora do Carmo consolidou-lhes o espírito mariano de maneira definitiva, podendo-se dizer, não apenas que “o Carmelo é todo de Maria”, mas também que “Maria é toda do Carmelo” (CARMELO [s.n.]). Assim, Maria apresentada como a mediadora na relação entre Deus e os homens, inspira as experiências religiosas destas religiosas através de sua mediação num encontro autêntico com o Sagrado, sendo, por isso, considerada tanto como Irmã e como Mãe da comunidade.

Observa-se, entretanto, que no decorrer da história das ordens religiosas, o escapulário é considerado como “peça do hábito religioso, que consiste numa tira de pano pendente sobre o peito, distintivo de várias ordens religiosas” (PORTO, 1995, 962), também “conhecido como bentinho, sendo caracterizado como uma parte do hábito religioso e geralmente trazendo o símbolo ou a imagem da ordem a que pertence” (Ibidem). O seu uso “não era prescrito antes do século XVI” (Ibidem), e somente veio a representar uma peça singular dos Carmelitas “por volta de 1280” (Ibidem).

¹¹Oração em devoção a Nossa Senhora do Carmo, Anexo A, página 116.

¹²Saudação a Nossa Senhora do Carmo, Anexo B, página 116.

¹³Bênção de Nossa Senhora do Carmo recebida por São Simão Stock, Anexo C, página 116.

¹⁴Súplica pela proteção de Nossa Senhora do Carmo, Anexo D, página 116.

Segundo reza a tradição, o Padre Antonio Vieira considera que, para a Ordem do Carmo:

“o estabelecimento das duas cores e as duas peças do hábito carmelitano são a prova e a herança de seus dois nascimentos, sendo que a prova e a herança do nascimento do pai sem mãe é o manto branco, dado por Elias nas mãos de Eliseu; e a prova e a herança do nascimento de Mãe sem pai é o escapulário pardo, dado pela Virgem Maria nas mãos de Simão, também carmelita e geral santo dos carmelitas.” (SERMÕES, 1659).

E ainda que:

“nesta troca do céu e terra tinham tanto de celestiais esses nascimentos, e tanto de celestiais essas duas peças ou divisas do hábito carmelitano, que a Mãe trouxe o escapulário descendo do céu à terra, e o pai lançou o manto subindo da terra ao céu.” (Ibidem)

Mas, este duplo nascimento da Ordem do Carmo apontado pelo Padre Antonio Vieira não se reflete apenas na composição do seu hábito, como também na composição do seu escudo, que vem a surgir em 1499, sendo o verdadeiro emblema da Ordem, pois revela a sua simplicidade essencial e característica, bem como traz em si a representatividade das suas duas fontes de inspiração o que lhe confere um significado sagrado para os carmelitas.

1.2.3 – Brasão

Sob a ótica da heráldica eclesiástica católica, a análise da composição do Brasão da Ordem dos Carmelitas Descalços¹⁵ leva-nos a interpretá-lo de maneira a vermos a própria história da Ordem do Carmo desenrolar-se nele e sendo narrada através dos seus elementos.

O Monte Carmelo, está representado ao centro, em castanho, desenhado em linhas gerais, mostrando uma montanha com ladeiras curvas, cuja subida é íngreme como a jornada espiritual que se propõem realizar para alcançarem a perfeição.

Elias está representado pela estrela prateada ao centro da montanha, figurando a derrota dos falsos profetas de Baal em honra de Nosso Senhor Deus Pai, pelo braço que impunha a espada em chamas, pela inscrição em latim ZELO ZELATUS SUM PRO DOMINO DEO EXERCITUUM, “Consumo-me de zelo pelo Senhor, Deus dos Exércitos” (1Rs 19, 10), bem como também pelo fundo branco, legado precioso deixado pelo profeta, remetendo para a pureza da Ordem do Carmo.

Maria Santíssima está representada também pelo fundo branco, vestes eternamente virginais, contempladas por Elias numa nuvem branca que subiu do mar aos céus (CARMELO [s.n.]), pela Coroa lembrando que é a Rainha do Carmelo, bem como pelas 12

¹⁵ Brasão do Carmelo de São José, Figura 1, página 93.

estrelas, em honra dos doze privilégios e as doze graças singulares que Ela concedeu aos carmelitas, símbolo incontestável da visão de São João, da mulher que viria para derrotar o mal (Apo 12, 1-17).

Observa-se que o único elemento figurativo que distingue o escudo dos Calçados¹⁶ do escudo dos Descalços¹⁷ faz-se pela Cruz no cimo do Monte Carmelo, “elemento acrescentado, quando da reforma teresiana, por São João da Cruz (t 1591) para quem o Monte Carmelo representava o símbolo da união com Deus e que propõe ‘subi-lo’ à guisa de iniciação”¹⁸ e essa vem a representar o objetivo a ser alcançado através da busca feita pela subida espiritual da montanha, realizada com a esperança na consagração da união com Nosso Senhor Jesus Cristo pelo Mistério da Redenção.

Outro elemento de distinção, não figurativo, mas sim interpretativo, diz respeito às duas estrelas que brilham no céu do Carmo, para os Calçados, representam Santo Elias e Santo Eliseu, já para os Descalços, representam Santa Teresa e São João da Cruz.

1.3 – A Reforma Teresiana

1.3.1 – Santa Teresa de Ávila

Teresa de Ahumada y Cepeda nasceu a 28 de março de 1515, em Ávila, na Espanha. Filha de Alonso Sánches de Cepeda e Beatriz D’Ávila de Ahumada, desde muito cedo se mostrou muito sensível à leitura das histórias das vidas, sacrificadas e glorificadas, dos santos, a ponto de fazê-la empreender, juntamente com o seu irmão, uma frustrada tentativa de fugir de casa em busca do martírio que, em sua opinião, a levaria a morrer em nome de Deus, conquistando assim a Glória Eterna do Reino dos Céus.

O seu relacionamento com a Virgem Maria irá estreitar-se quando, aos 12 anos, Santa Teresa perde a sua mãe, e aos pés de Nossa Senhora afirma decididamente ser Esta a quem escolherá por sua Mãe. Entendendo que a esse pedido a Virgem Santíssima atenderá prontamente, Teresa sentirá para sempre essa proteção.

O seu pai, pretendendo prover-lhe uma virtuosa formação, entrega Teresa aos cuidados das religiosas agostinhas, no Convento da Encarnação, e apesar da sua pronta conversão, acomete-a uma grave doença que a obriga a voltar para casa. Durante a sua

¹⁶ Escudo da Ordem dos Carmelitas da Antiga Observância, Figura 2 – Página 93.

¹⁷ Escudo da Ordem dos Carmelitas Descalços, Figura 3, página 93.

¹⁸ HENNEAU (2009, p. 312).

enfermidade Teresa decide abraçar a vida religiosa. Apesar da oposição paternal acaba, aos 20 anos, por fugir em direção a Ávila para dedicar-se a Deus, juntamente com as Irmãs Carmelitas, onde satisfaz por completo a sua verdadeira vocação, crendo que foi, por intercessão de Maria Santíssima e de São José, que se estabeleceu definitivamente no seu coração o amor a Deus e a sua disposição para servi-Lo. Ingressa no Carmelo da Encarnação a 2 de novembro de 1535, em 1536 recebe o hábito e, em 1537, emite os votos perpétuos.

Durante toda a sua vida foi acometida várias vezes por um processo chamado de Transverberação, que lhe provocava um profundo êxtase, durante o qual sentia que um anjo atravessava o seu coração com uma seta de fogo, este facto, de união mística, é celebrado no dia 27 de agosto.

Teresa faleceu aos 67 anos, a 4 de outubro de 1582, em Alba de Tormes e reza a tradição que:

“no momento de sua morte exalou um deliciosíssimo perfume, sendo que seu coração é guardado como relíquia na Igreja das Carmelitas em Alba, e apresenta larga e profunda fenda, que se acredita ser o resultado do transpasse da lança do Anjo durante o processo de Transverberação.” (CARMELO [s.n.]

Posteriormente, este facto foi analisado e desmistificado como sendo o resultado de um fulminante ataque cardíaco provocado por um “enfarto do miocárdio” (NÓVOA SANTOS, 1927, 38) sofrido por Teresa.

Santa Teresa deixou ao mundo importantíssimas obras, frutos das suas confissões pessoais, resultado dos apontamentos que fazia das suas reflexões particulares e das experiências místicas vividas, e contendo orientações sobre a oração. São elas: Vida, Caminho da perfeição; Castelo Interior ou Moradas; Fundações e Pensamentos sobre o amor de Deus. O dia da sua memória celebra-se a 15 de outubro. Em 1614, foi beatificada, em 1622 foi canonizada, e em 1970 foi proclamada Doutora da Igreja pelo Papa Paulo VI.

1.3.2 – A Reforma

Ocorreu, entretanto, que Santa Teresa impressionando-se sobremaneira pela visão que teve num sonho, entende “que o Senhor queria fazer-me ver o lugar que os demônios aí me haviam preparado, e eu merecera por meus pecados” (CARMELO [s.n.]). Desse sonho que diz ter durado brevíssimo tempo, afirma que “ainda que vivesse muitos anos, acho impossível esquecê-lo. As dores da terra são incomparáveis às dores do inferno e aflições eternas. Como

foi isso, não sei, mas bem entendi ser grande graça do Senhor querer que eu visse, com meus olhos, de onde sua misericórdia me havia livrado” (Ibidem).

Esse seria o lugar que lhe seria reservado no inferno caso ela houvesse escolhido o caminho da vaidade, e entendendo que “tudo nesse mundo é vaidade, exceto amar a Deus e só a ele servir” (Imitação de Cristo I, 4), foi tomada pelo que julgou ser uma revelação e resolveu reformar a Ordem Carmelita restabelecendo todo o seu rigor original. Não sem muita resistência, Santa Teresa acaba por fundar trinta e dois mosteiros, sendo dezassete femininos e quinze masculinos, esses com o auxílio de São João da Cruz.

Nesta busca pelo ideal de perfeição, Santa Teresa de Ávila julga necessário reformar o Carmelo por encontrá-lo afastado das suas iniciais propostas de contemplação, pois segundo o seu entendimento, as alterações feitas para facilitar a adaptação dos Carmelitas que foram obrigados a viver fora do Monte Carmelo, provocaram um relaxamento nas regras primitivas e acabaram por descaracterizar a própria Ordem do Carmo. Assim, assume a tarefa de recolocá-lo novamente no seu caminho, resgatando-lhe a firmeza do carisma original carmelita, como sendo um movimento da mais estrita observância, e tendo como seu principal motivo a oração eclesial, partindo da clara visão que tem de ser essa a vontade de Deus.

A Reforma de Santa Teresa visava a recuperação do ideal carmelita mais autêntico retomando o exercício da contemplação pela prática da meditação diária, do silêncio e da mortificação, restaurando, assim, a excelência da vida comunitária carmelitana e levando a Ordem do Carmo a viver na sua severidade original. Procura, pois, pela fusão entre o ideal contemplativo e o ideal apostólico, restituir o primitivo fervor aliado à vida de penitência que é reconhecida como o suporte fundamental da teologia ascética e mística. Esta vida mística funda-se na busca pelo desenvolvimento das virtudes de fé, esperança, caridade, humildade e desapego, e tem como principais características a busca intensa de Deus, a comunhão com Ele, o repouso na prática da oração e o esforço de purificação, a quietude em Deus e a inquietude pela salvação do mundo, solidão, silêncio, retiro e zelo pelas almas do mundo.

Em 1560, com autorização do Papa Pio IV, Santa Teresa propõe a fundação de um mosteiro de tipo eremítico, o primeiro convento carmelita feminino das monjas descalças, projeto que leva a cabo em 1562, nascendo o Mosteiro de São José. Simultaneamente, São João da Cruz funda em Durelo o primeiro convento masculino para os frades carmelitas descalços.

Portanto, considera-se que, no século XVI, o Carmelo passou por um processo de vital importância para o estabelecimento da sua devoção, pois a Reforma de Santa Teresa beneficiou grandemente a Ordem do Carmo pela robusta espiritualidade contida nas obras

imortais da Santa de Ávila e de São João da Cruz, e foi oficializada por Decreto no Concílio de Trento, realizado nos anos de 1544 a 1563, dando “origem ao novo e vigoroso ramo dos Carmelitas Descalços, que terá o seu próprio andamento” (VELASCO BAYÓN, 2001, 15) independente da Velha Ordem que continuou o seu caminho.

Em 1580, o Papa Gregório XIII concede autonomia aos Carmelitas Descalços e em 1593, o Papa Clemente VIII estabelece como Carmelitas Calçados os Carmelitas da Antiga Observância, como forma de diferenciação.

1.3.3 – A Mística

O culto cristão pode apresentar-se basicamente através de duas dimensões, uma delas é a dimensão existencial e a outra é a dimensão mística. Na dimensão existencial, de aspecto litúrgico, observa-se a dedicação ao serviço de Deus por meio do amor solidário, da prática do bem e da luta pela justiça, ocorrendo a execução de boas obras firmadas nas atividades sinceras das almas dispostas a cumprir o mandamento de Cristo na exercitação ativa em “amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo” (Lc 10, 27).

Já a dimensão mística, de aspecto privado, afirma-se numa relação explícita com o sagrado e o conhecimento é adquirido diretamente de Deus, incompreensível pela razão e sem palavras para descrevê-lo, sendo considerado como um conhecimento vivenciado de uma experiência de profunda religiosidade. Nesta experiência anímica, o entendimento somente é possível de maneira subjetiva na busca por atingir o sagrado através da fé e ultrapassando qualquer norma.

Segundo o Cântone 663, “a contemplação das coisas divinas e a união com Deus na oração é o primeiro e principal dever de todos os religiosos” (JOÃO PAULO II, 2005, 183), e para os místicos, mesmo que essa comunhão ocorra de maneira difusa, sentem quando a sua alma é tocada pelo Espírito Santo, sendo atraídos e seduzidos por esta intimidade com Deus e já não podendo mais viver sem Ele. Assim, São João da Cruz descreve as primeiras etapas de uma ascensão que requer o abandono total, a Deus, do que não é Deus e uma vez purificado, o espírito do dirigido permanecerá numa noite escura em que talvez venha se manifestar uma presença no âmago da ausência” (HENNEAU, 2009, 312).

A ausência dessa maior intimidade provoca uma sensação de carência, descrita como um desejo por retomar esta intimidade. Portanto, a reclusão carmelita não é apenas a busca do isolamento, mas sim uma busca do divino pelo distanciamento afetivo das demais coisas, e requer silêncio e isolamento para que nada perturbe a união amorosa com Deus, indo ao

encontro do cumprimento da promessa de que “levá-lo-ei à solidão e aí falarei ao seu coração” (Os 2, 14).

A vivência da experiência mística consiste em transcender os limites de si mesmo e projetar-se numa comunhão intuitiva com Deus, sendo que a sensação perturbadora derivada desse encontro é diferente de tudo aquilo que já se experimentou e não encontra precedentes em qualquer outra experiência cotidiana, nem mesmo se pode dela ter um conhecimento prévio. E também, quaisquer relatos que se faça dela é sempre mera especulação, nunca abarcando a experiência na sua totalidade, podendo apenas simulá-la, visto que tudo o que se possa dizer sobre ela estará carregado de simbologia, que na maioria dos casos só encontra significado para quem conduz a narrativa, e quase nunca a quem se dirige. Isto acontece, segundo o entendimento da Irmã Ignez, porque “a linguagem terrena não tem coloridos para revelar as impressões divinas” (HÓSTIA, 1948, 26-27). E sobre o aspecto da incomunicabilidade da vivência isso ocorre porque ao recobrar a sua consciência, o místico “nada sabe dizer concretamente do magnífico panorama que acaba de prender-se em seus olhos, nem das delícias gozadas no mergulho. Dessa experiência abissal só pode transmitir o vago e o profundo que encerra essa palavra: Inefável” (NÓVOA SANTOS, 1932, 15).

1.3.4 – A Mística Teresiana

Santa Teresa tinha um modo particular de relacionar-se com Deus, de maneira íntima e direta, a que chamamos atualmente a mística teresiana. Um relacionamento desenvolvido através do que ela chamou os quatro graus da oração, ou seja, uma escala ascendente da relação da criatura com o Criador. A essas quatro regras também dá o nome de quatro águas, comparando-as com a forma como as águas do Espírito Santo regam o jardim em flor da nossa alma. A primeira, seria a água do poço tirada com um balde; a segunda, seria a água do poço tirada com roldana; a terceira, a água da fonte ou rio; e a quarta, a água da chuva.

O primeiro grau é a “*Oração dos Principiantes*”, o recolhimento realizado de forma amorosa e silenciosa; o segundo grau é a “*Oração de Quietação*”, a quietude realizada no abandono pacífico de si; o terceiro grau é o “*Sono das Potências*”, a união realizada de forma deleitosa e embriagante; e o quarto grau a “*União das Potências*”, o arrebatamento realizado de forma extasiante pela união com o Divino.

O objetivo a ser alcançado através dos Quatro Graus é o desenvolvimento de um relacionamento íntimo com Deus, pois oferece a possibilidade de estabelecer uma abertura do espírito humano, feita através de uma busca sincera por Deus, sendo que o êxtase místico

representa o mais alto grau da relação entre a criatura que se entrega em total abandono amoroso de si ao Criador.

A mística teresiana distingue-se pois por promover uma comunhão direta com Deus, em que o místico será movido por Deus ao mesmo tempo em que se move n'Ele através de uma abertura dócil à ação de Deus, entregando-se completamente a Ele. Esta prática é entendida pelos místicos como uma oferta, um prelúdio da união definitiva com Deus a ser realizada no futuro, considerando as carmelitas, que começa aqui essa união que se consumará depois da morte de forma completa e definitiva, no Paraíso, sendo essa a idéia que fazem do Céu, “porque aqui neste mundo, não há possibilidade de união plena, faltando algo de indefinível para a união se dar de maneira definitiva”¹⁹, mas confiando que por “agora vemos como que por espelho, em enigma, mas então veremos face a face, agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido”(1 Cor 13, 12).

A mística, segundo a definição de Padre João Gualberto do Amaral, para quem o “natural era o sobrenatural” (AMARAL, 1944) é “contemplar, ver a nosso modo, pela contemplação infundida divinamente por dom do Espírito Santo, e ainda que incompleta, seria uma intuição de Deus muito mais elevada que os atos da razão; é uma vista de Deus, não raciocínio” (Ibidem). Isto acontece em função de, segundo Santa Teresa, o conhecimento místico ser adquirido diretamente de Deus, “que fala sem o ruído das palavras” (VILLELA, 1973, 86), através da experiência dos Seus mistérios, apesar de Deus continuar sendo sempre um infinito mistério. Sendo que “essa alma que busca um instante na profundidade deslumbrante, de onde vê uma paisagem maravilhosa e apreende revelações sobre a Verdade inacessível” (NÓVOA SANTOS, 1932, 14), onde segredos lhe são revelados por Sua graça às almas que O buscam essencialmente e através da amorosa e misteriosa comunhão que ocorre de modo particular entre os Cristãos e Deus. Segundo a Irmã Ignez, para o místico, “todas as energias de seu espírito concentram-se no maior conhecimento do Senhor, para sempre amá-lo” (VILLELA, 1973, 43).

¹⁹Da entrevista à Irmã Pilar in SCHENKEL (2009).

1.4 – A Ordem do Carmo no Brasil

1.4.1 – As primeiras incursões

Os primeiros conventos carmelitas de que se tem notícia na história do Brasil tiveram origem em Portugal, na época da colonização e pertenciam à Ordem dos Carmelitas da Antiga Observância.

Em 1580, houve uma tentativa de fundar um Carmelo no estado de Paraíba, mas essa tentativa foi frustrada devido a uma violenta tempestade que obrigou os religiosos a estabelecerem-se em Pernambuco, nascendo assim, em 1583, o Convento do Carmo de Olinda. Dessa casa saíram várias missões para fundarem outros Conventos. Em 1586, fundou-se o Convento do Carmo em Salvador/BA; em 1589, o Convento de Santos/SP; em 1590, o Convento da Praça XV/RJ; em 1593, o Convento de Angra dos Reis/RJ; em 1594, o Convento da Capital/SP; em 1600, o Convento de São Cristóvão/SE; em 1608, o Convento de Vila Real/PB; em 1616, o Convento de São Luís/MA; em 1624, o Convento de Belém/PA; e em 1629, o Convento de Mogi das Cruzes/SP.

No Sudeste do país, a primeira Congregação Feminina data do século XIX e surge por iniciativa da Senhora Rita de Cássia Aguiar, nascendo, em 1899, as Irmãs Carmelitas da Divina Providência. Dados recentes mostram que esta Congregação possui 44 casas, 291 irmãs e uma missão no Equador. Só em 1938, é que surgem as Irmãs Missionárias Carmelitas de Jesus no Nordeste.

Os Carmelitas Descalços, por sua vez e em 1663, fundam o seu primeiro Carmelo em Salvador/BA. Em 1686, acontece que os religiosos que chegaram a Pernambuco para se juntarem aos que estavam em Salvador, ali se estabeleceram devido a uma terrível enfermidade que acometeu a população local, e como os religiosos manifestaram a sua caridade e zelo apostólico em socorrê-los, acabaram por se instalarem naquela região e fundarem, em Olinda, o segundo Carmelo Descalço do Brasil. Destas duas casas saíram várias missões para fundarem outros Conventos Descalços em todo o território.

Mas, em 1823, depois de declarada a independência do Brasil, esses religiosos, por serem portugueses tiveram todos os seus bens transferidos para o estado, pela instituição da Lei da Conversão dos Bens de Raiz, além de terem sido expulsos do Brasil, facto que acabou por extinguir a Ordem em Olinda. Ocorreu também, em 1840, a extinção da sede da Baía e conseqüentemente todas as outras casas da Ordem existentes no Brasil.

Somente, em 1911, veremos ressurgir o movimento dos Carmelitas Descalços, mas agora vindo de Montevidéu, na Argentina. Conhecidos como “Movimento Espanhol” estabeleceram-se no Sul do país, com a intenção de retomar o trabalho dos seus irmãos portugueses. Fundaram a primeira casa em Uruguaiana e logo após fundaram conventos em Alegrete e Porto Alegre. Outras correntes distintas marcaram a entrada dos Carmelitas no Brasil. Assim, em 1948, chegaram monges da Holanda e da Itália; em 1952, da Espanha; e em 1988, da Colômbia.

1.4.2 – Exigência popular

Conforme vimos anteriormente, várias foram as incursões Carmelitas no Brasil, mas, também testemunhamos um caso de fundação de um convento da Ordem Carmelita Descalça pela manifestação de uma exigência popular, ocorrida de forma espontânea, simples e definitiva na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Dona Jacinta Rodrigues Ayres nasceu a 15 de outubro de 1715, no dia de festa de Santa Teresa de Ávila, era filha do emigrante português José Rodrigues Ayres e da brasileira Maria de Lemos Pereira, família nobre e cristã que a batizaram logo após o seu nascimento, a 6 de novembro do mesmo ano. Dedicou-se desde cedo ao estudo do catecismo e sentiu-se fortemente atraída pela vida religiosa, vocação também sentida por sua irmã Francisca, mas face à inexistência de conventos católicos na colônia Brasil por proibição da Coroa portuguesa, vêem como única possibilidade de seguirem a sua vocação partirem para Portugal, mas um terrível acidente acomete Dona Jacinta impedindo-as de viajarem.

A solução chegou para Dona Jacinta, pelo que ela julgou ser uma inspiração, para que escolhesse um lugar ermo e se reunisse com a sua irmã e com outras jovens, que quisessem acompanhá-las, para se dedicarem à oração. Para esse efeito, a 27 de março de 1742, escolheu a Chácara da Bica, adquirida pelo seu tio materno, o capitão Manoel Pereira Ramos, e para si tomou o nome de Irmã Jacinta de São José e sua irmã tomou o nome de Irmã Francisca de Jesus Maria, constituindo-se assim como a primeira discípula de Santa Teresa de Ávila na América Latina, pois ela passou prontamente a viver conforme a Regra do Carmo e as Constituições da sua reformadora e a fazer uso do hábito Carmelita. Contou com a orientação espiritual do bispo Dom João da Cruz, OCD, de quem recebeu licença para o exercício da sua profissão.

Em 1748, após o falecimento da irmã Francisca de Jesus Maria, a irmã Jacinta de São José passa a receber candidatas à vida religiosa, e em 22 de outubro, por autorização do bispo

do Rio de Janeiro, D. Frei António do Desterro, fazem a investidura religiosa carmelitana. Como capelão do convento foi nomeado o Padre José Gonçalves.

Em 1950, recebem as religiosas, em doação o Morro do Desterro, depois chamado Morro de Santa Teresa, e lançam a primeira pedra da construção da Nova Casa, e já no dia 24 de junho de 1751, mudam-se da Chácara da Bica para o convento ainda inacabado. A 24 de junho de 1752, Madre Jacinta de São José fundou o Convento de Santa Teresa no Rio de Janeiro com a aprovação do Bispo Dom Frei Antônio do Desterro, OSB, e com a permissão do Governador Gomes Freire de Andrade.

A 13 de novembro de 1753, a Madre Jacinta vai a Portugal pedir o Alvará Régio e o Breve Pontifício para que pudessem professar oficialmente como religiosas, as Constituições da Regra Carmelitana Reformada por Santa Teresa. Em Lisboa foi recebida pessoalmente pelo Rei D. José I, o Reformador, que expediu o Alvará Régio, a 27 de setembro de 1755, no mesmo ano em que o Papa Bento XIV expediu o Breve Pontifício, a 22 de dezembro. No período em que esteve em terras lusitanas frequentou o Convento de Santo Alberto, primeiro Carmelo descalço feminino de Portugal, fundado pela Madre María de San José, em 19 de janeiro de 1585, em Lisboa. O Alvará Régio expedido pelo Rei D. José I, foi posteriormente confirmado por sua filha D. Maria I.

Madre Jacinta volta ao Brasil em 17 de abril, trazendo consigo as Regras e as Constituições, em língua portuguesa, traduzidas para a Congregação do Reino de Portugal, e trouxe também o Cerimonial e o Manual, em língua espanhola, sendo esses os documentos que contêm as instruções normativas que passam a reger o Convento de Santa Teresa e vigoraram até meados do século XX, quando se verificaram as mudanças das Constituições, Cerimonial e Manual, adaptando-os aos novos ditames da Santa Igreja Católica, frutos do Concílio Vaticano II.

A partir deste Carmelo foram fundados outros 35 Carmelos no Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste e Sul do país, dedicando-se estas religiosas a atividades como a instrução e assistência moral e religiosa do povo, bem como à propagação da devoção mariana, destacando-se os seus serviços em várias missões de pregação por todo o país. No entanto, cada uma destas comunidades traz em si características peculiares ao seu jeito próprio de ser carmelita segundo o coração de Deus, mas todas estão comprometidas com a missão de manter aceso o desejo de Deus, reafirmando que só existe felicidade completa na união amorosa entre o homem e Deus, o que faz transbordar o amor pela humanidade.

Capítulo 2 – Ordem Religiosa do Carmelo de São José de Petrópolis

2.1 - Fundação

2.1.1 – Petrópolis

Petrópolis, a “cidade de Pedro”, dista 70 km da capital homônima do Estado do Rio de Janeiro e está a 838 metros acima do nível do mar, no topo da Serra da Estrela que pertence à cadeia montanhosa da Serra dos Órgãos. A sua fundação data do dia 16 de março de 1843, e foi realizada por D. Pedro II, através do Decreto Imperial nº 155, nas terras da fazenda Córrego Seco, adquiridas por D. Pedro I, em 1830.

Para tanto, D. Pedro II baseou-se no Plano de Arrendamento das Terras do Córrego Seco, fazenda desmembrada da Sesmaria do Itamarati, no primitivo Vale Indígena do Piabanha, visando a fundação da empreitada que ele denominou de “Povoação-Palácio de Petrópolis”. Contava na época com “17 anos de idade, mesmo ano em que se casaria com D. Teresa Cristina, Princesa de Nápolis” (RABAÇO, 1985, VIII).

A escolha desse local para a construção do Palácio de Verão pelo Imperador deve-se a alguns fatores estratégicos, como a proximidade da capital e a altitude que favorece o clima ameno, a segurança e a soberania, e ainda, a calma e a tranquilidade do ambiente que proporcionava a paz de espírito. Neste local descansava e dedicava-se aos trabalhos intelectuais, e mesmo após o seu exílio, em Portugal e depois na França, “a cidade de Petrópolis lhe povoava as mais doces e saudosas lembranças, conforme relata em várias correspondências, pois foi nesse lugar onde julgou ter passado os melhores momentos de sua vida.” (Ibidem)

Numa das várias encostas que fazem parte da paisagem urbana de Petrópolis, no chamado Quarteirão Westfália, ao centro da cidade, encontra-se encravado o prédio que abriga a sede da Centenária Ordem Religiosa do Carmelo de São José, “cujas características arquitetônicas da fachada mereceram, em 1998, o tombamento pelo INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Artístico Cultural” (AZEVEDO, 2012, 5).

Este foi o primeiro Carmelo a ser fundado a partir do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro, e reconhecido na comunidade católica, pela sua distinção, austeridade e seriedade. As monjas possuíam a sabedoria e o discernimento necessários “sempre encontrando a justa medida entre o rigor e as necessárias adaptações, quando da ocorrência de

casos especiais, como o caso da saída das monjas do Carmelo por ocasião do falecimento de seus pais ou familiares”²⁰.

2.1.2 – Campanha / Minas Gerais

O Carmelo de São José foi fundado por iniciativa da Irmã Maria de São José que, desde a sua entrada no convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro, manifestara a sua vontade de que o Carmelo se propagasse mais, pois “em seu amor pela Ordem da Virgem, desejava que houvesse de outros conventos à fim de propagá-la por muitas partes” (BOIMS, 2011, 31), sendo visionária quanto à existência de outros Carmelos fundados nos moldes das “Legítimas e Primitivas Constituições feitas pela Legisladora do Carmelo que lhes fora confiada pelas beneméritas Madres do Primeiro Carmelo de França” (HÓSTIA, 1948, 39). Comunica então os seus projetos, para a fundação de uma nova casa, ao Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, que num primeiro momento não lhe autoriza o intento. Somente mais tarde, quando já ocupa o cargo de Priora do Convento de Santa Teresa, e tendo os seus intentos bem amadurecidos, é que retoma o assunto junto do prelado, recebendo então a sua anuência.

Por sua vez, o bispo da diocese de Niterói, “Dom Agostinho Francisco Benassi, ao saber da intenção de que seria a cidade de Petrópolis a receber a fundação do novo Carmelo, acolhe o projeto das religiosas”²¹, mas as Irmãs julgaram que lhes seria muito penoso, pois, “o clima de Petrópolis era desfavorável, considerado por elas muito frio e úmido, e isso constituiria um obstáculo imperioso para as congregações de vida contemplativa”²², necessitando para tanto de um lugar saudável para não expor as religiosas a enfermidades que impediriam a observação da regra. Decidem-se, portanto, pela cidade de Campanha no Estado de Minas Gerais, que lhes oferecia um clima mais propício, quente e seco.

Foram, então, solicitadas a Roma, através da Nunciatura, as permissões necessárias para a ereção do novo Carmelo e depois de obtidos, a Licença e o Breve da Fundação, emitidos pela Santa Sé, datados de 16 de dezembro de 1910, foram oficialmente nomeadas, por Decreto do Superior Cardeal Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, lido perante toda a comunidade, para Priora a Reverendíssima Madre Irmã Maria de São José e para Sub-Priora a Madre Ana do Sagrado Coração de Jesus, e designou ainda para acompanhá-las as

²⁰Da entrevista à Irmã Pilar realizada a 14 de dezembro de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

²¹Da correspondência trocada entre o Carmelo de São José e a Diocese de Petrópolis – consultada a 25 de junho de 2011.

²²Ibidem.

três noviças coristas, Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus, Irmã Antonietta Maria do Amor Divino, Irmã Margarida Maria do Divino Coração, bem como a noviça conversa Irmã Isabel Maria dos Anjos.

Partem as Monjas para constituírem a nova casa, a 20 de abril de 1911, com o beneplácito do Bispo de Campanha, Dom João de Almeida Ferrão, e “teve sua primeira sede canonicamente erigida em uma antiga chácara que fora de propriedade dos Padres Jesuítas adquirida pelas Irmãs com a intermediação da Senhora Maria Luisa Monteiro Dantas” (VILLELA, 1973, 53).

Mas como o lugar destinado ao estabelecimento de uma comunidade religiosa deve ser condigno a essa finalidade e, no caso do Carmelo, o local deve também favorecer o isolamento e o silêncio necessários ao exercício da contemplação, que é a modalidade característica da sua devoção, e isso não se verificava na cidade de Campanha, as monjas permanecerem nesse local por apenas dois anos, pois,

“apesar das extensas reformas nas instalações, a casa continuava desconfortável, além de o lugar não ser adequado à contemplação, pois se tratava de uma propriedade localizada em uma praça, cercada por sobrados o que não lhes favorecia o recolhimento necessário, apresentando dificuldades na conservação da clausura, além de ser a cidade pouco acessível a novas vocações.” (Idem, 61)

Na necessidade de se transferirem, desta vez conseguem alcançar o seu primeiro intento mudando-se, em 1913, para a cidade de Petrópolis com autorização e acolhimento do Bispo D. Agostinho Francisco Benassi.

Encontramos o testemunho de algumas monjas de que, inicialmente, a cidade escolhida para sediar o novo Carmelo foi Petrópolis, mas conforme determinação do Bispo de Niterói, Dom João Francisco Braga, de que a cidade a recebê-las seria Campanha, para lá se dirigiram obedientemente, sendo que esta situação foi considerada pelas religiosas como um “desígnio impenetrável de Deus” (BOIMS, 2011, 13).

2.1.3 – Sede definitiva

Em Petrópolis, instalam-se as religiosas por apenas três meses, precária e provisoriamente, numa casa por demais húmida, à Rua Ipiranga, que lhes havia sido emprestada, mas por ser essa casa por demais insalubre, mudaram-se, então em 24 de agosto, com as devidas licenças eclesíásticas para outro prédio na mesma rua, mas também inadequado à clausura, e por demais pequeno para acomodar a comunidade que se encontrava

em franco crescimento. Por ser um imóvel cedido a título de empréstimo, não podiam as religiosas operar qualquer reforma. Nessa morada permaneceram por quatro anos.

A 16 de abril de 1917, adquirem o terreno de seu atual endereço, à Avenida Rio Branco, nº 1164, no centro da cidade, para onde se mudaram mediante prévia autorização do Reverendíssimo Senhor Núncio Apostólico, Dom José Aversa, ocupando por 21 anos as duas casas já existentes no local, unidas por um estreito corredor, o que já lhes dava a aparência de Mosteiro²³, embora bastante desconfortável no início. Só, em 1936, é que são iniciadas as obras²⁴ do atual convento sendo que, a 7 de outubro, na festa de Nossa Senhora do Rosário, lançou-se a primeira pedra da Capela de Nossa Senhora do Carmo que foi terminada em 1944 e sendo o seu altar consagrado a 2 de julho desse mesmo ano.

A 4 de junho de 1938, a comunidade foi transferida²⁵ definitivamente para o Convento atual, ainda que inacabado, pois só em 1961 é que se terminou a construção²⁶. No ano de 2010, comemorou-se, a 20 de abril, o Jubileu de Ouro com a realização de uma

“Solene Missa Pontifical de Ação de Graças presidida pelo Bispo da Diocese de Petrópolis, Dom Manoel Pedro da Cunha Cintra. Nessa ocasião foi proferida a homilia que ressaltou o valor da vida contemplativa de autoria do Frei Constantino Koser, OFM, contando ainda com a apresentação do Coral dos Canarinhos de Petrópolis sob a regência de Frei Leto, OFM e após a Santa Missa foi benta a imagem de Nossa Senhora do Carmo colocada ao centro do Claustro.” (BOIMS, 2011, 16).

Em 2011, celebrou-se o centenário desta casa, recebendo mensagens das várias autoridades religiosas, “em 29 de janeiro de 2010 de Nossa Santidade o Papa Bento XVI, que concede a Bênção Apostólica a Madre Priora, Irmã Maria de Jesus” (Idem, 25); e

“em 18 de abril de 2010, receberam mensagem do Bispo Dom Filippo Santoro, que lhes abençoa e considera a existência desse Carmelo em Petrópolis como uma grande graça para a cidade e para a Diocese, por suas orações que muito contribuem em prol da comunidade, lembrando a longa história dessa casa para chegar ao atual edifício, e ainda destacou a providencial colaboração do Padre João Gualberto do Amaral.” (BOIMS, 2011, 25).

A partir deste Carmelo foram fundados:

“em 14 de maio de 1924, o Carmelo da Imaculada Conceição na cidade de Camaragibe, Estado de Pernambuco; em 31 de agosto de 1958, o Carmelo Sagrado Coração de Jesus, na cidade de Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais; além de contribuírem, com elementos, a fundação do Carmelo de Brasília e do Carmelo do Espírito Santo.” (SCIADINI, 2008, 174).

²³ Primeira moradia do atual endereço, Figura 4, página 94.

²⁴ Obras de construção do prédio atual, Figura 5, página 94.

²⁵ Procissão da mudança do prédio antigo para o prédio atual, Figura 6, página 94.

²⁶ Sede atual do Carmelo de São José em Petrópolis, Figura 7, página 94.

2.1.4 – A Montanha

A escolha da cidade de Petrópolis para fundar o Carmelo de São José baseou-se, entre outros motivos, na simbologia pela busca da subida da íngreme montanha que faz parte do Património Carmelitano, pois “os místicos recorrem a essa imagem para evocar a elevação da alma, chamada a escalar as árduas trilhas que o levarão ao cume da união com Deus” (HENNEAU, 2009, 312), onde “a subida física representaria a subida espiritual” (CARMELO [s.n.]), sendo que esta simbologia também orienta a escolha dos locais para a construção das igrejas e outros monumentos sagrados, pois “no caso do catolicismo, podemos ver a colocação da cruz ou a construção de capelas e santuários em lugares altos, particularmente no cimo dos montes.” (HENNEAU, 2009, 312).

Esta busca pelos locais elevados faz-se não apenas “pela beleza natural que as montanhas se podem tornar lugares sagrados; frequentemente, elas são um bom exemplo de como a localização do globo mais dramática pode inspirar emoções nobres e valores espirituais altos” (Ibidem), mas por acreditarem que estes são inspiradores de nobres pensamentos e sentimentos mais enlevados espiritualmente, não apenas pelo destaque na paisagem, mas carregando em si os sinais de um maior distanciamento dos assuntos terrenos e uma maior proximidade com os assuntos do céu e, além disso, a montanha representa “o ponto de encontro entre o Céu e a Terra, abriga a maior parte das cenas bíblicas em que é selada e renovada a Aliança entre Deus e seu povo, do Sinai ao Gólgota.” (Ibidem)

Nessas alturas, declara Irmã Ignez, “sentir que ali o Céu parecia estar mais perto d’Ela, além de sentir uma intensa atração pelas Alturas” (HÓSTIA, 1948, 64), explicada através do que Cristo disse que “quando fosse levantado da terra, atrairia tudo a Si, e ser atraído a ele supõe-se portanto ser erguido, elevado da terra, eis o motivo de sentir a atração das alturas, sendo atraída por Jesus, e por sê-lo fortemente, é que fervem os meus anseios dos cimos.” (Ibidem)

Além desse motivo, por sofrer da irresistível “atração pelas alturas, delicioso penar de quem não tem asas...” (Idem, 63), apontamos também a familiaridade que as co-fundadoras, a Madre Antonietta e a Irmã Ignez do Sagrado Coração tinham com a cidade, pois costumavam passar o verão em casas das propriedades das suas famílias e destinadas a esse fim, e frequentavam assiduamente o Seminário de São Vicente de Paulo. Além disso, a Irmã Ignez tinha sido admitida como pensionista no Colégio Santa Isabel, frequentando-o por alguns meses, quando então adoeceu e se viu obrigada a voltar ao Rio de Janeiro, e na época da

mudança de sede do Carmelo vindo de Campanha, já toda a sua família estava estabelecida em Petrópolis.

2.1.5 - Estrutura arquitetônica e os espaços

Esta comunidade está constituída como pessoa jurídica²⁷ registada na Receita Federal do Brasil²⁸ como Ordem Religiosa do Carmelo São José, a partir de 1º de janeiro de 1977, como uma associação privada²⁹ dedicada a atividades de organizações religiosas³⁰. Mas, além das exigências das regulações civis, todas as casas religiosas são reguladas pelo Código de Direito Canônico e só poderão exercer a sua atividade dentro de um ambiente propício a esse fim, e para tanto devem conter espaços definidos para o exercício de cada função.

A estrutura física da casa religiosa tem importância capital para os religiosos por ser o local onde farão a sua vida consagrada a Deus e deve ser apropriada para viverem de acordo com a vida religiosa e poderem cumprir devidamente os seus compromissos, entre outras exigências, cumpre-se que seja silenciosa e alheia aos barulhos da cidade para poderem viver no isolamento indispensável. Deve ainda ser condigna com as exigências da vida monástica, propícia ao cumprimento do cerimonial carmelitano.

A estrutura física do Carmelo de São José segue a construção tradicional das ordens de clausura possuindo uma área interna chama claustro³¹ e uma área externa. Está sediado num grandioso edifício situado numa colina, afastada a poucos metros da rua, num terreno amplo onde as religiosas cultivam hortas e extensos jardins³², sendo que nos jardins do claustro têm construída uma Via Sacra³³.

Possuem cemitério próprio³⁴ “desde 1950, dentro da clausura do próprio Carmelo, autorizado conforme Decreto do General Ângelo Mendes de Moraes, Prefeito do antigo Distrito Federal.” (SCIADINI, 2008, 172), onde estão sepultadas doze das irmãs que viveram neste Carmelo.

Possui ainda refeitório³⁵, sala de recreio, enfermaria³⁶, biblioteca, oficina de trabalho³⁷, onde realizam atividades³⁸ como costura, pintura, bordado, tricô, artesanato, confecção de

²⁷CNPJ nº 31.175.581/0001-26.

²⁸Consulta realizada a 20 de setembro de 2010.

²⁹Código e descrição da natureza jurídica nº 399-9.

³⁰Código e descrição da atividade econômica principal nº 94.91-0-00.

³¹Jardim interno do Claustro, Figura 8, página 95.

³²Jardins do Carmelo, Figura 9, página 95.

³³Via Sacra, Figura 10, página 95.

³⁴Cemitério, Figura 11 página 95.

³⁵Refeitório, Figura 12, página 96.

³⁶Enfermaria, Figura 13, página 96.

³⁷Oficina, Figura 14, página 96.

escapulários, terços, papel vegetal, paramentos, estolas, que são os produtos de onde tiram o seu sustento e que garantem a sua subsistência.

Também, nessa oficina, são confeccionadas a Coroa dos Mártires que é o instrumento usado na prática devocional de Nossa Senhora da Saudade, em atendimento às encomendas que recebem, sendo posteriormente enviados para a Região Norte, Região Sul, Estados de Pernambuco, Alagoas e Minas Gerais. Quanto às encomendas, não são mantidos, por parte das religiosas, qualquer registo de quantidade, valores ou destinatários, observam também que “a procura pelas coroas não ocorre em épocas especiais do ano e sim em períodos específicos, conforme a necessidade dos fiéis”³⁹.

2.1.6 – A presença de Maria

Nesta comunidade a presença de Maria é percebida desde a porta de entrada da Capela de Nossa Senhora do Carmo onde se lê “Maria de coelis aedificavit sibi domum in terra”, “Maria do Céu edificou para si uma casa na terra”, em sinal de que essa casa é consagrada à Maria e confirmada à porta da clausura “Haec est domum Mariae et porta coeli”, “Esta é a casa de Maria e a porta do Céu”, demonstrando que na sua busca de um relacionamento íntimo com Deus, “vêm as Irmãs a inspirarem-se n’Aquele que é, para elas, a mais perfeita e inseparável contemplativa dos mistérios Divinos.” (BOIMS, 2011, 51).

O Carmelo de São José dispõe de um sistema de Priorado, elegendo a cada triênio uma entre as religiosas para ocupar o cargo de Madre Priora, em cumprimento da 1ª Regra de Santo Alberto, onde se determina que “para a vida eremítica em grupo devesse eleger dentre si, um superior que os presida, e que será considerado humilde servidor de todos, todos o obedecerão e o honrarão” (HÓSTIA, 1948, 88).

Observa-se, entretanto que desde 1917, mas com a cerimônia oficializada a 24 de julho de 1920, Nossa Senhora foi aclamada pelas Irmãs como sua “Priora in perpétuum”, denominada “Nossa Divina Priora”, pela Reverendíssima Madre Priora Antonietta do Amor Divino que então recém-eleita abdicou do seu cargo em tributo a Nossa Senhora, conforme melhor entenderam ser o cumprimento “ao ideal de filhas de Santa Teresa, cuja primeira e principal obrigação é honrar, com cuidado especial a Santíssima Virgem, como diz o Papel de

³⁸ Atividades, Figura 15, página 96.

³⁹ Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus realizada a 27 de julho de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

Exação” (HÓSTIA, 1948, 89). Para essa ocasião, a Irmã Ignez deixou instruções de como proceder no quotidiano para homenageá-La. (Idem, 93)⁴⁰.

Cabe a cada Madre Priora, legalmente eleita, proceder no cargo, não como Superiora de facto, mas como simples ajudante, cumprindo ordens da Divina Priora, sendo apenas como a sombra de Nossa Senhora no desempenho das suas atividades e funções na gestão da Sua casa. Assim sendo todas as Madres Prioras que já estiveram à frente desta casa são consideradas como as representantes de Nossa Senhora perante a comunidade, inclusive celebrando as honras, a oito de dezembro, no dia da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, em sua homenagem.

Além da comunidade ter sido entregue a Nossa Senhora, também são consagrados à Virgem Maria, todas as oficinas, a sala de recreio, capítulo e noviciado, bem como o claustro e os jardins, também os Ofícios (Idem, 92)⁴¹ e as Celas da Casa (Idem, 90)⁴², “cada um por uma oração especial composta por Irmã Ignez” BOIMS (2011, p. 17), e “a cada triênio renovam a consagração a Nossa Senhora de todas as suas dependências quando então reúne toda a comunidade em oração, após o que sua imagem percorre as celas das religiosas para deixar suas bênçãos para a nova etapa que se inicia” (SCIADINI, 2008, 174). A irmã Ignez, quando era Mestra das noviças, também as consagrou a Nossa Senhora, e repetia-lhes sempre carinhosamente o conselho de Monsenhor Théas que considerava que “no caminho que leva a Jesus, Maria não é um desvio, mas sim um atalho!” (VILLELA, 1973, 60).

Várias são as inscrições em latim dedicadas a Maria em todo o edifício do Carmelo como podemos ver na fachada da Capela, “Maria de coelis aedificavit sibi domus interria”, “Maria do céu, edificou para si uma casa na terra”; dentro da Capela, sob o vitral, do lado de Nossa Senhora do Carmo, “Regina Decor Carmeli, Custodi nos ut pupillam oculi”, “Raíinha e formosura do Carmelo, guardai-nos como a pupila dos olhos”; sob o vitral do lado de Nossa Senhora da Saudade, “Accepit eam discipulus in sua”, “O discípulo a recebeu em sua casa”; à porta da clausura, “Haec est domum Mariae et porta coeli”, “Esta é a casa de Maria e a porta do céu”; e também na parte superior da Capela de Nossa Senhora da Saudade, “Mater pulchrae dilectionis et sanctae spei da om sileus affluenter ex abundantia tua”, “Mãe de belíssimo amor e de santa esperança dá em silêncio liberalmente da tua abundância”.

Encontramos também inscrições em latim dedicadas a Cristo, por sobre a imagem do coração de Jesus, “Domine, absconde nos in abscondito faciei tuae”, “Senhor, escondei-nos

⁴⁰Homenagens de amor à nossa Divina Priora e Mãe sobreamada, Anexo E, página 117.

⁴¹Ato de Consagração ao Serviço de Nossa Senhora como Mãe de Deus in HÓSTIA (1948, p. 92), Anexo F, página 118.

⁴²Consagração das celas a Nossa Senhora, Anexo G, página 119.

no segredo da tua face”; sobre a grade do coro, “Vita nostra abscondida est cum Christo in Deo”, “A nossa vida está escondida com Cristo, em Deus”; dentro da capela, na porta do sacrário, “Oblatus est quia ipse voluit”, “Foi oferecido porque ele mesmo quis”. Incrições em latim dedicadas a São José, “Petite et dabitur vobis”, “Pedi e vos será dado”. Dedicada à solidão, sobre a porta de entrada da Capela, “Venite et gustate quoniam suavis est Dominus in solitudine Carmeli”, “Vinde e provai, como o Senhor é suave na solidão do Carmelo”. Dedicadas ao silêncio, no corredor que liga a portaria à Capela, “Cultus justitiae silentium”, “O culto da justiça é o silêncio”. Dedicadas à saudade, “Ego quase saudade plantata in solitudine Carmeli fructicavit”, “Eu dei frutos como a saudade, plantada na solidão do Carmelo”.

2.1.7 – O Quotidiano

Conforme visto anteriormente, a vida comunitária exige uma ordenação que determine os atos comuns, baseada no princípio da igualdade evangélica. Embora cada Carmelo tenha autonomia para definir a sua rotina diária⁴³ esta deverá dispor de forma equilibrada as obrigações a que se dedicam: celebração eucarística, liturgia das horas, orações particulares, leituras espirituais, retiro nas celas individuais, trabalho comum e comunitário, refeições, recreio e descanso. Harmonizando assim os momentos necessários de silêncio, solidão e recolhimento com os momentos de encontros fraternos, e do capítulo comunitário, celebrado semanalmente, sob a direção da Madre Priora. Dedicam-se elas próprias à conservação e manutenção de roupas e instalações do Carmelo, sendo que todas estas atividades são assinaladas pelo toque de sinos e sinetas.

Atualmente, esta comunidade é constituída por um grupo de dezasseis religiosas, sendo treze monjas enclausuradas que seguem o estilo de vida contemplativo, e três irmãs externas e seguem o estilo de vida ativo.

As monjas vivem na clausura, não recebendo visitas, assistem à Missa na Capela interna, sendo o Padre quem se dirige a elas para a comunhão, e o contato com visitantes é feito através das grades do parlatório.

Já a rotina das irmãs externas tem horários mais flexíveis por conta de outros compromissos que assumem como intermediárias entre as monjas e o mundo, e assim

⁴³ Rotina das Monjas de Clausura, Anexo H, página 119.

procedendo permitem às monjas manterem o seu estilo de vida, podendo dedicar-se em tempo integral à contemplação.

2.1.8 – A Capelania

O Carmelo de São José dispõe de um sistema de capelania e, desde a sua fundação, e durante vinte e dois anos, contou com a dedicação dos Reverendíssimos Cônegos Premonstratenses Rumoldo, Servácio, Theotimo, Frederico e Eugênio, sendo somente em 1935 que a capelania foi assumida pelos Frades Franciscanos. Ainda nele residiu Monsenhor Gilberto, que após a sua ordenação, foi capelão do Carmelo de São José por três anos.

Atualmente conta com a assistência espiritual de Frei Damião, OFM, dos Franciscanos Maristas do convento de São Boaventura, pertencentes à Ordem dos Frades Menores Conventuais e tendo como responsável, guardião e formador Frei Robson Malafaia Barcellos, OFM Conv., que desde 2005 oficia as missas diárias⁴⁴ e a liturgia da Semana Santa.

Mas a história do Carmelo foi profundamente marcada pelo Padre João Gualberto do Amaral, que foi o seu mentor espiritual de 1915 a 1938, e capelão residente de 1938 a 1948, considerado por todos como o iluminado e prudente Pai Espiritual da comunidade.

O efetivo relacionamento do Padre João Gualberto do Amaral com o Carmelo de São José em Petrópolis, iniciou-se a “24 de novembro de 1915, quando veio estar ao Carmelo por ocasião da tomada de hábito de duas postulantes, e também proferindo a pregação de um retiro às Irmãs, intitulado ‘Vida chama de amor.’” (VILLELA, 1973, 77), que fazia parte da série anual de conferências apologeto-científicas do Círculo Católico. A partir daí estabeleceu-se um vínculo que o fez ser considerado como o “mentor espiritual” desta comunidade. (PAIVA, 1952, 157)

2.2 – Os Fundadores

Das religiosas empenhadas com a fundação do Carmelo de São José apenas não encontramos quaisquer dados biográficos a respeito de Madre Ana do Sagrado Coração de Jesus. As restantes estão relativamente bem documentadas.

⁴⁴ Missa, Figura 16, página 97.

2.2.1 – Madre Maria de São José

Madre Maria de São José, nascida Maria Salomé Teixeira, na cidade de Sabará, no estado de Minas Gerais, a 22 de outubro de 1859, filha do Capitão Bento Teixeira e de Dona Teresa da Purificação, perdeu a sua mãe ainda pequena, sendo criada pela sua irmã, que era também sua madrinha de batismo, num meio profundamente cristão.

Madre Maria de São José ingressa na clausura a 27 de julho de 1889, no Convento de Santa Teresa no Rio de Janeiro, mas na qualidade de pupila por força da Lei do Império, conhecida como a “Lei para a morte lenta dos Conventos e Seminários do Brasil”, que decretara a proibição de abertura de noviciatos, através da portaria do Magistrado José Thomaz Nabuco de Araújo, de 19 de maio de 1855.

Apenas a partir de 1892, após a proclamação da República, quando então se estabeleceu de maneira definitiva a separação entre o Estado e a Igreja, é que a rotina dos religiosos brasileiros volta à normalidade, e com a tomada de posse do novo Internúncio Apostólico Dom Frei Jerônimo Maria Gotti, é que Madre Maria de São José recebeu o hábito a 23 de agosto de 1892, das mãos do Reverendíssimo Monsenhor Antonio Dias da Rocha, e a 3 de setembro fez a Profissão dos votos solenes.

A 15 de fevereiro de 1900 foi eleita Priora do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro, ocupando o cargo por quatro anos. Eleita novamente em 1909 ocupou-o somente até 1911, quando de sua ida para a fundação do Carmelo de São José, onde fora oficialmente nomeada para Priora por Decreto do Superior Cardeal Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

Em 1917, renuncia ao cargo de Priora do Carmelo de São José em Petrópolis para entregar-se a uma vida mais austera de oração e solidão, reverência, resignação, submissão e obediência, na fidelidade da sua fé e do seu amor, “em 1920 retorna ao Convento de Santa Teresa no Rio de Janeiro, falecendo em 29 de novembro de 1962, aos 103 anos de idade” (SCIADINI, 2008, 172), sendo chamada carinhosamente pelas irmãs carmelitas de Petrópolis de ‘vozinha’.

Sendo considerada como a pioneira no processo de expansão do Carmelo Descalço no Brasil, pois além da fundação do Carmelo de São José em Petrópolis, iniciou a fundação do Carmelo no nordeste brasileiro juntamente com as Carmelitas de Fortaleza, pela sua edificante devoção ao Santíssimo Sacramento e pelas suas obras que contribuíram para a disseminação da palavra de Deus, tramita no Vaticano o “Processo por sua Canonização, entregue a Santa

Sé em 14 de abril de 1992, ano em que foi encerrado o tramite, em 28 de março, do Processo Diocesano iniciado em 22 de maio de 1989.” (Idem, 13).

2.2.1.1 – O Patrono: São José

O facto do Carmelo ter sido consagrado a São José, escolhido como patrono para esta nova casa de Maria, deveu-se à fiel devoção da fundadora Madre Maria de São José de quem também toma o seu nome religioso. Igualmente desde a época em que começou a planear o Carmelo de Petrópolis, colocou uma imagem do santo sobre uma caixa das esmolas, onde pretendia angariar fundos para a construção da nova casa, recomendando-a e rogando-lhe auxílio. Sob a proteção do padroeiro da família teresiana, pede donativos a pessoas amigas, contando particularmente com a ajuda ativa de Dona Maria Luisa Monteiro Dantas que viria a ser mais tarde, a Irmã Maria Luisa da Trindade.

São José é considerado “o ministro e companheiro da vida oculta de Jesus, mestre de oração, santo de muito poderosa intercessão, e condutor dos caminhos seguros.” (CARMELO [s.n.]), é a ele a quem creditam a firme jornada empreendida desde a saída do Rio de Janeiro até a chegada ao abençoado local onde hoje habitam.

2.2.2 – Madre Antonietta do Amor Divino

Madre Antonietta do Amor Divino, nascida Antonietta de Castro Paes, a 26 de dezembro de 1881, na capital do estado do Rio de Janeiro, apesar de nascer e crescer cercada de luxo, nunca conseguiu esconder o seu coração puro, sensível e generoso.

Ficou profundamente impressionada quando, num dos seus passeios matinais a cavalo, visualizou a irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus no Convento de Santa Teresa, o que lhe inspirou uma profunda presença de Deus, e de quem futuramente, viria a ser muito amiga. Por sua própria iniciativa passou a renunciar às vaidades e diversões mundanas e recebeu apoio de seu diretor espiritual, o Reverendo Padre Jesuíta André Fialho quando da sua decisão de entrar para o Carmelo.

Obteve licença dos seus pais, mas não havia vagas no Convento de Santa Teresa no Rio de Janeiro, então no dia 19 de março de 1909, quando participava na missa no Seminário de São Vicente em Petrópolis, suplica ao padroeiro do dia, São José que lhe concedesse essa graça de ser recebida como noviça. O seu desejo foi realizado a 17 de abril de 1909. A 14 de

outubro de 1909 recebeu o hábito, a 15 de outubro de 1910 fez a sua profissão simples e, finalmente, a 15 de outubro de 1913 a profissão solene.

2.2.3 – Irmã Isabel Maria dos Anjos

A irmã Isabel Maria dos Anjos, nascida Isabel de Cássia, na cidade de Campanha, no estado de Minas Gerais, era filha de uma família modesta e profundamente cristã. Entrou para o Convento de Santa Teresa no Rio de Janeiro, e em 19 de março de 1911 recebeu o hábito. A 29 de agosto de 1912 fez a profissão simples e, a 2 de fevereiro de 1916, a profissão solene. Distinguiu-se por uma devoção especial ao santo evangelho, do qual recitava longos trechos de cor. Faleceu a 13 de novembro de 1949.

2.2.4 – Irmã Margarida Maria do Divino Coração

A irmã Margarida Maria do Divino Coração, nascida Carmem, em 1887, na cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas, era filha de uma piedosa família cristã e muito tradicional. Entrou a 12 de outubro de 1910 para o Convento de Santa Teresa, quando este estava a ser protegido pela Guarda Militar, pois a cidade do Rio de Janeiro estava em revolta. A 19 de março de 1911 recebeu o hábito. A 7 de abril de 1912, fez a sua profissão simples e a 21 de abril de 1915, profissão solene. Foi eleita Priora ocupando o cargo por três anos e por duas vezes foi sub-Priora. Faleceu a 25 de setembro de 1949.

2.3 – Reverendíssimo Padre Doutor João Gualberto do Amaral

O padre João Gualberto do Amaral⁴⁵ nasceu a 28 de abril de 1873, na cidade de Guapé, no estado de Minas Gerais, filho do Senhor Lisandro Eugênio do Amaral, médico e farmacêutico licenciado, e da Senhora Amélia Augusta da Silva Rodante, recebeu o nome em homenagem ao confessor de sua mãe o lazarista francês Padre João Gualberto Chanavart que profetizou que “ela entraria para a Ordem do Carmo, naquele mesmo dia, pois esperava um varão que seria padre, e esse prodígio realizou-se literalmente.” (BOIMS, 2011, 47).

Aos doze anos ingressou no Seminário Menor de Nossa Senhora da Boa Morte, e aos 22 anos, no dia 21 de dezembro de 1895, ordenou-se Sacerdote pelo Seminário Maior de São

⁴⁵ Retrato do Padre João Gualberto do Amaral, Figura 17, página 97.

José. Foi então enviado para Roma, pelo Arcebispo de Mariana, Dom Silvério Gomes Pimenta, para doutorar-se em Direito Canônico na Universidade Gregoriana, e quando voltou ao Brasil foi nomeado pelo Bispo de São Paulo, Dom José de Camargo Barros, como Diretor espiritual do Seminário Maior de São Paulo, Seminário Episcopal da Paulicéia, que acabara de ser reformado, onde lecionou as matérias de Teologia Moral e Direito Canônico.

Notável teólogo é o único sacerdote que figura inscrito no Livro do Mérito do Brasil⁴⁶, homenageado em cerimônia solene realizada no Palácio do Catete, no dia 8 de dezembro de 1943, dia da Imaculada Conceição de Maria, sendo a sua inscrição proposta por iniciativa do Doutor Henrique Dosworth, então Presidente do Distrito Federal, e do Cônego Olímpio de Melo, Presidente do Tribunal de Contas da edilidade carioca, junto ao Senhor Presidente da República, Doutor Getúlio Vargas. A comissão que julgou digna e meritória a sua inscrição foi presidida pelo Ministro Aulfo de Paiva e composta pelos membros, os Senhores, General Firmo Freire, Gabriel Passos, Rodolfo Garcia e Afonso Pena Júnior.

O seu prestígio criou-se devido a três conferências proferidas em 1908⁴⁷, intituladas “Uma lição a Ferri, Incoerências de Ferri e A Igreja e a mulher, segundo Ferri, compondo uma tríade nomeada de Refutação a Ferri” (AMARAL, 1948), nas quais contesta, e reduz ao silêncio, o “famoso criminalista, político e jurista italiano Enrico Ferri, socialista e discípulo de Lombroso, que havia destilado ferrenhas críticas contra as bases doutrinárias do catolicismo, quando de sua passagem por São Paulo” (MOURA, 1978, 48), usando conceitos científicos para ridicularizar a crença e a fé cristãs.

Mas, apesar da sua incontestável capacidade intelectual e teológica, acabou por ser convidado a retirar-se de São Paulo, em julho de 1914, pelo Arcebispo de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, devido às suas declarações em defesa da democracia, contra o totalitarismo, a subserviência e as decisões autoritárias, visando a formação de humildes servos de Deus, visto que seriam os seus alunos que num futuro próximo ocupariam os cargos superiores da hierarquia da Igreja. Esta postura desagradou a muitos, despertando suspeitas

⁴⁶ Ordem honorífica brasileira mantida pela Comissão Nacional Permanente do Livro do Mérito é destinada a receber a inscrição dos nomes das pessoas que, por doações valiosas ou pela prestação desinteressada de serviços relevantes, hajam notoriamente cooperado para o enriquecimento do patrimônio material ou espiritual da Nação e merecido o testemunho público do seu reconhecimento. É destinada aos civis nacionais e estrangeiros que se distinguem por atos notáveis e meritórios. A Ordem Nacional do Mérito foi instituída pelo Presidente da então República dos Estados Unidos do Brasil, o Doutor Getúlio Vargas, pelo Decreto Lei, nº 1706 do dia 27 de outubro de 1939, e regulamentada pelo Decreto Lei nº 9.732, de quatro de setembro de 1946, e pelo Decreto Lei nº 21.854, de 26 de setembro de 1946, sancionados pelo Presidente da então República dos Estados Unidos do Brasil, General Eurico Gaspar Dutra.

⁴⁷ Padre João Gualberto do Amaral - 1908, Figura 18, página 97.

sobre as suas reais intenções de que na verdade estaria a conspirar contra a ordem hierárquica estabelecida na época. (PAIVA, 1952, 37-38)

Retirou-se, então, para o interior de Minas Gerais, mas foi logo convidado pelo Arcebispo Coadjutor do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, para ser “Capelão das Freiras do Colégio de Assunção, onde lecionava as matérias de Química, Minerologia, História do Brasil, Geografia, Português, Literatura, Filosofia e Religião” (Idem, 47), fazendo questão de deixar claro às suas alunas que a ciência, a moral e a religião devem sempre andar juntas. Nessa mesma época, recebeu do Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, por sua notável superioridade intelectual e moral, o encargo de revisar, “como canonista, as Pastorais Coletivas dos Bispos do Sul do Brasil.” (PAIVA, 1952, 40).

Aquando da sua vinda de São Paulo para o Rio de Janeiro, travou conhecimento com as monjas carmelitas de Petrópolis, o que foi por elas entendido como “ação da Providência Divina que já então preparava o caminho para que a Invocação de Nossa Senhora da Saudade encontrasse possibilidade para emergir”⁴⁸, dado o papel fundamental que o Padre João Gualberto do Amaral desempenhou no estabelecimento da sua fundamentação teológica, e contribuindo decisivamente para a sua aprovação.

Desempenhou um importante papel, muito além dos serviços atribuídos a um Capelão perante o Carmelo de São José⁴⁹, pois como estavam no início das suas atividades, ocupou-se em proporcionar-lhes uma sólida base espiritual, para que fossem firmes, não somente os alicerces do seu edifício, mas também fossem firmes os alicerces da sua fé. A sua preocupação era lançar um fundamento sólido para o futuro, tendo por objetivo aprimorar a vivência consagrada das religiosas proporcionando uma correta observância das suas tradições, sempre refletindo sobre as exigências, as dificuldades e as gratificações da vida contemplativa, da qual entendia muito bem, pois mesmo sendo lazarista pela sua formação, julgava-se carmelita pelo espírito, dado o “seu espírito acentuadamente contemplativo.” (PAIVA, 1952, 134-137)

A presença do Padre João Gualberto do Amaral foi de inestimável valor para as irmãs, e muito contribuiu para a formação espiritual do Carmelo de São José, pois ele visava em todos os seus sermões e nas suas homilias, esclarecê-las intelectualmente para as fortalecer espiritualmente, pois sendo um homem de ciência e de aguçada inteligência, usava a razão

⁴⁸ Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus realizada a 14 de dezembro de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

⁴⁹ Celebração de Padre João Gualberto do Amaral, Figura 19, página 98.

para sustentar a fé, tendo em vista que pudessem discernir a sua vocação para melhor desempenharem o seu papel na comunidade.

Ministrava às religiosas proveitosos retiros com periodicidade mensal, geralmente com duração de três dias onde explanava os mais diversos assuntos que contribuíssem para os seus enlevos. Também lhes dedicava um pedido especial em todas as quintas-feiras, seguindo as instruções diárias das Orações de Santo Ambrósio, “Nós vos suplicamos, Senhor, que olheis propício para esta família, que se sacrifica pela honra de Vosso nome; que de ninguém, aqui, sejam vãos os desejos nem vazias as preces. Sugeri Vós mesmo as orações e pedidos que vos deleitais de ouvir e quereis satisfazer.” (PAIVA, 1952, 101). Ainda, e “seguindo Santo Ambrósio, dedicava a si mesmo o dia de sábado” (Idem, 102), e como “Padre de Maria” (Idem, 88) que se auto declarava, celebrando-o em honra de Nossa Senhora.

Comemora o seu Jubileu Áureo com o lema “*Nichil dignum in conspecto tuo egi*”, a 21 de dezembro de 1945⁵⁰, ocasião em que o Colégio Assunção oferece uma Bolsa de Estudos em seu nome para a formação sucessiva, “*in perpetuum*”, de um padre no Seminário do Rio de Janeiro.

A sua última missa foi celebrada a 4 de janeiro de 1948, vindo a falecer no dia 28 do mesmo mês. Recebeu a santa unção das mãos do seu confessor e Diretor Espiritual, Frei Aleixo Voelkert, do Convento Franciscano⁵¹. A sua morte foi atestada pelo médico e professor Doutor Moreira da Fonseca, e foi enterrado, condignamente paramentado, no Cemitério Municipal de Petrópolis, onde recebeu as Bênçãos Finais de Monsenhor Nabuco.

A 29 de abril, o Carmelo solicita à diocese a trasladação do seu corpo⁵², sendo então sepultado, por autorização especial, no Santuário de Nossa Senhora da Saudade, descansando eternamente aos seus pés⁵³, e em seu túmulo podemos ler a inscrição, “*Tu es Sacerdos in aeternum*”, “*Tu és sacerdote para sempre*”. A trasladação ocorreu a 14 de maio, e foi acompanhada pelo bispo da diocese de Petrópolis, D. Manoel Pedro da Cunha Cintra.

⁵⁰ Padre João Gualberto do Amaral - 1945, Figura 20, página 98.

⁵¹ Ibidem.

⁵² Correspondência trocada entre o Carmelo de São José e a Diocese de Petrópolis – consultada a 25 de junho de 2011.

⁵³ Túmulo do Padre João Gualberto do Amaral aos pés da imagem de Nossa Senhora da Saudade, Figura 21, página 98.

2.4 – Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus

2.4.1 – Formação espiritual

A irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus⁵⁴, nascida Esther Vieira Pereira da Cunha, na Rua Silveira Martins, nº 80, na cidade do Rio de Janeiro, a 20 de outubro de 1881 (CARMELO [s.n.])⁵⁵, filha de nobre família católica constituída pelo Comendador Doutor Lourenço Pereira da Cunha, ‘o médico dos pobres’, e a sua esposa Senhora Ambrosina Vieira de Matos, de quem aprendeu desde cedo a prática da religião católica firmada na oração e na caridade.

Conta a sua mãe que, por extremoso amor à Mãe de Deus, aos quatro meses de gestação consagrou a criança que esperava a Nossa Senhora (VILLELA, 1973, 12), e segundo o entendimento que a Irmã Ignez tinha sobre o ocorrido, essa consagração foi “o imã que atrairia sobre ela as graças com que Nosso Senhor, em sua misericórdia, selou as páginas de sua vida” (Idem, 12-13), além de muito se felicitar pelo ocorrido, sentindo imenso “consolo, quando penso que, antes de nascer para a terra, eu já era propriedade do Céu!” (Idem, 12).

Em 1885, foi crismada, recebendo o Sacramento da Confirmação quando lhe foi acrescentado o nome de Regina ao seu nome de batismo. Aos sete anos de idade, em 1888, sofreu graves enfermidades, teve febre amarela e febre tifóide e, mais tarde uma grave pneumonia, o que lhe acarretou uma aparência franzina, além de gravíssimas sequelas que a acompanharam por toda a sua vida, tais como uma bronquite crónica além de uma fraqueza constante no pulmão esquerdo. Por ter sobrevivido a tantas agruras foi, por sua mãe, consagrada solenemente a Maria.

Aos 12 anos, em 1893, quando cursava o Colégio da Imaculada Conceição, no Bairro de Botafogo, dirigido pelas Filhas de São Vicente, fez a sua primeira comunhão, que para ela significou uma experiência de “antegozo do Paraíso” (HÓSTIA, 1948, 10), e já alguns dias depois, “diante do Altar da Virgem, faz seu voto perpétuo de virgindade” (VILLELA, 1973, 22), pois como fazia questão de repetir, “de Jesus, hei de ser para sempre!” (Idem, 29).

Nesta idade ocorreu, pois o seu chamamento para a vida religiosa e neste evento relata que ouviu “a voz divina do Mestre a chamar-me em seu seguimento” (HÓSTIA, 1948, 10). Inicialmente, Ignez inclinava-se para ser uma irmã de caridade, missionária dos Vicentinos,

⁵⁴ Irmã Inez do Sagrado Coração de Jesus, Figura 22, página 99.

⁵⁵ Registro do assento no Livro 9º de Batizados da Freguesia da Glória, fls. 81.

mas em 1895, com apenas 14 anos, e após ler a vida de Santa Teresa de Ávila, entende-se já e plenamente Carmelita de desejo, “seria então na montanha silenciosa do Carmelo, onde encontraria abrigo e aconchego as suas aspirações, e firmando o propósito de entrar numa clausura” (VILLELA, 1973, 31). Preparando-se para o porvir de uma vida de sacrifícios, inicia por sua própria conta um período de adaptação à penitência privando-se de itens de que ela julgava necessário se desapegar, como o luxo, o dinheiro e a fartura à mesa.

Desde muito cedo revelou-se virtuosa, mas devido à sua saúde frágil que inspirava cuidados especiais, sofreu oposição da sua família quando lhes expôs a sua vocação para a vida religiosa que tanto a atraía. Assim, para resolver definitivamente este impasse, propõe a seu pai ser examinada por um médico da sua total confiança, e esse então dar-lhes-ia o veredito final sobre a sua saúde. Para este fim ocorreu o Doutor Rocha Faria que após examiná-la sentenciou que não demoraria mais do que dois meses para que Esther ficasse tuberculosa, mas caso ela pudesse realizar o que desejava a sua alma, talvez o seu estado de ânimo ajudasse a melhorar a sua saúde física.

Praticando para o futuro que desejava, acordava cedo e rezava muito, vivendo dessa forma até aos 24 anos quando mesmo contra a sua frágil condição de saúde, a 17 de outubro de 1905, ingressou no Convento de Santa Teresa no Rio de Janeiro, vivendo o seu rito de admissão com muita alegria no coração. O seu nome religioso fora retirado de uma estampa de Santa Inês acompanhada dos dizeres “minha querida Esther, como a esta Santa, Deus te dê um dia a graça que desejas” (HÓSTIA, 1948, 11), que lhe fora dada como presente por uma das suas colegas de escola que conhecia o seu desejo pelo martírio que a levava, por vezes, a “transportes de entusiasmo, quando relatava sua vontade por vivê-Lo, quando pensava que, um dia, seria mártir...” (Idem, 10).

A 21 de janeiro de 1906, realiza-se a sua vestição religiosa, a 22 de janeiro de 1907, a profissão de votos simples, e a 2 de fevereiro de 1910, a profissão solene, vivida com júbilo. Pouco após, e ainda em 1910, foi nomeada Mestra das Noviças, dedicando-se à formação espiritual por excelência, consagrando todas as noviças como filhas de Nossa Senhora, e “tão eficiente se mostrou Irmã Ignez como Mestra das Noviças, que exerceu essa missão toda a sua vida, só a deixando um ano antes de morrer” (VILLELA, 1973, 49), em 1947, após 37 anos ininterruptos de serviços,

Reconhecia ela mesma, ser de compleição física delicadíssima, além de inspirar severos cuidados, tanto era que “quando se candidatou ao Convento de Santa Teresa, houve receio, por parte das Irmãs, de que ela fosse admitida e tão débil que era, viesse a piorar com a rotina carmelitana” (BOIMS, 2011, 41), mas o seu Diretor Espiritual, que era Jesuíta,

aconselhou-as a recebê-la ainda que ela morresse em três meses, além de aconselhar Esther a escrever ao Cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, revelando os seus sinceros sentimentos. “Sua Eminência dirigiu, então uma carta a Madre Priora, dizendo que lhe abrisse as portas, embora nunca pudesse observar os rigores da Regra, das quais lhe dispensava com prazer, pois suas disposições já o satisfaziam” (HÓSTIA, 1948, 15). Quando entrou no Carmelo, a sua família apresentou documentos que comprovavam algumas restrições em executar determinadas tarefas por ser muito doente, mas Inez nunca fez uso desse privilégio, sendo uma autêntica Carmelita Descalça até onde chegaram as suas forças.

A irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus, ainda era uma postulante⁵⁶ no Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro quando recebeu, em confiança, o desejo ardente de Madre Maria de São José sobre a inauguração de uma nova casa carmelita. Imediatamente sentiu o mesmo desejo e envolveu-se no projeto com as suas orações para que se tornasse realidade o novo empreendimento, participando ativamente ao lado de Madre Maria de São José na fundação do Carmelo de Petrópolis, sendo considerada sua co-fundadora, pois ajudava a Madre Priora não só na direção das obras de construção e adaptação, mas também na formação das noviças e na correspondência da Madre.

Mesmo sendo detentora das qualidades e características necessárias para o cargo, por sua vontade expressa, nunca ocupou o lugar de Madre Priora, preferindo dedicar-se à formação espiritual das religiosas que estavam aos seus cuidados, pois era possuidora de certos dotes espirituais que faziam com que, ao mesmo tempo fosse muito respeitada, como também bastante procurada pelas religiosas face às suas dúvidas e incertezas. Mesmo assim, e contra a sua vontade, acabou por ser eleita, em 21 de dezembro de 1913, como Sub-Priora do Carmelo, cargo que ocupou por apenas um triênio.

Pelas qualidades que detinha, tais como a firmeza da sua fé, a doçura, a bondade e principalmente pela irradiação do seu amor a Deus, que a fazia sempre pronta a atender a toda e qualquer solicitação das suas companheiras, não demorou muito para que fosse o centro do Carmelo de São José, considerada a Coluna de Fogo e Mãe da comunidade (HÓSTIA, 1948, 114), e sendo proclamada como “a Priora das Prioras” (Idem, 56).

A irmã Ignez faleceu em 1948, aos 67 anos, após 43 anos dedicados à vida religiosa, e regista-se que suas últimas palavras foram “Oração... progresso na perfeição... promessa de maior perfeição...” (SCIADINI, 2008, 174). Sobre o seu túmulo lê-se: “Sobre minha campa

⁵⁶ Irmã Inez do Sagrado Coração de Jesus - Postulante, Figura 23, página 99.

deixem morrer um lírio de cujas pétalas se desprenda este suspiro melancólico... Se as flores tivessem alma, teria sido Ignez a alma da saudade... saudade do céu!”⁵⁷

Foi sepultada no dia em que completaria 68 anos, aos pés de Nossa Senhora das Graças, no oratório interno do próprio convento⁵⁸, por autorização especial concedida pelo Bispo de Petrópolis Dom Manoel Pedro da Cunha Cintra, e autorizado pelas autoridades civis, General Eurico Gaspar Dutra, então Presidente da República, e Doutor Flávio Castrioto, prefeito da cidade de Petrópolis, decisão baseada nos bons ofícios do médico e amigo, o Doutor Nelson de Sá Earp.

2.4.2 – Influência no Carmelo

A construção do imponente edifício que abriga hoje o Carmelo de São José é o resultado do trabalho e do sacrifício das suas fundadoras, as suas primeiras Madres e Irmãs, que lhe dedicaram anos de labor e espírito de sacrifício para realizarem o seu projeto, mas delas não provém apenas a sua herança material, mas também a sua herança espiritual, dos seus exemplos de firmeza de fé e sólidas virtudes. Assim, as características peculiares do seu jeito próprio de ser carmelita podem ser entendidas como um património que herdaram dos seus fundadores, que por sua vez moldaram esta comunidade conforme o seu mais puro entendimento.

As peculiaridades que distinguem os Carmelos entre si, não são apenas permitidas, como também foram previstas por Santa Teresa, ao que ela chamou de fidelidade criativa, no nº 37 da Vida Consagrada, onde propõe que “houvesse liberdade para tomarem iniciativas, desde que se mantivessem fiéis às inspirações originárias” (SCIADINI, 2008, 8), sendo que a maior influência recebida provém dos fundadores, pois são eles quem imprimem os moldes que serão as características deste Carmelo e as novas religiosas que ingressam no convento nascem para uma vida nova e recebem “o espírito dos seus fundadores.” (CASAS, 1994, 101).

No caso em análise, após apresentarmos o histórico dos fundadores, bem como as orientações por eles estabelecidas, percebemos que a fundadora que mais influenciou a construção do património espiritual e o estabelecimento das características particulares desse Carmelo, foi a irmã Ignez, pois a “ela pertencia a responsabilidade máxima da comunidade: o rumo de sua vida espiritual.” (CARMELO, [s.n.]

⁵⁷ Epitáfio gravado na lápide tumular de Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus (*20/10/1881 +18/10/1948).

⁵⁸ Túmulo de Irmã Inez do Sagrado Coração de Jesus, Figura 24, página 99.

A irmã Ignez permaneceu no Carmelo até ao fim da sua vida e é considerada “a torre forte, coluna inexpugnável dessa comunidade, aquela que verdadeiramente era o centro da sua vida.” (HÓSTIA, 1948, 39), co-fundadora do Carmelo de São José e formadora espiritual desta casa religiosa, uma vez que ocupou durante 37 anos o cargo de Mestra Vitalícia das Noviças, de 1910 até 1947. Uma das mais importantes características da sua espiritualidade foi a devoção amorosa a Nossa Senhora, que foi transmitida à comunidade de forma extremosa, e que em relação às demais religiosas “incendiou-nos na devoção a Êle, e nos levou a cumprir o ‘nosso ofício de carmelitas de Petrópolis’, o qual consiste, especialmente, em ungir, por meio da Coroa, ‘a chaga mais dorida’ de nossa Mãe Imaculada.” (Idem, 94)

Porém, observamos também que a influência da irmã Ignez não se circunscreveu aos muros do Carmelo, pois oito anos antes de conhecer as religiosas do Carmelo de São José, o padre João Gualberto do Amaral já sentia uma profunda influência sobre si vinda da irmã Ignez, uma vez que já era do seu conhecimento o renome da monja, conquistado pelas suas virtudes e pela sua inteligência. Os altos méritos que a distinguiam foram formados através do conteúdo das cartas que ela enviava aos seus familiares e por esses motivos, o padre João Gualberto toma a irmã Ignez por sua “Mãe espiritual”, “Mãe que Jesus lhe deu”, facto que o fez incluir-se, voluntária e humildemente, entre “os discípulos” desta Mestra.

2.4.3 – A Mística da Irmã Ignez

A comunidade que observamos tem um contexto fortemente místico como herança da mística teresiana, esta prática consiste em buscar a face de Deus, apaixonando-se por Ele e dedicando cada fibra de si mesmo à sua causa, vivendo em obséquio de Cristo, rosto visível de Deus, e segundo Santa Teresa, “o encontro com Deus só se tornará possível através da mística da vida em constante oração, onde ocorre um diálogo franco com o Criador.” (BORRIELLO, 2003, p. 1014), e “essa conversação com Deus não exige palavras especiais, mas exige sinceridade no coração que fala a Deus”⁵⁹, por sua vez a irmã Ignez, dizia estar sempre

“em colóquio com Deus sendo que em seu entendimento, esse colóquio seria como uma conversa de um amigo para com o seu amigo, sendo assim a oração propriamente dita, pois ora, solicita-se uma graça; ora, se acusa uma falta; ou então, comunicam-se os pensamentos, as preocupações, e se pede conselhos. Assume o compromisso de que a oração contínua seria o centro de sua vida. Orando constantemente no seu íntimo, e aí conversaria com Jesus, segundo a sua disposição de ânimo.” (VILLELA, 1973, 45)

⁵⁹Da entrevista à Irmã Pilar realizada a 14 de dezembro de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

Desde cedo “sentia, no fundo d’alma, uma atração irresistível pelo isolamento. Procurava sempre os lugares retirados para orar. Deliciava-me o silêncio. Era uma festa para o meu coração entregar-me ao recolhimento, onde podia meditar nas lembranças do céu.” (HÓSTIA, 1948, 11). Era na solidão que o seu peito “se dilata às suas invasões da graça” (Ibidem) e várias foram as ocasiões em que a irmã Ignez foi vista em plena absorção pela admiração do inefável. Desde os tempos de colégio, as suas colegas testemunhavam, durante a missa, que “ela não se movia, de joelhos, mãos postas, olhos fixos no Sacrário, assim ficava todo o tempo, parecia não estar na terra de tão absorta que ficava!” (Idem, 29)

Na adolescência, as suas amigas notavam que Esther já revelava, inconscientemente, a intensidade da sua união com Cristo eucarístico e no Carmelo “mergulhava de tal modo em meditação e adoração que perdia por completa a noção do tempo e nada parecia poder interromper seus encontros com o Senhor, no qual se prostrava indefinidamente.” (Ibidem)

Quando estavam em Campanha não era diferente, pois mesmo no meio de tantas e tão diversas atividades, era a irmã Ignez a mais contemplativa:

“vivia em oração ininterrupta, sempre diante de Deus, fossem quais fossem seus afazeres. Logo pela manhã refugiava-se a sombra das árvores e ali, solitária, passava horas felizes, na oração silenciosa, escutando mais de perto a voz de Deus. Ali rezava, lia o Evangelho, e meditava no mais íntimo do coração.” (Idem, 60)

A irmã Ignez extasiava-se com toda a obra do Criador, “desde a natureza às estrelas no céu, buscava a Deus em tudo o que via e em tudo se admirava.” (Idem, 18), a sua mística não apresentava nada de extraordinário, resumindo-se a tudo entregar para tudo receber, certa de que “na montanha silenciosa do Carmelo, encontraria abrigo e aconchego as suas aspirações” (VILLELA, 1973, 31), e sentia-se “guiada unicamente pelo Espírito na subida da montanha da contemplação, desconhecendo a teologia especulativa e penetrando cada vez mais na teologia mística.” (Idem, 76)

Sobre as suas experiências místicas revela crer que

“a íntima felicidade me penetra profundamente, enquanto duram as santas espécies. Depois, permanece em mim uma alegria inefável, que aos poucos diminui de intensidade, até desaparecer e ser substituída, no resto do dia, pelo gosto amargo do convívio com as criaturas e as coisas deste mundo, bem como pela dor, ora surda, ora pungente, vibrando continuamente nas cordas mais sensíveis de meu coração.” (Idem, 74)

Acontece que os místicos experimentam durante o processo em que se deixam conduzir inteiramente pelo Espírito Santo, no árduo caminho de união com Deus, um fenómeno que São João da Cruz chamou de “noite escura da alma”, que seria uma sensação extrema de trevas espirituais. Descreve-a assim a irmã Ignez que “nesse doloroso estado, a

alma sofre desamparo tão agudo, que chega a duvidar da salvação: o Céu parece fechado à sua esperança” (Idem, 71), ressaltando que

“esse sofrimento em si mesmo, não é um Fim, nem um Bem; torna-se no entanto o caminho, a porta estreita, que conduz à intimidade com Deus, à configuração com Cristo Padecente – Redentor – e eleva a criatura humana a esse plano sobrenatural, em que se torna participante da Redenção do mundo, misticamente desposada ao Verbo Encarnado: felicidade inexprimível em palavras, mas intensamente experimentada por todos os que morrem a si mesmos – para renascer em Cristo.” (HÓSTIA, 1948, 88)

Mas adverte a irmã Ignez que não nos devemos nos prender ao fenómeno em si, pois

“na escola de nossa Santa Madre Teresa e de nosso Pai, São João da Cruz, escola onde é Mestre excelso o Anjo que patrocina o nosso voo para Deus, aprendemos que a graça é que santifica a alma; não são os êxtases nem as visões nem os caminhos extraordinários, não. Esses carismas, quando divinos, são apenas um testemunho da vida sobrenatural na pessoa que os recebe. Mas, não são a vida sobrenatural em si, não são a graça santificante, que devemos colocar mil vezes acima de todos esses fenómenos sensacionais.” (Idem, 100)

2.4.4 – A “Saudade de Deus” na Irmã Ignez

A irmã Ignez relata que começou muito cedo a sentir as saudades do Céu, essa “forma expressiva do martírio de amor que lhe consumiu a vida” (Idem, 6). Já aos 4 anos de idade, quando no meio das brincadeiras infantis, não se contentando em satisfazer o seu coração com coisa alguma criada e sem motivo algum, “desatava a chorar e até a soluçar” (Idem, 7), é só mais tarde encontraria explicação para esse facto, conforme afirma que “era a saudade do Céu, a nostalgia da Pátria, que já me torturava, que invadia meu coraçãozinho e nunca mais me deveria deixar, na travessia do exílio” (Ibidem) e, no meio do choro sem razão, só encontrava algum consolo quando a sua mãe lhe falava de Jesus, então as suas lágrimas cessavam e ela acalmava.

Por ocasião da sua primeira comunhão, afirma que, nesse dia, ocorreu o seu primeiro encontro com Jesus quando então lhe entregou o seu coração “e Ele, aceitando a oferta, pôs-me na frente um sinal para que eu não tivesse outro amor” (VILLELA, 1973, 21). Esse dia deixou em Ignez a mais suave das lembranças, a mais doce das saudades, e ainda declarou que “se por desgraça, eu não acreditasse na presença real de Cristo na Eucaristia, bastar-me-ia sentir uma vez o que experimento comungando para crer nesse Mistério adorável com todas as energias de meu espírito.” (Idem, 74)

Quanto ao “místico perfume da sua peculiar saudade do céu, sentida desde os seus verdes anos” (HÓSTIA, 1948, 101), a irmã Inez explica-o da seguinte maneira:

“Não sei que roxo triste veste hoje meu coração... É um perfume de mirra que se desprende de minha alma toda; é uma saudade do Céu que se desfolha em meu regaço... Saudade!... ah!

Saudade é uma essência de amor com que a dôr embalsama a lembrança do amado ausente. Deus a criou para eternizar o amor. Por isso é que as saudades não murcham... Abrem chagas profundas, que só fecha quem as mata. Nasceu comigo essa flôr de melancolia. Parasitou em meu coração como a hera que se prende ao muro; eu lhe sustento as raízes para que ela me alimente de dôr... Não a troco pelas rosas mais alegres. Rosas desabrocham risos, e os risos enleiam na terra; saudades fazem chorar, e a lágrima leva pro Céu. Quero, sim, passar a vida cultivando minhas saudades, que desejo semear por toda a senda do meu exílio. Deus quer ser a vida da minha nostálgica flôr, que só fenecerá nos jardins do Paraíso. A maioria dos proscritos não cultivam saudades da Pátria. Se não é um crime, é, pelo menos, uma ingratidão sem nome o não lembrar-se o filho do Pai ausente, que o ama com requintes de ternura. Se se lembra, essa lembrança gera forçosamente a saudade; e esse sentimento, tão legítimo, tão nobre, tão sublimado pelo sacrifício da ausência, conserva na lama o amor, que cresce à medida da dôr. Não concebo como se possa amar muitíssimo sem ter saudades, porquanto, o desejo de ver, ouvir, falar com quem se adora, é uma tendência natural do amor. Êsse desejo não satisfeito muda-se em mágoa, em dôr, mais ou menos intensa, e essa mágoa, essa dor, é o que chamo saudade. Sentí-la de Deus devia ser como a respiração de todo desterrado. Se fôramos indigentes, se jazêramos em extrema miséria, e tivêramos um amigo tão devotado que, só pelo interesse desinteressado de conosco dividir a opulência de sua felicidade, nos enviasse mensagens, convidando-nos a com êle morar, num castelo onde tudo concorresse para tornar-nos plenamente venturosos, seria, de nossa parte, uma grosseria inqualificável, uma ingratidão bradante, se não podendo aceder logo ao convite, não sonháramos com tal fortuna, não desejáramos, com ânsia, atirar-nos nos braços de tão extremoso amigo. Ora, todos nós somos indigentes de felicidade, nos tugúrios deste mundo miserável. Deus é esse Amigo, que, só por amor, fêz para nós o Céu, onde nos reserva oceanos de delícias inconcebíveis, e os gozos de que temos sede. Convida-nos a dirigir para esse Palácio onde Êle mora, o nosso pensamento, os nossos anelos e saudades. Essa aspiração para o Alto, bem longe de melancolizar uma existência, é tudo o que pode haver de mais suave, de mais balsâmico e delicioso para acalantar o coração, nas horas amargas deste destêrro tão triste. Entretanto, esquecido o homem que é herdeiro de um trono, onde pode reinar in aeternum, avilta a sua realza, deixando-me algemar nos calabouços deste deserto sem luz. Mas, o que deveras me espanta é ver que os simples cristãos não só, senão também as almas religiosas sentem-se tão aclimadas “in terra aliena”, que nunca mandam para a Pátria um suspiro saudoso sequer. Lembram-se de tudo, menos do Céu, como se o Céu fora um mito, uma ficção poética. Incrível! Êsse esquecimento imperdoável constitue um desprezo quase criminoso do nímio amor com que Deus nos ama, dando-nos o Paraíso. O vácuo insondável cavado no coração humano, devia ser uma exalação de celestes saudades, que, viçando na alma, abafassem as flores terrenas que aí brotassem. Mas, ai!... saudade é um rebento de amor, e Deus nem de todos é amado. Oh! quero enfeitar-me toda de saudades do Céu, e tirar da minha lira só acordes de lá!... Virgens há que se oferecem ao Altar, para serem imoladas como vítimas de expiação pelos crimes do mundo. Eu... ah! eu quero ser a vítima da saudade divina que os exilados não cultivam... Admiro o heroísmo que inspira a coragem de lançar-se nos espinhos, para aplacar a Justiça irritada; mas, na minha fraqueza, prefiro ser vítima das flores..., para aclamar, mortificar o ciúme de Deus, que se sente magoado, por não ser o aroma da nossa saudade. E se milhares de níveas colombas adejam e arrulham em torno da Cruz, levando nas asas, tintas de rubro, a prece do perdão inscrita, quero também ser rôla-vítima, para de saudades adornando o peito, reparar as indelicadezas do amor. Enquanto, sim, as outras pombas, minhas irmãs, gemem feridas e morrem dessangradas de acerbos espinhos, Ignez, gemendo também, quer morrer esmagada... de saudades do Céu!... Jesus Hóstia refrigera e nutre minha saudade, como são as plantas e as flores refrescadas e vivificadas pelo orvalho matutino e pelo sol meridiano. O calor, portanto, e o refrigério que se desprendem do Tabernáculo são elementos vitais, nutrícios das minhas saudades, que, alastrando em meu coração de vítima, privar-me-ão do oxigênio da terra, absorvendo-me a vida, de modo que transubstancie-me Ignez em perfume de saudade, espargindo no regaço de Jesus, de Quem não sentem saudades os filhos de Sion, desterrados em Babilônia!... E se, em minha campa, viçarem essas flores, oh! não as mate quem me fôr visitar, porque serão saudades da dôr, brotadas do último suspiro do meu coração...” (HÓSTIA, 1948, 101-103)

2.4.5 – O desejo de morrer

A saudade era como uma tristeza insondável no coração da irmã Inez, um momento particular onde não há choro, só há desilusão, mas às vezes, “também chorava... de amor, quando não de dor, pela saudade do Céu, que nasceu consigo e confessa nunca ter se adaptado ao desterro que era a sua vida” (VILLELA, 1973, 80), descrevendo a sua vida na terra da seguinte maneira, “Que longo exílio! Que ardor subia de minha alma para o céu! Como eu suspirava pela hora de minha eterna união! Que vida sem Êle! Que luz misturada de treva! Que união desejada e como Êle tardava a vir!” (PAIVA, 1952, 145).

A saudade de Deus sentida pela irmã Inez era tamanha que chegava a sentir saudades da própria solidão, para poder estar a sós com Deus, a sua grande “ambição era viver escondida em Deus com Cristo, nas sendas ordinárias da verdade de fé, e sempre mais atraída para o silêncio e a solidão que caracterizam o verdadeiro espírito do Carmelo, segundo as normas de Santa Teresa e São João da Cruz” (HÓSTIA, 1948, 101). E “embora esboçando sempre uma atitude solícita a todos que a cercavam, mantinha-se intimamente isolada das pessoas, declarando viver espiritualmente em outro lugar”⁶⁰, e chegando mesmo a reconhecer que “já vivia em outro clima, mais no céu que na terra.”⁶¹ Sofria muito por “viver assim, se já não é o céu ainda, não é mais também a terra... morrendo por não morrer” (HÓSTIA, 1948, 60), sentimentos que estão em conformidade com o sofrimento descrito por Santa Teresa e por São João da Cruz como que “ardendo de saudades da Pátria, em desejar o reencontro eterno com o Criador”⁶², “Oh, que vida longa! Oh, vida sofrida! Oh, que solitária solidão! Até quando? Oh, morte, morte; não sei quem te teme, pois está em ti a vida!”⁶³.

Quanto ao seu desejo de morte, a irmã Inez explica que

“Quando minha alma, eterealizada em perfume de saudade, desatar-se-me do peito, e, em fêrvidos anélitos, para o Alto ascende, o que me faz assim querer partir é a ânsia de amar como no Céu se ama. Nem me lembro sequer dos gozos que, no Paraíso, reserva Deus ao ouvido, ao olfato, ao gosto dos seus eleitos. De amor, só de amor é que tem sede o meu insaturável coração! Foi para amar que me encarcerei entre as grades do Carmelo; para amar é que vivo neste “hortus conclusus”; para amar mais é que aspiro morrer! Morrer, sim, como morreriam as flores, se, com os jardins do Éden, sonhar pudessem. Nesta terra de exílio, tudo sendo relativo, efêmero, a felicidade suprema é sofrer a tortura do infinito. Essa verdade, tão incompreendida pela maioria dos degredados, aclarou-me a inteligência nos ternos anos de minha infância. E fui crescendo sempre guiada por essa luz, em cujos esplendores desejo mais e mais mergulhar o meu espírito. Enquanto, porém, não se rompe o delgado fio da minha existência, nos grilhões

⁶⁰Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus realizada a 27 de julho de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

⁶¹Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus realizada a 27 de julho de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

⁶² Carta a Irmã Inez, Guapé 10 fev. 1916 in PAIVA (1952, p. 57).

⁶³ “¡Oh, vida larga! ¡Oh, vida penosa! ¡Oh, qué sola soledad! ¿Pues hasta cuándo? ¡Oh, muerte, muerte; no sé quién te teme, pues está en ti la vida!” in NÓVOA SANTOS (1932, p. 57).

doirados do santo amor, quero enleiar meus dias todos. Lá no mundo tanta gente há que se escraviza ao vil metal, aos mesquinhos prazeres, ao vício até; tantas donzelas, apaixonadas pela criatura, de dôr falecem, se conquistar não conseguem a correspondência de um amado mortal. Cumpre, portanto, que Deus também tenha escravos do seu amor. A esse cativo divino, entrego meu coração. Amor! Eis a divisa do meu lábaro. Não mais a mim pertence-me: sou hóstia dada ao amor, que tolhe os meus movimentos no círculo do seu domínio; que fixa os meus olhares no alvo das suas exigências; que absorve os meus suspiros em suas labaredas consumidoras! Sou uma subjugada do amor, a cuja soberania abdiquei os meus direitos. Nada, oh! nada mais possuo, a não ser a faculdade de amar. Ambicione quem quiser as glórias mais sedutoras; minha ambição única é cresce em amor. Labutem os mundanos em busca de ventura; meu ideal é transformar-me em amor. Fugam, espavoridos, dos sepulcrários os que só querem viver; eu almejo morrer, para afogar-me no oceano infundo do eterno amor. Oh! Sim, minha vida é toda um exercício de amor! Meu alimento é o trigo onde floresce o Amor! Minha bebida, as uvas que embriagam de amor! Meu sono, uma vigília inconsciente de amor! Meus sonhos, visões brancas de amor! Meu despertar, um encontro de amor! Minha oração, um suspiro de amor! Meu trabalho, uma aspiração suave para o Amor! Minha solicitude, as Vontades do Amor! Meu recreio, brincar com o Amor! Meu estudo, o Coração do Amor! Minha escola, o Tabernáculo do Amor! Minhas jóias, os espinhos do amor! Meus adornos, a mirra, os cravos do Amor! Meu festim, os afagos do Amor! Meu deleite, a dôr de amor! Minhas fadigas, delíquios de amor! Meu descanso, uma sonolência nos braços do Amor! Minhas feridas, cavernas de amor! Meu delírio gerar nas almas o Amor! Meu tormento, a ausência do Amor! Meu bálsamo, isolar-me com o Amor! Minha glória, ser hóstia de amor! Minha ambição, o martírio de amor! Minha sede, dar amor ao Amor! Minha aspiração, morrer de amor! Minha ânsia, perder-me no Amor!! Em minha lira, só dedilho melodias de amor! Aos meus ouvidos, só agradam ressonâncias de amor! Meus olhos choram longe do Amor! Arqueje meu peito, saudoso de Amor! Meus lábios só exalam bafejos de amor! Minha mente só cogita esmerilhar os segredos do amor! Meus sorrisos são beijos do Amor! Minhas lágrimas se perdem no pélago do Amor! Meus gemidos são antes canções de amor! Minhas asas se formam com penas de amor!! Oh! prendam-se à minha pena as cordas maviosas da harpa, para eu planger saudades do Amor! Devore-me o coração o incêndio de amor! Liquefaça-se minha alma em essências de amor! Evapore-se minha vida em aromas de amor! Seja a minha morte um triunfo de amor!! E, não podendo eu mais arder em anseios de amar, oh! sejam as minhas cinzas contágios de amor! Rebentem em minha tumba flores balsâmicas de amor! E, a que me fôr visitar, diga um Anjo a sorrir: Ignez é amor!”(HÓSTIA, 1948, 103-105)

O sofrimento da saudade de Deus sentido pela irmã Ignez, chegou a tal ponto crítico que houve necessidade da intervenção direta do Padre João Gualberto do Amaral, uma vez que ela alcançou o estágio de querer morrer para poder contemplar a Face de Deus sem qualquer interferência ou obstáculo. E o temor das suas companheiras de que sua ígnea chama acabasse por se consumir nessa paixão, somente encontraram paz quando houve a deliberação de que devia

“a Irmã Ignez repetir, quando lhe acometer a nostalgia do Céu, as palavras de São Paulo: por causa dos meus filhos, é necessário que fique na vida – in carne (Flp 1,23-24) – e que não se entregasse tanto ao desejo da morte, i.é., à saudade do Céu. Concedo-lhe o direito de ter saudades do Céu, mas com a adversativa de São Paulo: é necessário que eu fique, por vossa causa.” (VILLELA, 1973, 79).

Capítulo 3 – Nossa Senhora da Saudade

3.1 – Devoção Mariana

3.1.1 – Adoração e Veneração

Existem duas maneiras do cristão católico prestar o seu louvor, uma delas é através da adoração e a outra é através da veneração. A adoração é soberana e devida, apenas e unicamente, à Divina Trindade e recebe o nome de “latria”, sendo que a sua supremacia tem valor absoluto e central na Igreja Católica, pois a adoração ao Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, é o maior objetivo dos fiéis. A “latria”, portanto diferencia-se sobremaneira da veneração (também denominada “dulia”) que é devida aos santos, intermediários entre o Criador e as criaturas.

No plano da “lex orandi”, o culto em veneração a Maria Santíssima é considerado como obrigatório em Sua honra, pois a consideram como a maior medianeira entre Deus e a humanidade, recebe oficialmente o nome de hiperdulia. A dulia e a hiperdulia encontram sustento no Código de Direito Canônico, mais particularmente no cânone 1186 (JOÃO PAULO II, 2005, 299), pois segundo o seu aconselhamento e para fomentar a santificação do povo de Deus, a Igreja recomenda à veneração especial e filial dos fiéis a Bem Aventurada sempre Virgem Maria, Mãe de Deus, a quem Cristo constituiu Mãe de todos os homens, bem como promove o verdadeiro e autêntico culto dos outros santos, por cujo exemplo os fiéis se edificam e pela intercessão dos quais são sustentados.

Observamos que as imagens de Nossa Senhora fazem parte da própria história da Igreja e encontram grande ressonância no coração dos fiéis, estando presentes nas várias manifestações quotidianas da sua fé, sendo que desde os primórdios do cristianismo percebe-se um especial apreço em reverenciá-la, sendo as suas primeiras representações iconográficas encontradas nas catacumbas romanas na forma da “Virgem Orante”.

Inclusive o Cânone 1188 (Ibidem) aponta a importância do uso das imagens para a veneração dos fiéis e adverte para o uso sóbrio das mesmas, para que sejam expostas em número moderado e na devida ordem, a fim de que não se desperte a admiração no povo cristão, nem se dê motivo a uma devoção menos correta. Alerta, ainda no Cânone 1190 (JOÃO PAULO II, 2005, 299) no seu § 3 que deve ser oferecida a mesma prescrição do § 2 no que diz respeito às imagens que são objeto de grande veneração do povo em alguma igreja

que não podem de modo algum ser alienadas nem definitivamente transferidas, sem a licença da Sé Apostólica.

3.1.2 – A hiperdulia

O exercício da hiperdulia, nas suas manifestações devocionais à Virgem Maria ocorre através da prática litúrgica e das devoções populares. Sendo que as práticas litúrgicas são realizadas através dos ritos consagrados, normalizados pelo Vaticano, e oficiadas em todas as Igrejas Católicas com as suas características de acordo com as Normas Oficiais de Culto. Já a devoção popular é caracterizada por expressões mais flexíveis, pois podem ser formuladas e reformuladas pela própria religiosidade dos crentes ou pela religiosidade dos grupos eclesiais de que fazem parte, e são o conjunto de expressões religiosas que espontaneamente surgem nos corações dos fiéis. “Podem ser criadas livremente, mas desde que estejam de acordo com o Evangelho e com os princípios teológicos católicos”⁶⁴, e utilizam, para esse fim, como instrumentos, o santo rosário, o terço, as romarias aos santuários marianos, as peregrinações aos locais onde ocorreram as suas aparições, as promessas, as novenas, as procissões, a coroação do mês de maio, entre outros.

Durante o ano litúrgico ocorrem três tipos de celebrações marianas, as Solenidades, as Festas e as Memórias, sendo que as Solenidades são as celebrações mais importantes, realizadas no 1º de janeiro, Maria, Mãe de Deus; a 25 de março, a Anunciação; a 15 de agosto, a Assunção; a 8 de dezembro, a Imaculada Conceição; e o dia da padroeira da nação que varia de data conforme o país. As Festas Marianas têm como principais datas, 31 de março, a Visitação; e a 8 de setembro, dia do nascimento de Maria. As Memórias ocorrem em datas variadas e circunscrevem-se a uma determinada localidade, seja uma Igreja, uma cidade, ou um convento, dependendo do particular significado que tem para a respetiva comunidade, e sendo opcionais e facultativas para as demais.

A Hiperdulia pode ser exercida através de qualquer um dos diversos títulos de Nossa Senhora, pois todos são representações de Maria de Nazaré e foram instituídos numa tentativa de recriá-la através da representação da sua pessoa, ou seja, da “marca de Deus somadas as nossas projeções humanas” (MURAD, 2009, 143), sendo que a representatividade das suas diferentes invocações é complexa e remete-nos para a interpretação de uma devoção completa e abrangente, demonstrando que a religiosidade das devoções particulares a Nossa Senhora,

⁶⁴Da entrevista ao Padre Antonio Clayton Sant’anna, Diretor Responsável pela Academia Marial do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, realizada por telefone, a três de agosto de 2010.

deve ser contextualizada em relação ao grupo social onde está inserida, de maneira a responder aos seus anseios, ao seu entendimento e às suas necessidades espirituais, demonstrando antes de mais, afinidade entre o religioso e a devoção em particular a que se dedica, possibilitando que esta ocorra de maneira verdadeira e surta o efeito desejado de louvor conforme a sua crença.

3.1.3 – Títulos Marianos

O surgimento dos distintos títulos Marianos ocorre em duas situações representativas, a primeira é a de Maria como colaboradora no mistério da redenção e a segunda de Maria como devoção firmada através dos séculos e que acompanha a história e a vida da Igreja. Estas devoções podem ser de três naturezas, a litúrgica, que respeita às invocações criadas pela Igreja e referem-se às celebrações solenes; a histórica, que são as invocações que surgiram ao longo da história do cristianismo e referem-se aos locais onde um determinado culto foi iniciado; e as populares, que são as “invocações que nascem espontaneamente da devoção popular e referem-se a títulos que surgem por uma pressão oriunda do povo e, só mais tarde, aceite pelas autoridades clericais” (Idem, 145). Já as diferentes representações iconográficas da Virgem referem-se às distintas fases da vida de Maria e “podem ser classificadas quanto a retratarem a Infância, a Imaculada Conceição, a Encarnação do Verbo de Deus, a Maternidade, a Paixão de Cristo e a Glorificação” (MEGALE, 2008, 19-20).

Maria era judia, vivia humildemente no interior da Galileia e sempre despertou o interesse dos fiéis pela representatividade da sua comovente trajetória ao lado de Nosso Senhor Jesus Cristo, oferecendo um exemplo de vida a ser imitado por todos os cristãos, mas além de representar, no ideário dos religiosos, um modelo a ser seguido, Maria “constitui também uma pessoa viva a se invocar” (BOFF, 2006, 78), e tem como invocação primordial o título de Mãe de Deus que foi confirmado pelo Concílio de Éfeso, realizado no ano de 431.

Após a oficialização da Maternidade Divina de Maria, houve um proliferar de diversas invocações, partindo de diferentes realidades, variadas inspirações e vivências particulares que os fiéis têm da Virgem Maria, o que permitiu a expansão e o desenvolvimento da sua veneração. Os fiéis diante da sua solicitude maternal sentem-se por ela protegidos e ajudados e pedem assim a sua intervenção e o seu auxílio, rogando-lhe solução para os diversos problemas que os afligem e encontrando ressonância e amparo na meditação dos seus mistérios.

A ocorrência de um significativo número de invocações à Mãe de Deus deve-se ainda ao facto do seu carácter rico em dons justificar a admiração dos fiéis que encontram em Nossa Senhora inúmeras oportunidades de consolação na meditação dos seus sofrimentos e em busca de amparo para as suas próprias dores.

Mas, apesar destes aspetos serem bastante diversos entre si, observamos uma base comum a todos e que foi firmada pela percepção dos devotos de Maria terem-na consigo como “pessoa viva e atuante, cuja intervenção, emergente e eficaz, podendo ser invocada nos perigos, seja pelas pessoas, seja pelas coletividades, e como tal intervém ao longo da história, como ativa participante nos múltiplos e complexos problemas que hoje acompanham a vida das pessoas individualmente, das famílias e das nações.” (BOFF, 2006, 78)

Segundo a pregação do padre João Gualberto do Amaral, ao proferir a Homilia intitulada “Noção de lógica”, no 1º dia, a 2 de fevereiro de 1944, relembra “Santo Epifânio ao dizer que Maria é o olho que vê o nosso sofrimento; é o ouvido que ouve os nossos gemidos; é o coração que conosco sente a dor; é o pé que corre para auxiliar-nos, e é a mão que nos leva a seu Divino Filho” (AMARAL, 1944), e também percebemos, através da análise das diversas invocações marianas, a existência de dois momentos a serem ponderados, ou seja, o momento do seu nascimento e o momento da sua veneração, e ambos apontam a direção de uma representatividade que se faz pela busca da satisfação de uma necessidade específica, quer seja esta de ordem espiritual, emocional ou material.

Portanto, quanto ao aparecimento de cada uma das invocações de Nossa Senhora não podemos caracterizá-las simplesmente como fruto da criatividade humana, nem como privilégio dos seus centros originários, mas a sua ocorrência será conforme, e irá de encontro às diversas necessidades de exteriorização devocional e ocorrerá de acordo com a dinâmica estabelecida nesses locais, principalmente no que diz respeito aos aspetos privilegiados na identidade de Maria, além de que “essas invocações assumem, muitas vezes, as características de diferentes culturas e determinados grupos, povos e momentos históricos” (BOFF, 2006, 78). Isso fará com que cada invocação de Nossa Senhora tenha a sua particular especificidade devocional.

No que diz respeito à veneração que um católico assume face a uma das invocações de Nossa Senhora, configura-se como o resultado de uma construção pessoal de afirmação de fé que pertence a cada um, pois a busca pelo amparo específico que pode ser oferecido por uma determinada invocação tem estreita relação com o mal que sofre e o auxílio de que necessita. Assim, considerando a história pessoal do seu relacionamento com Maria que o direciona e o auxilia, o crente sente uma proximidade com Maria que lhe permite uma identificação de

forma mais harmoniosa, uma mais autêntica devoção, além de propiciar elementos mais acessíveis na busca de consolo para o seu sofrimento.

As invocações têm notável força simbólica e são expressas ritualisticamente, além de carregarem os sinais característicos da comunidade e da cultura em que se desenvolvem, tendo cada uma delas a sua própria história, começando num determinado lugar e expressando uma particular experiência religiosa, “seu ritual particular visa a manter o praticante e a comunidade em que vive na graça das virtudes de fé, de esperança e de amor solidário, mantendo o Sopro do Espírito em plena atividade.” (Ibidem)

3.1.4 – Processo de autorização de novas devoções

O processo de autorização e oficialização de uma nova titulação mariana não teve por parte do Vaticano nenhuma formalização para a sua condução ou sua tramitação, dependendo para tanto da autorização do bispo da diocese a que pertence a comunidade onde ocorreu o fenómeno de seu aparecimento. Na ocasião deverá observar o bispo, com bom senso, se essa nova devoção está de acordo com os evangelhos, com a doutrina católica, se não vai contra as suas normas, e nem contra os preceitos da Igreja, e ainda se tem um fundamento teológico significativo.

Deverá ainda, o bispo, “considerar a motivação que lhe deu origem, se é cristã, se não causará escândalo, se será uma boa invocação para qualquer católico, ao mesmo tempo em que deverá contribuir para o enriquecimento espiritual dos fiéis e com o movimento de evangelização.”⁶⁵

Para tanto, a Igreja Católica convencionou instruir um processo interno para a autorização de novas invocações que deverá seguir um trâmite hierárquico que passará primeiramente pelo Superior da Ordem Religiosa na qual se constatou a ocorrência do fenómeno, deste passará para as mãos do Pároco a que pertence a Ordem Religiosa onde se deu o facto e, por último, irá ao Bispo da Diocese a que pertence a Paróquia em questão, considerando que todos os títulos atribuídos à Virgem têm como fundamento a sua vocação como Mãe do Redentor.

⁶⁵Da entrevista ao Padre Antonio Clayton Sant’anna, Diretor Responsável pela Academia Marial do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, realizada por telefone, a três de agosto de 2010.

3.2 – Nossa Senhora da Saudade

3.2.1 – Processo de autorização da devoção de Nossa Senhora da Saudade

No caso de Nossa Senhora da Saudade, face à inspiração da devoção pela irmã Ignez, a sua superiora Madre Antonietta Maria do Amor Divino solicitou uma apreciação sobre a sua legitimidade ao pároco Padre João Gualberto do Amaral, que lhe confirmou a fundamentação teológica desta devoção. E o Bispo da Diocese de Niterói⁶⁶, D. Agostinho Francisco Benassi concedeu-lhe a aprovação, o patrocínio e o *Imprimatur*, a 10 de maio de 1918, estando assim, a invocação de Nossa Senhora da Saudade homologada pela Igreja Católica de modo oficial.

A 17 de maio de 1931, recebe o *reimprimatur*, na sua 7ª edição, do Bispo da Diocese de Niterói, D. José Pereira Alves, que além de confirmar a devoção de Nossa Senhora da Saudade, ainda concedeu 50 dias de indulgências a quem rezasse a Coroa das Saudades da Rainha dos Mártires; a 19 de maio de 1945, recebe o *reimprimatur*, na sua 11ª edição, do Bispo da Diocese de Niterói, D. José Pereira Alves; a 11 de fevereiro de 1948, recebe o *reimprimatur*, na sua 12ª edição, do Vigário Geral de Petrópolis, Monsenhor Francisco Gentil Costa; tem-se ainda notícia de que, “em 25 de agosto de 1958, recebe o *reimprimatur*, do Bispo da Diocese de Leopoldina em Minas Gerais, Dom Delfim Ribeiro Guedes.” (MONTEIRO, 1967, 148).

A 24 de junho de 1947, o Carmelo de São José envia correspondência ao Papa Pio XII, submetendo à sua apreciação a devoção da Coroa das Saudades de Nossa Senhora da Saudade e, em correspondência recebida a 21 de outubro de 1947, recebe a resposta de que a mesma será analisada pela Congregação competente para o devido estudo e exame⁶⁷.

Em 1950, o Bispo de Petrópolis, D. Manoel Pedro da Cunha Cintra, submeteu a devoção de Nossa Senhora da Saudade à aprovação da Santa Sé e à Sagrada Congregação do Santo Ofício que não encontrou qualquer reprovação dogmática ou liturgicamente. Mas, entendeu, por bem, o Senhor Bispo D. Manoel Pedro da Cunha Cintra restringi-la ao Carmelo de São José em Petrópolis, pois julgou que ainda “não era chegada a hora de lhe dar maior amplitude” (PAIVA, 1952, 147), sendo que esta restrição foi comunicada a Monsenhor Carinci, Secretário da Sagrada Congregação dos Ritos do Vaticano⁶⁸.

⁶⁶Lembremos que na época da génese e da autorização da devoção de Nossa Senhora da Saudade, o Carmelo de São José em Petrópolis pertencia à Diocese de Niterói, passando a pertencer à Diocese de Petrópolis, somente aquando da criação desta, em 1946.

⁶⁷Da correspondência trocada entre o Carmelo de São José e a Diocese de Petrópolis – consultada a 25 jun. 2011.

⁶⁸Da correspondência trocada entre o Carmelo de São José e a Diocese de Petrópolis – consultada a 25 jun. 2011.

A notícia da restrição não agradou às religiosas de Petrópolis, e apesar de a “Madre Priora Antonietta Maria do Amor Divino, que, amargurada, manifestou-se por escrito” (MONTEIRO, 1967, 134) ser contrária à decisão, atenderam-na obedientemente, pois “todos sabem que a obediência é que faz a religiosa, e sem ela, não há Religião. Para ser virtude, deve ser sobrenatural a obediência: obedecer a Deus na pessoa do Superior” (HÓSTIA, 1948, 70), apenas lhes restando a esperança de que futuramente esta devoção florescesse fora dos muros do Carmelo.

No 1º de julho de 1953, o Bispo de Petrópolis, D. Manoel Pedro da Cunha Cintra comunicou ao Carmelo de São José que foi constituída uma Comissão de Estudos, composta por sacerdotes, para estudar a Coroa das Saudades da Rainha dos Mártires⁶⁹.

Por decisão eclesiástica, desde 1891, os mosteiros e conventos das diversas Ordens Religiosas deixaram de ter autonomia, passando para a jurisdição dos bispos locais das dioceses às quais estivessem filiados. Na ocasião do nascimento da devoção de Nossa Senhora da Saudade, o Carmelo de Petrópolis pertencia à Arquidiocese de Niterói, sendo a Diocese de Petrópolis criada somente a 13 de abril de 1946, pelo Papa Pio XII, através da Bula *Pastoralis qua urgemur*, sendo a 24 de abril de 1948, e empossado o primeiro Bispo de Petrópolis, D. Manoel Pedro da Cunha Cintra.

Em consulta à Diocese de Niterói⁷⁰, onde se iniciaramos trâmites do processo de autorização da devoção de Nossa Senhora da Saudade, bem como aos Arquivos da Cúria⁷¹, não foi localizado o Processo, nem existe qualquer documento que possa ser consultado sobre este assunto. A consulta foi feita também à Diocese de Petrópolis⁷², e foi obtida a mesma resposta.

3.2.2 – Fundamentação Teológica

Considera-se que a irmã Ignez tenha recebido “a revelação da devoção de Nossa Senhora da Saudade como um dom especial” (CARMELO [s.n.]), dada a sua reconhecida autoridade, moral e espiritual, mas a possibilidade de uma monja poder estabelecer uma nova invocação mariana era quase nula, sendo, portanto a participação do Padre João Gualberto

⁶⁹Da correspondência trocada entre o Carmelo de São José e a Diocese de Petrópolis – consultada a 25 jun. 2011.

⁷⁰Da entrevista ao Padre Bruno Guimarães de Miranda, Chanceler da Cúria Arquidiocesana de Niterói, realizada por telefone a 13 de outubro de 2010.

⁷¹Da entrevista ao Senhor Francisco Javier Müller, Historiador responsável pelo Arquivo da Cúria Arquidiocesana de Niterói, realizada por telefone a oito de julho de 2010.

⁷²Da entrevista ao Padre Adenilson Silva Ferreira, Chanceler da Cúria Diocesana de Petrópolis, realizada por telefone a 25 de novembro de 2010.

definitiva e efetiva no que diz respeito à oficialização da invocação de Nossa Senhora da Saudade, pois foi o primeiro a conhecer, estudar e aprovar esta devoção, provando que o número sonhado pela Irmã Ignez representava as trinta e seis horas nas quais Maria sofreu de saudade pela ausência de Jesus, ou seja, o período que vai da sepultura até à ressurreição.

A fundamentação teológica apresentada pelo Padre João Gualberto, em defesa da veracidade da inspiração da irmã Ignez quanto à confirmação do número das trinta e seis horas de sepultamento de Cristo, encontra escopo na *Suma Teológica*, onde São Tomás de Aquino (AQUINO, 2009, 733-735)⁷³, para responder à questão proposta sobre o tempo de enterramento de Cristo, defende que Ele havia ficado morto por um dia e duas noites, citando Santo Agostinho, que desde o final da tarde do dia da sepultura até a madrugada do dia da ressurreição, contam-se trinta e seis horas, ou seja, toda uma noite, com um dia inteiro, mais uma noite toda. Santo Agostinho, n' *A Trindade* (SANTO AGOSTINHO, 2008, 158-160)⁷⁴, apresentando a relação dos números e suas equivalências, calcula serem essas “trinta e seis horas, que é o quadrado de seis. Refere-se àquela relação do um ao dois, expressão da mais perfeita harmonia. Com efeito doze mais vinte e quatro, - relação da unidade ao duplo -, perfaz trinta e seis.” (Idem, 159-160)

3.2.3 – Iconografia

Contando com a autorização do Bispo da Diocese de Niterói, D. Agostinho Francisco Benassi, baseado no Cânone 1279⁷⁵, parágrafos 1º e 3º, foi então modelada a imagem que conhecida, até então, considera-se como a única do mundo.

Esta imagem foi doada anonimamente por uma fiel que obtendo graças de Nossa Senhora da Saudade procedeu à encomenda da imagem ao célebre escultor “Charles Desvergues, ‘Grande Prêmio de Roma’” (MONTEIRO, 1967, 145), e das jóias que a ornamentam, uma Coroa aberta na cabeça, o gládio no peito e a Coroa dos Mártires na sua mão direita, ao “joalheiro parisiense Armand Rivier.” (Ibidem) O Carmelo “não possui qualquer documentação referente a essa doação que possa nos apontar a identidade de quem a

⁷³Volume VIII – O mistério da encarnação – Parte III, questão 51: O sepultamento de Cristo, Artigo 4 – Cristo ficou no sepulcro somente por um dia e duas noites?

⁷⁴Capítulo 6 – O tríduo da ressurreição e a relação da unidade com o duplo (SANTO AGOSTINHO (2008, pp. 158-160).

⁷⁵Do Antigo Código de Direito Canônico, o Código Pio-Beneditino, promulgado pelo Papa Bento XV, em 27 de maio de 1917.

ofertou, sendo que a imagem passou a ser inventariada juntamente aos outros bens que possuem”⁷⁶.

Trata-se de uma imagem de 1,66 m de altura⁷⁷, esculpida numa peça única de mármore de Carrara branca, representando a Virgem Maria de pé sobre o globo terrestre com a cabeça ligeiramente inclinada para o seu lado direito, olhando melancolicamente para baixo. A sua mão esquerda apoia-se no peito trespassado por um punhal, a direita segura em oferta a Coroa das Saudades⁷⁸, e “suas vestes são uma túnica e um manto que lhe envolve o corpo e passa sobre seu ombro esquerdo caindo atrás na altura dos joelhos, e sua cabeça está coberta por um longo véu” (MEGALE, 2008, 448) e não podemos deixar de notar a extrema semelhança entre esta imagem e a imagem de Nossa Senhora das Dores⁷⁹.

Analisando a sua simbologia, a Coroa representa a realeza da Rainha dos Mártires, os seus pés sobre a terra caracterizam-na como a sua Soberana Senhora e como que estando acima da orbe terrestre e dela se fizesse suprema.

Já a lança no peito indica o cumprimento da profecia de Simeão feita a Maria, quando da ocasião em que seria lancetado o Filho, que uma espada de dor traspassaria o seu coração e para com a mesma dor, “também uma espada traspassará a tua própria alma” (Lc 2, 35), sendo assim, a uma espada atravessa ambos, a Mãe e o Filho, sendo que

“foi a saudade a última dor sofrida pela Rainha dos Mártires e Co-redentora da humanidade. Depois da saudade nenhuma outra espada lhe rasgou o imaculado coração, a não ser a da mesma saudade, que, embalsamada embora pelas alegrias da Ressurreição, nunca mais lhe foi do âmago arrancada, enterrando-se para não mais sair do peito mártir da Rainha do Calvário.” (HÓSTIA, 1948, 95)

Na apresentação de um semblante “docemente triste” (MONTEIRO, 1967, 145), podemos ver traduzida com perfeição a essência do sentimento da saudade, de quem se conforma com o inaceitável e oferece ao mundo uma feição pesarosa pela morte do seu Filho, O Deus vivo que contemplou face a face.

As monjas têm à sua disposição uma réplica desta imagem no tamanho de 50 centímetros⁸⁰, no “oratório interno do Carmelo”⁸¹, para se dedicarem em particular a Nossa

⁷⁶Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus realizada a 27 de julho de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

⁷⁷ Imagem de Nossa Senhora da Saudade, Figura 25, página 100.

⁷⁸ Detalhes da imagem de Nossa Senhora da Saudade, Figura 26, página 100.

⁷⁹“A representação de Nossa Senhora das Dores apresenta-se hoje como o resultado de uma evolução na sua iconografia que ocorreu durante o desenrolar da história do cristianismo, pois, a partir do século X, com a divulgação dos crucifixos e calvários, a imagem da Mãe Dolorosa começa a aparecer ao lado de seu Divino Filho pregado na Cruz, e até ao fim da Idade Média era de praxe representá-la desmaiada ao pé do madeiro ou debulhada em lágrimas. Somente após o Concílio de Trento, a Mãe de Deus aparece de pé, com os olhos secos, de acordo com o hino *Stabat Mater dolorosa*, atribuído ao Papa Inocêncio III.” in MEGALE, 2008, 192-194.

⁸⁰Réplica confeccionada pelo aprendiz de Charles Desvergnés, Figura 27, página 101.

Senhora da Saudade, sendo que esta imagem foi confeccionada pelo aprendiz de Charles Desvergnès, mas não apresenta o mesmo detalhe da imagem original.

3.2.4 – Santuário de Nossa Senhora da Saudade

A 28 de abril de 1929, foi inaugurado o Monumento a Nossa Senhora da Saudade dentro da clausura do Carmelo, e em 1944, quando a Capela consagrada a Nossa Senhora do Carmo fica pronta transferem-na definitivamente para o Santuário de Nossa Senhora da Saudade, localizado junto ao corpo central da Igreja, ao lado direito de quem passa pelo seu portal centenário.

O mesmo espaço físico, dentro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, recebe o nome de Capela de Nossa Senhora da Saudade e de Santuário de Nossa Senhora. Este facto dá-se por ser costume chamar Capela a cada uma das partes que compõem a igreja, que forma vão ou reentrância. Já a nomeação como Santuário, se deve à circunstância de “o conceito de Santuário pode reportar-se, não a algo maior do que uma igreja, mas a um espaço específico de uma igreja, podendo ser entendido como a parte do templo onde se desenrolam as funções de celebração” (PEREIRA, 2003, 157), e dado que é nesse local onde se realizam as cerimónias em devoção a Nossa Senhora da Saudade.

Este ponto, entre outros, constitui um forte indício para ponderarmos como a devoção de Nossa Senhora da Saudade influenciou o Carmelo de São José e foi por este, ao mesmo tempo retro-influenciada, pois em qualquer circunstância vivida pelo ser humano, a alteração de um espaço físico só é realizada após a sedimentação do ideário de uma coletividade, ainda mais tratando-se, como no nosso caso, de um espaço sagrado, capela e santuário dedicados à mesma devoção.

Também a estruturação desta devoção foi influenciada pelas características próprias da Ordem das Carmelitas Descalças e acabou por tomar-lhe as suas formas, tal como sendo estas irmãs de clausura, a imagem também se encontra enclausurada, e somente podemos vê-la através e atrás de grossas grades de ferro⁸².

⁸¹Da entrevista à Madre Piora, Irmã Maria de Jesus realizada a 27 de julho de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

⁸²Imagem de Nossa Senhora da Saudade na clausura, Figura 28, página 101.

3.2.5 – Reforma litúrgica da Semana Santa

A atual liturgia da Semana da Paixão, instituída após a reforma da Liturgia da Semana Santa restaurada pelo Papa Pio XII em 1955 (GUIA, 1957), oficializa o sofrimento de Maria por Jesus morto e veio como que evidenciar os sofrimentos de Maria que haviam sido intuídos pela irmã Ignez, inclusive a Reforma altera a nomenclatura do então Sábado de Aleluia para o Sábado Santo, dia de grande luto, “excluindo completamente as antecipadas Aleluias da Ressurreição” (MONTEIRO, 1967, 140).

Em relação à liturgia da Semana Santa e aos seus sermões que são oficiados no Carmelo de São José, “não é feita qualquer menção relativa à saudade de Maria”⁸³, para essa ocasião, e para uso exclusivamente privado⁸⁴, deixa a irmã Ignez as seguintes instruções por escrito para as religiosas meditarem, sendo “para a 1ª quarta-feira em celebração a São José, meu glorioso Protetor e estremado Pai, para a 1ª sexta-feira em celebração a Ó Jesus, nosso Deus e nosso Esposo, e para o 1º sábado em celebração a Ó Maria, nossa Mãe sobreamada!”⁸⁵.

3.2.6. – Construção da devoção

A irmã Ignez era profunda conhecedora de teologia, como também da liturgia devocional mariana, o que se revela na devoção à causa da Igreja e na inspiração em Maria Santíssima, ao amparar-se nos sagrados fundamentos da doutrina católica para elaborar e desenvolver a prática devocional de Nossa Senhora da Saudade. Desta inspiração nasceram, desde o instrumento litúrgico usado para a prática devocional de Nossa Senhora da Saudade, até à formalização propriamente dita desta devoção.

A Coroa das Lágrimas de Saudades da Rainha dos Mártires⁸⁶, ou simplesmente, Coroa dos Mártires é o instrumento usado na prática devocional de Nossa Senhora da Saudade, composta por trinta e seis contas que são confeccionadas pelas próprias carmelitas. O seu formato segue o modelo visto em sonho ela irmã Ignez, segundo relata “uma coroa de contas, enfeitadas a maneira do Santo Rosário”⁸⁷. Mas diferente do Terço tradicional onde se tem a

⁸³Da entrevista a Frei Robson Malafaia Barcellos, OFM Conv., Capelão responsável pelo Carmelo de São José em Petrópolis/RJ, realizada por telefone, a três de agosto de 2010.

⁸⁴Da correspondência trocada entre o Carmelo de São José e a Diocese de Petrópolis – consultada a 25 jun. 2011.

⁸⁵Instruções da irmã Ignez para a meditação na Semana Santa in HÓSTIA, 1948, 99-100, Anexo I, página 120.

⁸⁶Coroa das Lágrimas de Saudades da Rainha dos Mártires, Figuras 29 e 30, página 102.

⁸⁷Relato intitulado “O Sonho da Irmã Inês”, Figura 55, página 114.

Cruz, lisa ou com Cristo, na Coroa dos Mártires há uma medalha cunhada com a estampa de Nossa Senhora da Saudade.

A Coroa das Saudades é o método utilizado na veneração a Nossa Senhora da Saudade, sendo composta por três Pais-Nossos e trinta e seis Lembrai-vos⁸⁸, a sua fórmula consiste em dividir a Coroa em três partes, ou dezenas, e rezar um Pai-Nosso e doze Lembrai-vos em cada uma delas, iniciando pelo entremeio. Na conta que segue para a sua finalização, reza-se três Ave-Marias, e na medalha de Nossa Senhora da Saudade, que termina a Coroa, reza-se a Súplica⁸⁹. Note-se que para a confecção da Súplica final da Coroa das Saudades inspirou-se a irmã Ignez no Lembrai-vos, Oração de São Bernardo, e diferente do Terço tradicional que se inicia pela Cruz, onde se reza o Credo, e encerramos no entremeio, nesta modalidade, inicia-se no entremeio onde se reza um Pai-Nosso e encerramos na medalha, chamada de Coroa, rezando-se a Súplica.

Neste ponto percebemos que a influência do Padre João Gualberto sobre a devoção de Nossa Senhora da Saudade não se restringiu apenas às bases da sua fundamentação teológica, mas também no que respeita à sua prática devocional, pois segundo observou “a única dificuldade de ordem prática para a popularização dessa devoção é de ser longa a recitação da Coroa, mas esse percalço poderia ser resolvido, podendo ser dividida em três partes e rezado, cada um dos três mistérios em separado, se bem que no mesmo dia.” (PAIVA, 1952, 151), não constituindo portanto qualquer impedimento. A partir desta orientação, acrescentou-se à devoção original a possibilidade de dividi-la em orações, como podemos ler no folheto que contém as instruções de como rezar a Coroa de Saudades, que acompanha a Estampa de Nossa Senhora da Saudade e a Coroa dos Mártires, uma nota explicativa que diz: “Quem não quiser rezar a Coroa inteira de uma vez, pode dividi-la em três partes no decurso do dia, rezando um Pai-Nosso e 12 “Lembrai-vos” à hora oportuna, e as outras partes em horas diferentes, conforme a devoção de cada um”⁹⁰.

No dia em que se comemora a Padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, a 12 de outubro de 1919, a irmã Ignez compôs o Responsório⁹¹ a Nossa Senhora da Saudade⁹² e as suas respectivas jaculatórias⁹³.

⁸⁸ Lembrai-vos, Anexo J, página 121. *Memorare*, Anexo L, página 122.

⁸⁹ Súplica, Anexo M, página 122.

⁹⁰ Folheto que acompanha a Coroa das Saudades, Figura 54, página 114.

⁹¹ Responsório é uma forma de composição litúrgica onde se intercala os versos entoados pelo solista, com as respostas do coro.

⁹² Responsório a Nossa Senhora da Saudade, Anexo N, página 122.

⁹³ Da correspondência trocada entre o Carmelo de São José e a Diocese de Petrópolis – consultada a 25 jun. 2011.

A 30 de março de 1943, “por ocasião do 25º Aniversário da devoção de Nossa Senhora da Saudade.” (MONTEIRO, 1967, 141), compôs a irmã Ignez a Coroa das Saudades Contemplada em Três Mistérios⁹⁴, e para tanto inspirou-se no Santo Rosário, o mais importante instrumento da prática devocional mariana, lembrando que nessa época o Terço era rezado em Três Mistérios, os Mistérios Gozosos, os Mistérios Dolorosos e os Mistérios Gloriosos, somente sendo acrescentados os Mistérios Luminosos pelo Papa João Paulo II, a 16 de outubro de 2002, através da Carta Apostólica “Rosarium Virginis Mariae”.

A irmã Ignez considerava a Coroa de Saudades como “um apêndice dos Mistérios Dolorosos do Santo Rosário, do qual era devotíssima e muito o inculcava como força de atração de graças rezando-o quotidianamente” (HÓSTIA, 1948, 97), além de instituir o Rosário-vivo realizado mensalmente, organizou um programa opulento de manifestações de amor a Nossa Senhora, para a celebração da Festa do Santíssimo Rosário, sendo que o dia 7 de outubro figurou sempre entre as solenidades de maior gala para a nossa piedade. (Ibidem)

Tendo como orientação destes Três Mistérios⁹⁵, as instruções de que, na primeira dozena, contemplamos as saudades que Nossa Senhora sofreu do seu Divino Filho, desde o instante em que a pedra do santo sepulcro velou aos seus maternos olhos o corpo de Jesus; na segunda dozena, contemplamos as saudades de Nossa Senhora, que, na residência de São João, não pode abrigar-se na solidão, refúgio onde menos sangram chagas mortais...; e na terceira dozena, contemplamos as saudades de Nossa Mãe adorada, quando voltou ao Calvário, onde renovou o seu sacrifício de Co-redentora da Humanidade, oferecendo, por nós, a Deus o Filho que Ela chorava.

Desde a gênese da devoção de Nossa Senhora da Saudade, bem como durante todo o processo de sua oficialização, e também do estabelecimento da sua prática devocional, esteve presente o Padre João Gualberto do Amaral ao lado da irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus, orientando-a e amparando-a neste percurso.

3.2.7 – Composições Musicais

A irmã Ignez arrebatava-se facilmente pela música, a que desde cedo tomou gosto por ouvir tocar a Senhora Ana de Paula Fonseca Mascarenhas, amiga íntima da sua família. Declarava Ignez que “certas melodias transportavam sua alma, despertando nela acordes de entusiasmo pelo belo, o sublime, o divino!” (VILLELA, 1973, 18). Mesmo sem nunca ter

⁹⁴Coroa das Saudades contemplada em Três Mistérios, Anexo O, página 123.

⁹⁵Resumo dos Três Mistérios contemplados na Coroa das Saudades, Anexo P, página 126.

estudado composição musical, sendo apenas guiada pela Luz do Espírito Santo⁹⁶, a irmã Ignez, além de ser uma exímia organista, deixou um Livro de Música onde estão todas as suas composições, com mais de 150 páginas com inúmeras partituras, letras e músicas.

As composições que a irmã Ignez dedicou a Nossa Senhora da Saudade somam um total de sete, e intitulam-se: “Arrulhos Dolentes a Virgem da Saudade”, “Saudação a Virgem da Saudade”, “Canção da Saudade”, “A Saudade Humanada”, “Canção de Amor a Virgem da Saudade”, “Coroação da Virgem da Saudade” e “Tenho sede de Deus”⁹⁷, e observam as religiosas⁹⁸ que “embora não se saiba ao certo o nome do maestro que compôs o acompanhamento das músicas, creditam-se tais composições ao Maestro Emannuele de Cárolis”⁹⁹.

Entre estas sete composições, destacam-se duas delas¹⁰⁰, a saber, “Saudação a Virgem da Saudade”¹⁰¹, por ser a canção entoada pelas carmelitas quando do encerramento da cerimônia do culto coletivo em veneração à Nossa Senhora da Saudade e “Tenho sede de Deus”, por denotar o ideário saudoso de Deus a permear, por herança de Santa Teresa de Ávila, o coração das carmelitas, e nela a irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus declarava textualmente sentir saudade de Deus.

3.3 – Prática Devocional

3.3.1 – Cerimonial

A expressão cerimonial é a mais significativa em termos devocionais, pois é através dela que o fiel externaliza a sua veneração, portanto observamos a prática da cerimônia¹⁰² de devoção a Nossa Senhora da Saudade que se realiza anualmente, aos trinta dias do mês de março, desde 1918, quando a religiosa Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus recebe através de uma inspiração particular a revelação dessa invocação, sendo que após o Ofício da Oração de Noa, Terceira Hora Média, e da Ladainha de Nossa Senhora, praticadas diariamente as quatorze horas no Coro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo¹⁰³, contando-se as quatorze horas e trinta minutos as Monjas do Carmelo de São José de Petrópolis, trajadas

⁹⁶ CARMELO [s.n.].

⁹⁷ Partituras das composições da irmã Ignez, Figuras de 31 a 49, páginas de 102 a 111.

⁹⁸ Observação sobre o Maestro, Figura 50, página 112.

⁹⁹ Anotações iniciais feitas no Hinário da irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus – JESUS [s.n.].

¹⁰⁰ Letras das composições da irmã Ignez, Anexo Q, página 127.

¹⁰¹ Letra da composição da irmã Ignez intitulada Saudação à Virgem da Saudade, Figura 51, página 112.

¹⁰² Celebração observada a 30 mar. 2011.

¹⁰³ Coro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Figura 52, página 113.

com seus hábitos cotidianos, dirigem-se em procissão ao Santuário de Nossa Senhora da Saudade, dispendo-se harmoniosamente no entorno do túmulo do Padre João Gualberto do Amaral, que jaz aos pés da imagem.

Sob a direção da Madre Priora Irmã Maria de Jesus, ouvem a leitura do resumo do 1º Mistério da Coroa das Saudades, e todas as religiosas rezam uma doze composta por doze Lembrai-vos e uma Súplica, correspondente a uma terça parte da Coroa dos Mártires. Após isso, entoam a canção Saudação a Virgem da Saudade e encerram com a Quadrinha recitada três vezes. Retiram-se uma a uma e recolhem-se ao silêncio do claustro.

Os sinos não dobram para o chamamento de fiéis, nem as portas da Igreja são abertas, como ocorrem em outros eventos, pois essa cerimônia é uma devoção reservada unicamente às religiosas do Carmelo de São José de Petrópolis, e como as irmãs já estão reunidas no Coro, não há necessidade de chamá-las pelo toque da sineta. Como não é uma cerimônia pública, então não ocorre o chamado de anunciação para a comunidade externa, através dos sinos. Além disso, esse fato denota uma herança da época de restrição da devoção, em que não deviam divulgá-la, um resquício da determinação de manterem total descrição por parte das religiosas de seu exercício devocional.

Essa cerimônia é restrita ao Carmelo de São José e sua devoção é feita de maneira discreta, bem como todas as manifestações de fé e cerimoniais das Carmelitas, consagradas ao silêncio e ao recolhimento, e mesmo que seja aberta ao público, não é feito nenhum anúncio, notícia, divulgação ou chamamento para a ocasião, o que faz com que sejam poucos os fiéis que acorram para sua realização. A única preparação de ordem física que diferencia o Santuário em dias normais é que aos pés da imagem as religiosas colocam um castiçal com cinco velas azuis.

Na sua forma particular de devoção, “as religiosas do Carmelo de São José dedicam-se a rezarem a Coroa de Nossa Senhora da Saudade diariamente assim como rezam o terço”¹⁰⁴.

3.3.2 – Fidelidade devocional

Após o seu estabelecimento, “a cerimônia de devoção de Nossa Senhora da Saudade não sofreu qualquer tipo de alteração ou acréscimo em sua formalidade, mantendo as irmãs fidelidade estrita ao que foi desenvolvido por Irmã Ignez”¹⁰⁵, em sua forma de veneração

¹⁰⁴Da entrevista à Irmã Pilar realizada a 14 de dezembro no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

¹⁰⁵Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus realizada a 27 de julho de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

coletiva, embora lhes seja facultativa, participam todas as religiosas, dezesseis ao todo, sendo treze monjas enclausuradas e três irmãs externas.

Poderíamos imaginar que, diante da grandiosidade do acontecimento que foi o surgimento da devoção de Nossa Senhora da Saudade, a comunidade do Carmelo de São José poderia ser acometida por um deslumbramento tal, o que lhes desvirtuariam das suas vocações iniciais, desviando-as de seus caminhos, mas percebemos que isso não ocorreu nesse caso, pois na solidez de sua fé, essas Irmãs estão firmemente comprometidas com a sua ordenação no Carmelo.

Sendo assim, e sem comprometer a rotina estabelecida pela Ordem do Carmo, mas ampliando-a pela inclusão da devoção a Nossa Senhora da Saudade em seu cotidiano, em sua forma particular e em seu calendário, em sua forma coletiva, ou seja, “o culto em veneração a Nossa Senhora da Saudade foi agregada à rotina dessas Religiosas, sem que deixassem, por qualquer momento, que perdessem suas atividades características e fundamentais da Ordem das Carmelitas Descalças.” (Ibidem)

Mas, mesmo dentro de um âmbito religioso, a manifestação coletiva de devoção a Nossa Senhora da Saudade configura-se uma ocorrência social, portanto, imperioso se faz analisar a sua prática tendo em vista ser um exercício de fé manifesto, pois além de ser o ápice da devoção a Nossa Senhora da Saudade, é a maneira como dará validade ao sentido interior que possui além de consolidar o significado da identidade dessa coletividade, uma vez que o mesmo só terá validade enquanto significar a essas religiosas um instrumento de exteriorização de seus sentimentos íntimos e comuns, e servir como meio de socialização e unificação, pois o momento em que operam a veneração coletiva unifica-as em torno de um mesmo ideário saudoso.

Dessa forma o culto a Nossa Senhora da Saudade é entendido como um fenômeno religioso-místico, e tendo em consideração a sua estreita relação com o contexto social em que surgiu e se desenvolveu, pois existe uma inegável relação entre os sentimentos dessas religiosas no que diz respeito a saudade de Deus, expresso pelas Carmelitas, a não só influenciar o surgimento dessa invocação, mas também a manter sua devoção, provando haver uma relação de afinidade entre a invocação e os próprios sentimentos íntimos das carmelitas. Se assim não fosse não haveria a menor possibilidade de vê-la surgir como uma nova invocação mariana nem como estabelecer-se nesse ambiente, se não lhes falassem direta e profundamente a seus corações, nem lhes respondesse tão claramente as anseios de suas almas, nem fizesse eco aos seus próprios sofrimentos pela representatividade dessa invocação.

Portanto entendemos essa expressão religiosa como a compreensão do ser social que percebe a sua situação, é amparado em seus enfrentamentos emocionais, além de revelar muitas informações sobre a identidade religiosa dos agentes, pois cumpre uma função para e sobre essas religiosas pela identificação plena entre a saudade de Maria e o seu próprio sofrimento saudoso, sendo que a dinâmica estabelecida nessa particularidade é a ancoragem que se faz entre a identidade religiosa e a sua estrutura social, funcionando como um elemento de coesão que proporciona a articulação perfeita entre o religioso e o social.

3.4 – Significação

3.4.1 – Sentimento de Saudade

Segundo depoimentos das religiosas do Carmelo de Petrópolis, a saudade tem origem no amor, pois

“se você sente saudade de alguém ou de alguma coisa é porque você ama. Porque senão você não sente saudade. A saudade não se fabrica. A saudade vem de dentro, é o fruto de um amor. Se você não ama, não sente saudade. A saudade não é nostalgia. A saudade é um sentimento que você não sabe definir direito. Para você saber definir a saudade você tem que sentir. Não é nostalgia, não é. Não é melancolia, também não. É algo, um sentimento que nasce de você, de algo que você ama. Sente falta? Sinto! Mas é algo mais do que falta.”¹⁰⁶

Portanto entende-se a saudade como um sentimento universal, pertencente à natureza e à realidade humana que se radica em mover-se em duas direções, em dois âmbitos de sua vivência o que lhe confere os caracteres da imanência e da transcendência. O primeiro “seria seu mundo exterior, extrapessoal, âmbito mais raso de sua personalidade e atinge a sua maior instância de exterioridade na imanência” (GONZALEZ MOREIRAS, 2004)

Já o segundo,

“seria o mundo interior, intrapessoal, âmbito mais profundo de sua personalidade e que atinge sua maior instância de interioridade na transcendência, ou seja, o homem em si mesmo, sua espiritualidade, e ocorre no momento em que sente a sua individualidade, sua singularidade, e entende-se distinto de tudo, sentindo a solidão ontológica de sua singularidade, sente-se distinto dos demais, único e ciente de sua unicidade, isto é Saudade. É um sentimento limite de interioridade, o mais profundo do nosso ser e atinge a sua maior instância de interioridade no contato com o Absoluto, transcendência limite de si. Lugar onde os místicos têm os seus encontros com o Absoluto. Tende a uma direção única e última, a maior profundidade de si, o limite da interioridade da Saudade é o encontro com o Divino.” (Ibidem)

¹⁰⁶Da entrevista à Irmã Pilar in SCHENKEL (2009).

3.4.1.1 – Abrangência

Podemos perceber, portanto, que a saudade direciona-se em dois sentidos:

“sendo que a saudade em seu sentido horizontal é orientada pelo tempo, originando as saudades finitas, saudades terrenas, das pessoas e das coisas experimentadas na terra. Já a saudade em seu sentido vertical é orientada pela eternidade, originando as saudades perpétuas, saudades celestes, de Deus e das sensações experimentadas no paraíso.” (OLIVEIRA. 1998, 7-8).

O único ponto de intersecção entre a saudade em seu sentido horizontal e em seu sentido vertical é a Santa Cruz, e o único momento em que encontramos a comunhão da saudade terrena e da saudade de Deus é em Jesus, tendo em vista a particularidade de sua dupla natureza, a sua Sacrossanta humanidade.

Jesus é a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e se fez Homem no seio puríssimo da Virgem Maria, por obra do Espírito Santo, portanto, Nossa Senhora da Saudade, representa esse momento único da comunhão entre as duas dimensões da saudade, por ser Cristo verdadeiramente filho do homem e por ser verdadeiramente filho de Deus, e unindo, dessa forma, a sua natureza terrena e a sua natureza divina, produzindo em Maria tanto o sentimento da saudade de sua humanidade, como Jesus seu filho, como também, e ao mesmo tempo, o sentimento da saudade de sua Divindade, como Deus Filho. O que nos levaria a concluir que a existência de uma dupla dimensão nas saudades de Maria e entendermos que Nossa Senhora da Saudade, portanto, oferece lenitivo a todos os saudosos e saudosistas, independente de qual seja a fonte de seu sofrimento, seja sentindo saudade de pessoas ausentes ou sentindo saudade de Deus.

3.4.1.2 – Dimensão Humana

Partindo da análise da natureza humana de Cristo, observamos que Nossa Senhora da Saudade, oferece aos enlutados a possibilidade de amenizarem uma dor inconsolável, tendo conforto na meditação do sofrimento das “maternas saudades” (MONTEIRO, 1967, 139) de Maria, uma vez que “essa devoção consiste em colocar nesse Coração de Mãe todas as mães que sofrem por seus filhos, seja pela perda deles, seja porque os vê em caminhos incertos”¹⁰⁷, além disso,

“essa devoção significa algo de muito consolador, principalmente para aqueles que se encontram afastados fisicamente de seus entes queridos, como é também o caso das monjas. Mas também para aqueles que perderam seus entes queridos, pois essa devoção significa a

¹⁰⁷Do questionário proposto às Religiosas do Carmelo de São José em Petrópolis/RJ, em março de 2011.

saudade que Nossa Senhora sentiu de seu Filho. Aqui no Carmelo de Petrópolis sempre pedimos em nossas orações para que Nossa Senhora da Saudade console e conforte aqueles que sofrem a morte de seus entes queridos.” (Ibidem)

Observamos que “as Coroas das Saudades da Rainha dos Mártires também são procuradas para serem usadas, quando da perda de entes queridos, ou para distribuição em velórios”¹⁰⁸, e que apesar das religiosas se preocuparem mais com a veneração do que com a divulgação da devoção a Nossa Senhora da Saudade, a mesma acaba por expandir-se em virtude do atendimento a uma necessidade comum, dentro do atual contexto social, que é a perda de entes queridos.

3.4.1.3 – Dimensão Divina

Partindo da análise da natureza divina de Cristo, sendo que ao Deus Filho atribui-se o Milagre da Redenção, observamos que Nossa Senhora da Saudade oferece lenitivo aos que padecem desse sofrimento, uma vez que a morte de Jesus provoca uma sensação de desamparo inevitável, pois era Ele o Deus encarnado. Sua morte representa a extinção da promessa de Deus, a profecia de sua vinda, fatos que terão total cumprimento por ocasião de Sua Ressurreição, mas no momento de sua morte é inevitável a perturbação do abatimento (MARTINI, 2000, 12-18), e interrompendo a convivência diária, de que gozavam até então, somos invariavelmente remetidos a mesma dor de separação quando de nossa convivência com Deus, nesse momento em que o ser humano se entende apartado do Criador, origina-se a sensação da saudade de Deus.

Isso se explica porque “somos todos peregrinos em busca da Pátria definitiva”¹⁰⁹, pois inicialmente e segundo reza a tradição

“o homem morava no Paraíso, quer dizer vivia lá junto com Deus. Diz que Deus passeava lá com eles, conversava com eles. Adão e Eva estavam na graça. Eles tinham uma graça petranatural, eles não iam morrer, eles não tinham doença, não se cansavam, mas com o pecado, então tudo isso eles perderam, e depois passou para nós, então por isso é que nós temos essa vontade de voltar aquele primeiro, só que o Paraíso nosso vai ser o céu. O Paraíso é o céu.”¹¹⁰

E esse sentimento teria maior vazão

“quando se percebe que neste mundo tudo é passageiro, que só Deus é eterno, então aí a gente sente a saudade de Deus, porque só Ele pode saciar o nosso coração sedento de felicidade. Só Deus pode saciar o nosso coração, então quando a pessoa percebe, quando eu percebi que tudo

¹⁰⁸Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus realizada a 27 de julho de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

¹⁰⁹Do questionário proposto às Religiosas do Carmelo de São José em Petrópolis/RJ, em março de 2011.

¹¹⁰Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus in SCHENKEL, 2009.

era passageiro, que só Deus é eterno, então a gente sente a saudade de Deus, quer se unir mais a Deus.” (Ibidem)

3.4.2 – Sábado Santo

É em Maria, mulher forte e fiel no seguimento de Cristo, associada à dor e à alegria de seu Mistério Pascal, que nos amparamos para entendermos o sofrimento da Sexta-Feira Santa, pois “devíamos pedir emprestar os olhos de Maria, a Grande Contemplativa Dolorosa” (CUÉ, 1972, 116), sendo somente através deles que poderemos enxergar a Paixão de Cristo, pelo olhar desiludido pela angústia de Sua perda e aprendermos com Ela a atravessarmos o Sábado Santo, amparados pela fé, pois “foi somente quando entregou tudo, aceitou tudo, compreendeu tudo e perdoou tudo é que seu olhar enterneceu-se tomada pela esperança do cumprimento de sua promessa de ressurreição.” (Idem, 118)

O Sábado Santo está encastado no “Tríduo Pascal da morte e ressurreição de Jesus, como um tempo carregado de sofrimento, de expectativa e de esperança, dia marcado por grande silêncio, sendo um período de desorientação, nostalgia e medo” (MARTINI, 2000, 7), e Nossa Senhora vive esse dia “no meio de lágrimas, mas ao mesmo tempo na força da fé, sustentando a frágil esperança dos discípulos” (Ibidem), mantendo-se em silêncio ao pé da Cruz, na dor imensa da morte do Filho, e em silêncio se mantém enquanto espera, sem perder a fé no Deus da vida, enquanto o corpo de Crucificado jaz na sepultura, Ela, contudo “vive uma expectativa confiante e paciente; ela sabe que as promessas de Deus se cumprirão” (Idem, 35), mantendo-se vigilante, confiante e paciente, pois “em expectativa, guardando a certeza da promessa de Deus, e a esperança no poder que ressuscita os mortos.” (Idem, 7) Maria, portanto, “é uma mensagem de viva consolação para a Igreja na sua luta contra a morte, pois o príncipe da vida, que estava morto, agora triunfa vivo!” (BOFF, 2006, 78).

3.4.3 – Diferenciações

É notório que a vida de Maria foi cheia de Graças, mas também apresenta-nos uma trajetória repleta de dor, e para representar as dores suportadas por Ela em sua caminhada ao lado de Cristo, surge no Século XVIII a invocação de Nossa Senhora das Dores, aprovada pelo Papa Bento XIII, e dentre as dores de Maria destacamos a representatividade de Nossa Senhora da Soledade com a qual muitos fiéis relacionam diretamente a invocação de Nossa Senhora da Saudade.

Mas é necessário observar que para as carmelitas de Petrópolis, a solidão e a saudade de Maria, apesar de refletirem o mesmo momento histórico da vida de Maria quando da morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, e ambas estarem inseridas na 7ª dor de Maria, “não são a mesma coisa, a solidão é uma coisa e a saudade é outra, são sentimentos diferentes, a solidão e a ausência”¹¹¹, e por esse motivo entendem serem diferentes as invocações de Nossa Senhora da Soledade e de Nossa Senhora da Saudade.

Observamos que a diferença apontada, entre Nossa Senhora da Soledade e Nossa Senhora da Saudade, não se trata apenas de uma diferença de linguagem, entre os vocábulos solidão e saudade, derivada por conta dos idiomas, espanhol e português, e que já geraram exaustivas discussões teóricas e linguísticas a esse respeito, filológicas, morfológicas e etimológicas (VASCONCELOS, [1922]), sendo que uma das mais antigas manifestações apontando essa discórdia originou a

“correspondência datada de outubro de 1593, remetida pelo Conde de Portalegre, Don Juan de Silva, a Doña Magdalena de Bovadilha, referindo-se ao Sermão que Fernando de Silva proferiu à Confraria de la Soledad de Nuestra Señora, onde então defende que sentir-se só e sentir-se saudosos são dois sentimentos diferentes em língua portuguesa.”(REVUE, 1593, 55-59)

Entretanto, por mais que essas teorias provenham de pessoas detentoras de autoridade sobre o assunto da saudade, e a todas elas devamos nosso respeito, não nos ateremos a essas discussões uma vez que tentam estabelecer as suas diferenciações tomando por base suas ordens funcionais, mas temos em atenção que no caso em observação tratamos de uma diferenciação que toma por base sua ordem conceitual, conforme nos explica Irmã Ignez:

“É uma devoção a molde de *Sursum Corda*... Tecida das saudades que Nossa Senhora chorou, é uma corrente poderosa que, da vida frívola e mundana ou da tristeza e da dor, suspende a alma à lembrança do Céu, para onde Jesus subiu sem consigo levar sua Mãe, a fim de que, entre outras conveniências altíssimas, dessa Mãe nossa também, aprendêssemos que o verdadeiro sentido da vida é o de suspirar por Jesus e considerar *stercora* tudo que não servir para ganhar a Cristo. Nossa Senhora da Saudade é a Estrela radiosa que tem por missão infundir nas almas a saudade de Deus, a lembrança do céu, o desprezo do mundo e das coisas que passam. Nossa Senhora da Saudade é para fazer dos cristãos homens da Eternidade; homens que não coloquem seu fim nessa vida efêmera, mas atravessem este vale de lágrimas como viajores que não são deste exílio, com os olhos erguidos para o alto.” (HÓSTIA, 1948, 96).

Considera Irmã Ignez que essa devoção, apesar de ser inspirada nas trinta e seis horas do sofrimento de Maria, entre o enterramento e a ressurreição de Cristo, não se restringe apenas a esse período de tempo, senão como a um estado de espírito característico e vivido nessa ocasião, pois seria destinada a promover o desapego das coisas terrenas e o almejo das coisas do céu.

¹¹¹Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus realizada a 27 de julho de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

Também, e ainda quanto à diferenciação entre o sentimento da saudade e da solidão, experimentados por Nossa Senhora quando da ocasião do sepultamento de Cristo, veremos seus reflexos nos Sermões proferidos, em 1668, pelo Frei Pedro do Rosário (ROSÁRIO, 1668), onde é feita a explicação do porque serem diferentes os sentimentos da Saudade e da Soledade de Maria; e 15 de abril de 1700, por Miguel da Visitação (VISITAÇÃO, 1701) onde observamos os dois sentimentos serem mencionados de maneira distinta.

Sendo assim, consideramos que a diferença essencialmente básica entre a Saudade e outros sentimentos é que

“a Saudade pertence ao universo de vivência existencial de caráter ontológico e os demais sentimentos pertencem ao universo de vivências existenciais de caráter psicológico, movendo-se em universos distintos da personalidade, e sendo os demais sentimentos relacionados a algo exterior ao sujeito que sente as suas lembranças afetivas mais ou menos melancólicas.” (GONZALEZ MOREIRAS, 2004)

3.4.4 – Ausência de registros

Nossa Senhora da Saudade é considerada uma devoção muito eficaz para impetrar graças, e apesar de solicitarem as religiosas no Folheto que acompanha a Estampa¹¹² de Nossa Senhora da Saudade e a Coroa das Saudades, para que seja feita “a publicação das graças obtidas, dirigir-se à Madre Priora do Carmelo”¹¹³, “não são mantidos quaisquer registros por escrito dos relatos que recebem e que são feitos em sua maioria são feitos verbalmente, sobre os milagres alcançados pelos fiéis por intermédio de Nossa Senhora da Saudade”¹¹⁴.

Nesse mesmo Folheto ainda observam que em busca de garantir-se a obtenção da graça, bem como promover uma maior divulgação dessa devoção e “para maior glorificação de Nossa Senhora da Saudade e melhor assegurar a consecução do favor desejado, será bom prometer a publicação das graças atribuídas à Coroa”.

Quanto às encomendas das Coroas das Saudades da Rainha dos Mártires, também “não são mantidos, por parte das religiosas, quaisquer registros de quantidades, valores ou destinatários, observam, entretanto que a procura pelas coroas não ocorre em época certa e sim em períodos específicos, conforme a necessidade dos fiéis.” (Ibidem)

Essa ausência de registros denota que, por serem as Carmelitas consagradas ao silêncio e ao recolhimento, o que mais importa para essas religiosas, é a manifestação

¹¹² Estampa de Nossa Senhora da Saudade que acompanha a Coroa das Saudades, Figura 53, página 113.

¹¹³ Folheto que acompanha a Coroa das Saudades, Figura 54, página 114.

¹¹⁴ Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus realizada a 27 de julho de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

propriamente dita do que o fato de documentá-las, e somente será suprida essa falta de informações, e quando se consegue a autorização para tanto, o que se inscrevem em suas cartas de consciência e em suas notas íntimas.

No caso de Irmã Ignez seus escritos chegaram a lume através da Circular aos Camelôs (HÓSTIA, 1948) datada de 8 de dezembro de 1948 de autoria da Madre Priora, Irmã Angélica de Jesus Hóstia que a escreveu por ocasião do falecimento de Irmã Ignez e a distribuiu aos Carmelos do Brasil solicitando-lhes que em todas as comunidades realizassem “uma caridosa prece por sua santa alma.” (Idem, 116)

Nessa Circular resume-se a vida da religiosa Irmã Ignez, e estão arquivadas narrativas sobre a sua extrema sensibilidade, que a fazia receber revelações durante seus sonhos, quando então ocorriam manifestações de seus “flamejantes ardores” (Idem, 84), como na ocasião em que “compôs sonhando, e ao mesmo tempo adaptou à melodia de um cântico que ouvira em sua Primeira Comunhão” (Ibidem), e foi também durante um sonho que recebeu a revelação que dará surgimento a devoção de Nossa Senhora da Saudade.

3.4.5 – Sonho de Irmã Ignez

O Relato intitulado O Sonho da Irmã Inês¹¹⁵, que nos chega em mãos foi escrito baseado em documento deixado pela religiosa onde descreve sua experiência do ocorrido em 30 de março de 1918, na época o Sábado Santo ainda era chamado de Sábado de Aleluia e na madrugada para amanhecê-lo, sonhou com um diáfano mensageiro que lhe mostrava a posse, do que viria a ser o instrumento central da prática devocional de Nossa Senhora da Saudade, e que viria a ser chamada de Coroa das Lágrimas de Saudades da Rainha dos Mártires ou simplesmente a Coroa dos Mártires.

Encontrava-se, então no leito quando ao seu lado direito um ser invisível de quem viu apenas a mão formosa e alvíssima estendida a altura de seus olhos mostrou-lhe uma coroa de contos enfeitada a maneira do Santo Rosário, de quem ouviu que essa era uma “devoção de Nossa Senhora muito eficaz, composta de três Padres-Nossos e trinta e seis Lembrai-vos.” (Ibidem)

Apesar de esse sonho ter deixado em sua alma uma “impressão boníssima, acompanhada de uma sensação de paz e consolação, que seguiu durante todo aquele dia” (Ibidem), deixou também outros mistérios, sobre os quais meditar. O primeiro mistério era o

¹¹⁵O Sonho da irmã Ignez, Figura 55, página 114.

número trinta e seis que não sabia seu significado e o segundo mistério era qual a finalidade dessa devoção, mas naquele mesmo dia, no período da tarde, ouviria em seu íntimo, uma voz clara e distinta, que lhe explicaria “tratar-se essa devoção por finalidade honrar as torturantes saudades que Maria Santíssima sofreu de seu divino Filho, Jesus durante as trinta e seis horas em que esteve o Salvador encerrado no Santo Sepulcro” (Ibidem), constituindo essas horas o objeto formal desta devoção.

Essa segunda revelação estremeceu de júbilo a sua alma por ter sido decifrado o enigma que lhe estava bastante distante de si solucioná-lo e já no dia seguinte, Domingo da Ressurreição é que narrou todo o ocorrido a então Madre do Carmelo e teve a inspiração de dar à Virgem Maria um ‘nome novo’ o de Nossa Senhora da Saudade, e intitular a nova devoção por Coroa de Saudades da Rainha dos mártires.

Observamos, entretanto que a verdadeira natureza do ser constitui um segundo mistério sobre o qual Irmã Ignez meditar, pois até mesmo para a própria religiosa, que apesar de convencida de ser seu Anjo da Guarda o mensageiro da “preciosa jóia de que o Rei, meu Senhor com a intensão de ornar de galas as vestimentas da Rainha, Sua Mãe”¹¹⁶, não lhe acha um desfecho para sua real identidade e sobre ele relata apenas que se tratava de um ser invisível de quem vê apenas a mão diáfana a entregar-lhe a coroa de contas

3.4.5.1 – Sonhar

Na Bíblia encontramos muitos relatos de sonhos revelatórios sempre associados a homens e mulheres que se destacaram por serem detentores de forte religiosidade, firmeza em sua fé e que cultivam um estreito relacionamento com o Divino. Mas, na maioria das revelações bíblicas ocorridas em sonhos, observamos que aos profetas cabia o dever de descrever fielmente o que sonhara e ainda saber distinguir quando o sonho tinha caráter revelatório, sendo que no caso desses, não havia qualquer dúvida de que Deus havia lhes falado.

No caso em questão, do sonho de Irmã Ignez, ela entende que para si fora revelado um segredo do Céu, e analisando a presença de um mensageiro em seu sonho, observamos uma total entrega de sua parte ao Supremo que já havia permeado o mais íntimo de seu ser, consciente e inconscientemente, pois esse é um tema recorrente nos sonhos dos religiosos que

¹¹⁶O Sonho da irmã Ignez, Figura 55, página 114.

praticam uma verdadeira entrega, profunda e autêntica, ao Divino, sendo também tomado como uma forte referência ao valor de inserção ao contexto onde se dedica.

Mas, uma vez que “nada poderia ser revelado acerca de qualquer coisa, se o homem não estivesse já dotado de uma idéia acerca da coisa mesma” (EVANS-PRITCHARD, 1978, 13), somos levados a refletir a respeito da questão de afinidade, entre o que é revelado e a quem é revelado, uma vez que os elementos oníricos relatados por ela apresentam uma significação interna própria de si, pois denota uma simbologia que deve ser analisada conforme a sua própria estrutura pessoal que não apenas favorece a formação desse conteúdo manifesto, bem como também é a própria causa dessa manifestação.

Tendo em vista que sua forte religiosidade é apontada como responsável pela formulação do conteúdo manifesto em seu sonho, observamos que a linguagem empregada por Irmã Ignez ao longo de seus escritos denota a significação que Nossa Senhora da Saudade possui para si em sua própria vivência da saudade, revelando um drama interior que atormenta a si própria e que só encontrará alívio em sua exteriorização, pois a saudade era como uma tristeza insondável no coração de Ignez, e dessa forma toma a dor de Maria para representar e amparar a sua própria dor. Mas, uma vez externalizada a saudade, tirando-a de dentro de si, ao mesmo tempo em que lhe confere alívio a seu próprio sofrimento, oferece também a outras pessoas a possibilidade de se reconfortarem.

Observamos, ainda, que desde os primórdios da humanidade os sonhos constituem um mistério, podendo ser considerado como é o caso de muitas religiões como uma possibilidade de comunicação com o outro mundo, mas mais recentemente através do advento da psicanálise, os sonhos passam a ser considerados como produto do próprio inconsciente de quem sonha.

Mas, em um ponto existe concordância, que o conteúdo dos sonhos é formado por elementos próprios de quem sonha, sejam esses elementos conscientes ou não. Esses elementos variam entre desejos, interesses, preferências, temores, entre outros. Sendo assim, considera-se que a experiência onírica seja um transbordamento do conteúdo interno, tornado possível ao sonhador que a essência de seus pensamentos, abstratos e dispersos, apresente-se a si mesmo amalgamado através de sua condensação em imagens concretas e carregadas de forte simbologia. Como sua mensagem do sonho nem sempre se apresenta de maneira nítida, lógica ou racional, acaba por provocar a possibilidade de diferentes interpretações, portanto, imperioso se faz analisá-lo sempre dentro do significado que este possui primeiramente para quem o sonha, pois observamos que o conteúdo manifesto nos sonhos sempre se produz em afinidade e em conformidade com os sonhadores.

Mas sejam eles categorizados como revelação ou não, devem ser considerados como uma experiência real para o eu-onírico, pois segundo Jung (ARANHA, 2005, 46), “na análise dos sonhos e das fantasias, o símbolo adquire uma conotação diferenciada, única e pessoal, o que o torna signo, pois deixa de conter aspectos coletivos e universais para conter representações particularizadas” (Ibidem), sendo antes de mais “a compreensão inconsciente não se apõe à consciência, sendo antes, um fator de equilíbrio e de suplementação da orientação consciente.” (Idem, 48)

Nesse caso percebemos, portanto que o sonho de Irmã Ignez apresenta-se como resposta a uma questão que ela mesma não havia formulado, esclarecendo para si mesma a sua situação vivencial, sendo que a saudade dos Céus atormentou-a durante toda a sua vivência terrena e chegando mesmo a influenciar o conteúdo manifesto de seu sonho em busca de uma maneira efetiva de exteriorizar a sua dor, como que tirando-a de si através da inspiração do sofrimento de Maria, e somos, portanto, levados a ponderar, que o sonho de Irmã Ignez fora uma maneira encontrada por seu próprio inconsciente para reequilibrar o seu consciente, em uma tentativa por solucionar a sua problemática, como saudosa declarada, bem como também dos que igualmente sentem saudade de Deus, e podemos considerá-lo como um reflexo de sua própria alma.

3.4.6 – Observância da Devoção a Nossa Senhora da Saudade

Mas seja qual for a natureza do sonho da irmã Ignez, seja ele revelatório ou místico, o seu valor será mensurado em termos de representatividade. Assim, no Carmelo de São José, o sentimento da saudade de Deus não era um fenómeno que atingia unicamente a Irmã Ignez, mas manifestava-se também nas religiosas, fossem monjas ou externas, e conforme declara o próprio Padre João Gualberto do Amaral “sentia ele próprio, saudade do céu”¹¹⁷.

O significado desta devoção para o próprio Carmelo e para as carmelitas está precisamente no facto desta invocação oferecer lenitivo às próprias irmãs no que diz respeito ao sentimento que têm e o declaram, sendo que a representatividade da invocação está, portanto diretamente ligada à mística carmelitana e representa um forte reflexo da descrição que Santa Teresa faz dos seus próprios sofrimentos.

A devoção a Nossa Senhora da Saudade, entendida como um costume do Carmelo de São José, só encontra significado por se relacionar intimamente com a coletividade na qual se

¹¹⁷ Carta à irmã Ignez, Guapé 10 fev. 1916 in PAIVA, 1952, 57

inscreve e expressar o entendimento que as religiosas têm dele para si próprias, pois se assim não fosse, esta prática já haveria sido extinta, mas ao contrário, repete-se anualmente para alcançar um objetivo, tanto para as atuais como para as anteriores religiosas, de significado íntimo e eficaz. Como prova disso temos, pois, que “os seus exercícios mesmo não lhes sendo obrigatórios dele participam todas as monjas do culto coletivo”¹¹⁸ e ainda todas as religiosas em particular.

Neste contexto, Maria é sentida como a contemplativa dolorosa, e a exteriorização dos seus sofrimentos, pela representação de Nossa Senhora da Saudade, feita através de uma imagem que pode ser apreciada e venerada, acaba por estabelecer uma relação de proximidade entre as religiosas e a Mãe de Deus.

Desta forma, a devoção a Nossa Senhora da Saudade ratifica os valores comuns das religiosas e a sua prática, exercendo função significativa perante as mesmas e a comunidade, sendo que o significado que assume a devoção, no caso específico, está no facto desta oferecer conforto ao que para elas é inconformável, além de possibilitar a expressão das suas dores através de um modelo para a exteriorização do sofrimento.

3.4.7 – Análise das respostas ao questionário

Diante da necessidade de aprofundarmos o nosso conhecimento a respeito do histórico das religiosas do Carmelo de São José, e tendo em conta a impossibilidade de um contato direto com as monjas, dada a necessidade de respeito pela sua opção de reclusão, planeámos o envio de perguntas, em forma de questionário, no mês de março de 2011, composto por treze perguntas-chave, para auxiliar-nos na redação desta monografia.

As respostas às diversas perguntas do questionário eram facultativas, permitindo que somente respondessem ao que fosse de suas livres vontades e não lhes provocasse qualquer constrangimento.¹¹⁹ Assim, do total de 16 religiosas, 13 professas e 3 externas, somente 6 monjas responderam ao questionário. Representando 37,5 % do total das religiosas e 46% das reclusas. Esta será considerada a nossa amostragem e dela partiremos para a análise realizada, pois refletirá o perfil geral desta comunidade.

¹¹⁸ Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus realizada a 27 de julho de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

¹¹⁹ Questionário proposto às Religiosas do Carmelo de São José em Petrópolis/RJ, Anexo R, página 129.

Sobre a saudade de Deus também dispomos do depoimento em vídeo de duas religiosas, uma monja e uma externa, elevando a nossa amostragem para 43,75 % do total das religiosas, 53,8% das reclusas e 33 % das externas.

Partindo da faixa etária das religiosas da nossa amostragem, de 37 anos a 83 anos, e do período de tempo das suas vidas religiosas variarem de 11 anos a 62 anos, concluímos que nenhuma delas conheceu pessoalmente a irmã Ignez, ou teve qualquer contato com ela, mas a sua herança espiritual chegou até elas através da tradição implantada neste Carmelo.

Através dos dados da nossa amostragem, das religiosas que responderam ao questionário, quanto à sua origem, todas são da Região Sudeste do Brasil¹²⁰, sendo 66% do Estado de Minas Gerais¹²¹, 22% do Estado de São Paulo¹²², e 22% do Estado do Rio de Janeiro¹²³.

Quanto à decisão para se tornarem Carmelitas, relatam que o chamamento divino inquietava os seus corações, desejavam ser consagradas a Deus. E o discernimento vocacional, auxiliado pelos seus diretores espirituais, conduziu-as ao Carmelo por inspiração da leitura das obras de Santa Teresa, identificando-se com o carisma do Carmelo pela vida de recolhimento, solidão, silêncio e oração.

Para estas mulheres, ser carmelita significa terem encontrado o sentido profundo e espiritual das suas vidas, estando separadas do mundo sentem-se mais próximas ainda das pessoas pelos sacrifícios que oferecem pelos outros, pelas orações e, pelas renúncias que se revelam serem muito úteis para a humanidade.

Quanto à escolha deste Carmelo em especial, acreditam ser um desígnio de Deus e entregaram-se num ato de fé, sendo considerado este como o lugar ideal para o seguimento do chamamento do Senhor, onde tiveram um acolhimento pessoal e espiritual que lhes inspirou uma profunda gratidão.

Fazer parte desta comunidade faz com que se sintam parte integrante de uma família que se une em busca de um mesmo ideal, repleto de amor e apoio na difícil transição da vida ativa para a vida contemplativa, consideram-no como o Carmelo ideal, o Carmelo onde se cultuam as saudades de Nossa Senhora.

Quanto a dedicarem-se em particular ao culto de Nossa Senhora da Saudade, fazem a recitação da sua Coroa diariamente com toda a força da sua fé, o que as faz sentirem-se

¹²⁰ O Brasil divide-se em cinco Regiões, Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste. A Região Sudeste do Brasil é formada pelos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

¹²¹ Cidades de Além Paraíba, Rio Pomba, São João Del Rei e Varginha – Estado de Minas Gerais.

¹²² Cidade de Guaratinguetá – Estado de São Paulo.

¹²³ Cidade de Petrópolis – Estado do Rio de Janeiro.

imersas em paz no meio dos sofrimentos, entregando-Lhe as suas intenções, os seus agradecimentos, as suas vidas, a sua comunidade, os seus devotos, as necessidades da Igreja e, em suma de toda a humanidade. Além de se dedicarem alegremente ao cuidado, manutenção e a limpeza do Seu Santuário.

Para todas, esta devoção significa cultivar a saudade que Nossa Senhora sentiu de Jesus, percebida como a confiança de uma filha para com a sua mãe, tendo a certeza de que a sua materna proteção as acompanha e as ajuda nos seus caminhos, além de ter um significado profundo e real, pois vem de encontro às suas aspirações pelas *coisas do alto*. Todas são unânimes em afirmar que sentem saudade de Deus.

Cada uma explica este fenómeno conforme o seu entendimento, descrevendo-o como a dor da ausência do Ser mais amado, mas também como “a falta de se sentirem íntimas com Deus”¹²⁴, estando claro para elas que Ele está sempre nos seus corações, mas esse conhecimento só se estabelece pela fé, através de uma certeza absoluta que têm consigo.

Concordam entre si que esse é um sentimento difícil de ser explicado, mas de possível entendimento através das palavras do salmista, pois “assim como a corça suspira pelas águas correntes, suspira igualmente minh’alma por Vós, ó meu Deus!” (Sl 41, 2), sendo que “minha alma tem sede de Deus e deseja o Deus vivo, quando terei a alegria de ver a face de Deus?” (Sl 41, 3).

E além dos salmos, também se referem a Santo Agostinho quando nos dizem que “fomos feitos para Deus e nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Deus”, tomando para si que esta inquietação é a saudade. Sabemos que Deus está constantemente presente junto de nós, em nós, dentro do nosso coração, em nossa alma, mas essa saudade é como um mistério, e mistérios não se explicam, apenas se sentem.

Entendem a saudade de Deus, como uma saudade da Pátria, digo do Céu, um desejo de voltar, ou seja, de estar permanentemente com Deus e em Deus, uma vez que de Deus saímos para Deus devemos voltar, é essa a fé que as move, é o desejo de se unir para sempre com o Senhor de “possuí-LO” sempre mais, sendo um sentimento que não se descreve, mas se oferece. Sentimento que inspira uma alegria serena e profunda, mas ao mesmo tempo uma sensação estranha, melancólica que nos envolve como uma brisa suave no fim de tarde e nos enche de certa esperança uma vez que brota do fundo da alma e nos traz bons desejos, de bem, de amor, de plenitude, de paz, de segurança, de felicidade, de lembranças, de saudade.

¹²⁴Da entrevista à Irmã Pilar in SCHENKEL, 2009.

Estes sentimentos antagônicos vividos simultaneamente por quem sente saudade de Deus ocorrem porque “quando frente ao Absoluto o homem vive no foco da sua presença, a saudade converte-se em esperança; quando se encontra no foco da sua ausência, a saudade converte-se em angústia”¹²⁵. Esta situação era bem conhecida da irmã Ignez que vivia num constante compasso de espera, como num contínuo Sábado Santo, momento particular caracterizado pela dor da Sua ausência, onde não há choro, só há angústia expectante pela Sua ressurreição, demonstrando “como é difícil a ciência de esperar por Deus, nunca se chega a possuir”¹²⁶, e percorrendo diariamente o caminho que vai da angústia da perda até à esperança do reencontro.

3.5 – Sermão do Padre João Gualberto do Amaral

Por ocasião da Semana Santa de 1944, de dois a nove de abril, o Capelão do Carmelo de São José em Petrópolis, o Padre João Gualberto do Amaral, pregou todo um retiro sobre o tema da Saudade tendo por objetivo desenvolver as riquezas desta devoção (PAIVA, 1952, 149), e do qual só nos chegaram, até aos dias de hoje alguns excertos que nos dão apenas um ligeiro vislumbre das orientações que deixaria às irmãs sobre este assunto e as suas responsabilidades perante Nossa Senhora da Saudade.

No seu Sermão sobre a Saudade fez questão de observar que o Carisma do Carmelo é a contemplação mística como experiência do espírito, a oração de oferta e de ação de graças a Jesus Cristo, mas que o mistério do Carmelo de São José de Petrópolis é a Saudade. No 1º dia do retiro, com a homilia intitulada “Maria Santíssima escondida aos seus próprios olhos”, destaca que “Maria quis que a sua vida fosse sinônimo de silêncio, exemplificando que na casa de São João, Nossa Senhora da Saudade foi a mais sublime personificação do mais divino silêncio” (AMARAL, 1944). E sempre que havia oportunidade fazia questão de repetir às monjas que “a saudade é o vosso mistério, meditem, pois, sempre nele.” (PAIVA, 1952, 149).

¹²⁵ “Quando frente ao Absoluto o homem vive no polo da sua presença, a saudade converte-se em esperança; quando se encontra no polo da sua ausência, a saudade converte-se em angústia.” in TORRES QUEIRUGA, 1981, 29.

¹²⁶ Da entrevista à Irmã Pilar realizada a 14 de dezembro de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

Conclusão

Discorrer sobre a Ordem do Carmo é uma tarefa um tanto ou quanto complexa tendo em vista estar envolvida em tantos mistérios, a começar pela sua origem, pois não apresenta um fundador nem uma data de fundação, apresenta apenas um único elemento concreto que é o local do início da existência de uma comunidade, o Monte Carmelo, de onde tomam a sua dedicação. E ainda a tarefa, por nós empreendida, de aprofundar o conhecimento acerca das carmelitas através dos depoimentos das mesmas, em conversas ou entrevistas, é outro aspecto desta complexidade, dado a opção da clausura e o isolamento em que vivem as monjas.

Estas religiosas são extremamente reservadas, vivendo no seu mundo de reclusão e percebemos que todo o propósito das suas vidas está centrado na oração e este fim único é o carisma espiritual da sua comunidade, que nem sempre é fácil de ser seguido, como nem sempre é fácil seguir e manter-se fiel ao carisma teresiano, mas esta é a meta a que se propõem, aspirando à união íntima e definitiva com Deus, através da observância das normas e na busca da perfeição, sendo que a tarefa da salvação do mundo através das suas orações lhes é tão importante que parece ser o seu único compromisso.

O Carmelo de São José em Petrópolis constitui-se como uma sociedade homogênea, fechada do ponto de vista de que todos os seus membros partilham da mesma crença e têm o mesmo proceder, com uma estrutura estável quanto às suas características essenciais, essa estrutura possui uma unidade funcional que lhe confere a identidade própria da Ordem do Carmo, mas não quer dizer por isso que seja uma sociedade isolada ou alheia à comunidade onde está inserida. A rigidez da sua rotina pode, inicialmente, dar-nos a errônea ideia de falta de autonomia, mas esta comunidade dispõe de estruturas que favorecem a transcendência da vida religiosa enquanto representa o indivíduo inserido neste contexto, além de oferecer suporte ao fomento e desenvolvimento de virtudes e conseqüentemente um ambiente agradável e aprazível para viver.

O objetivo de quem opta pela vida religiosa no Carmelo é o de viver com e como Maria para estar junto de Cristo e, no caso das Carmelitas de Petrópolis, vive-se com e como Maria em sua eterna saudade de Deus, e esta experiência mística da devoção de Nossa Senhora da Saudade é um poderoso alívio dos sofrimentos próprios destas religiosas.

Vemos, portanto, neste caso uma coesão harmoniosa entre uma dinâmica social que desenvolve o contexto propício ao surgimento da invocação de Nossa Senhora da Saudade e a identidade religiosa destas agentes, o que vem a validar a afirmação de que existe entre elas uma unidade consolidada. A devoção a Nossa Senhora da Saudade não é uma cerimônia

pública, pois ficou restrita ao Carmelo de São José, nela “participam exclusivamente as religiosas do Carmelo e eventualmente alguém que por ali esteja a observá-las durante o culto”¹²⁷. Além disso, a esta invocação não estão ligadas quaisquer outras manifestações de culto público.

Impressionou-nos sobremaneira o desconhecimento dos moradores de Petrópolis, não sabendo sequer da existência da imagem, que se traduz como uma devoção tão importante, não só para a cidade e sua diocese, bem como para a comunidade católica e todos os fiéis, sendo uma devoção atualíssima, o que justificaria, portanto o ressurgimento, bem como uma maior divulgação desta devoção, que se faz necessária por encontrar eco num momento atual, marcado tão profundamente pela perda dos nossos entes queridos, e o mais importante pela nossa sede do divino.

Sabemos que a presença de Maria está fortemente arraigada na identidade cultural dos países católicos, e no Brasil isso se deve ao facto da piedade mariana ibérica ter sido trazida pelos colonizadores portugueses e espanhóis, factor que comprova que a religião é um dos elementos que podem ser transmitidos como herança cultural. Também consideramos que, se houver alguma dúvida a respeito da coerência da realização de uma tese de Mestrado em Estudos Portugueses sobre Nossa Senhora da Saudade, cuja imagem está no Brasil, podemos aduzir que o sentimento que esta Senhora expressa e a sua representação fisionómica “docemente triste” (MONTEIRO, 1967, 145) é a saudade, personificada desta forma, com um digno rosto, um sentimento que se imputa à identidade cultural da alma nacional portuguesa.

Para concluirmos, vários foram os motivos e expressões que confluíram e tornaram possível a génese e desenvolvimento da devoção a Nossa Senhora da Saudade especificamente no que diz respeito ao Carmelo de São José, por um lado a localização da cidade de Petrópolis cuja altitude favorece a união com Maria (CARMELO, [s.n.]), a mística presente na irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus, o amparo espiritual do Capelão Padre João Gualberto do Amaral, e também, a saudade de Deus presente em Santa Teresa a refletir-se, por herança, no ideário que permeia a religiosidade do Carmelo Descalço, mas como dizem as próprias Irmãs Carmelitas, “todo o Carmelo é um mistério”¹²⁸, e este mistério continua ainda a imperar nas reflexões sobre a problemática.

¹²⁷Da entrevista à Madre Priora, Irmã Maria de Jesus realizada a 27 de julho de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

¹²⁸Da entrevista à Irmã Pilar realizada a 14 de dezembro de 2010 no Carmelo de São José em Petrópolis/RJ.

Bibliografia

Fontes Impressas

AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 735. (Capítulo 6 – O tríduo da ressurreição e a relação da unidade com o duplo. pp. 158-160).

AQUINO, São Tomás. *Suma Teológica*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009. v. VIII. p. 830. (Questão 51: O sepultamento de Cristo, Artigo 4 – Cristo ficou no sepulcro somente por um dia e duas noites? pp. 733-735).

BÍBLIA Sagrada 1.0. Versão 1.0.6.235, 7,62 MB. Campo Grande: Fredi Giesbrecht Softwares; Nov. 1999. Disponível em: <<http://www.visrel.com.br/Arquivos/Biblia.zip>>.

GUIA Litúrgico da Semana Santa: segundo o decreto máxima redemptionis nostrae mysteria de 16 de novembro de 1955. 2ª ed. Lisboa, União Gráfica, 1957.

HÓSTIA, Madre Priora Irmã Angélica de Jesus. *Circular aos Carmelos*. Petrópolis: Carmelo de São José, datilografado, 1948.

JESUS, Irmã Ignez do Sagrado Coração. *Hinário*. Petrópolis: partitura, [s.n.].

JOÃO PAULO II, Papa. *Mensagem do Papa João Paulo II aos participantes na sessão planária as Sagrada Congregação para os religiosos e os institutos seculares*. Arquivo dos Papas. Vaticano: 07 mar. 1980. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/march/documents/hf_jp-ii_spe_19800307_congregazione-religiosi_po.html>.

JOÃO PAULO II, Papa. *Código de Direito Canônico*. 16ª edição. São Paulo: Loyola, 2005. Título IV – Do culto dos santos, imagens sagradas e relíquias.

ROSÁRIO, Frei Pedro. *Sermam das Saudades da Virgem Maria Senhora Nossa: pregado em a noite da sesta feira Sancta em o Real Convento de Bellem pelo P. Fr. Pedro do Rosário, religioso do mesmo Convento.Século XVII*. Imprensa [s.n.], [S.l.], Antonio Craesbeeck de Mello, 1668. p. 22. Digitalizado.

VIEIRA, Padre António. *Sermão do Espírito Santo*. Vol. 3, §VII, 486. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro, [s.d.]. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/sermoes_vol_iii.pdf>. consultado em 20 set. 2010.

VIEIRA, Padre António, *Sermão de Nossa Senhora do Carmo: pregado na festa da sua religião, com o Santíssimo Sacramento exposto, na igreja e Convento da mesma Senhora, na cidade de São Luís do Maranhão, em 1659*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro, [s.d.]. Disponível em <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documents/0043-01818.html>. Consultado em 20 set. 2010.

VISITAÇÃO, Miguel da. *Sermam da Saudade, e Soledade da Virgem SS. Mãe de Deos, e Senhora Nossa*: oferecido ao Ill.mo e Rev.mo Senhor Dom Fr. Joseph de S. Maria Bispo do Porto, do Conselho de S. Magestade, &c.: pregado na Cathedral da mesma Cidade pelo P. M. Miguel da Visitação Conigo Secular da Congregação de São João Evangelista, & Lente jubilado na sagrada Theologia. Lisboa: Officina de Manoel Lopes Ferreyra, 1701.

Dicionários

AMARAL, Manuel. *Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, Volume II - Edição electrónica - 2000-2010. Disponível em: <<http://www.arqnet.pt/dicionario/carmelita.html>>.

AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. *Dicionário histórico de religiões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BORRIELLO, L., CARUNA, E., DEL GENIO, M. R. SUFFI, N. (Dir.) *Dicionário De Mística*. São Paulo: Paulus: Edições Loyola, 2003.

CANALS CASAS, Joan, RODRÍGUEZ, Angel Aparício. (dir.). *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*. São Paulo: Paulus, 1994

ELIADE, Mircea. *Dicionário das religiões*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HINNELLS, John R. (Org.). *Dicionário das Religiões*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1995.

PORTO, Humberto, SCHLESINGER, Hugo (orgs.). *Dicionário enciclopédico das Religiões*. 2 v. Petrópolis: Vozes, 1995.

Estudos

ALBUQUERQUE, Marcos Cavalcanti de. *Hagiografia Carmelitana: espiritualidade*. João Pessoa: A União, 1997.

AMARAL, Padre João Gualberto do. *Conferências*. Petrópolis: Carmelo de São José, impresso, 1944.

_____. *Noção de lógica*. Petrópolis: Carmelo de São José, impresso, 2 fev. 1944. 1º dia - Homilia Noção de lógica.

_____. *Refutação a Ferri*. Petrópolis: Vozes, 1948

_____. *Retiro*. Petrópolis: Carmelo de São José, impresso, 2 fev. 1944. 1º dia - Homilia Maria Santíssima escondida aos próprios olhos.

ARANHA, Maurício. *Fenômeno religioso: uma perspectiva antropológica e psicológica*. Revista Ciências & Cognição. Vol. 6. Rio de Janeiro: nov. 2005. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v06/m32544.pdf>>.

AZEVEDO, Marilízia. “Carmelo de São José: Relíquias a serviço da fé religiosa”. *Petrópolis: a revista da cultura e do turismo*, Petrópolis: n. 33, fev. 2012, p. 5.

BERGER, Rene. CAZENAVE, Michel. JUARROZ, Roberto. FREITAS, Lima. NICOLESCU, Basarab. (Comitê de Redação). *Ciência e Tradição: Perspectivas Transdisciplinares para o Século XXI*. Paris, UNESCO, 2-6 de dez. 1991. Comunicado final. Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129707por.pdf>>.

BOFF, Clodovis M. OSM. *Mariologia Social: o significado da Virgem para a sociedade*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

BOIMS, Teresinha Tabajara. (org.). *100 Anos: Carmelo São José*. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARMELO DE SÃO JOSÉ. *História do Carmelo*. Petrópolis: impresso, [s.d.].

CUÉ, Ramón. *O meu Cristo partido*. Vila Nova de Gaia: Editorial Perpétuo Socorro, 1972.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Antropologia Social da Religião*. Tradução de Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

GONZALEZ MOREIRAS, Xesus P. (Dir.). *Ramón Piñeiro: Sobre a Saudade e outros Temas*. Xunta de Galícia: Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, 2.004. 2 cd's-rom.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* Tradução de Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

HENNEAU, Marie-Élisabeth. “Mística do Coração, do fogo e da montanha”. In: CORBIN, Alain (org.). *História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2009. pp. 311-315.

MARTINI, Carlo Maria. *Nossa Senhora do Sábado Santo*. Tradução de Maria do Rosário Pernas. Lisboa: Paulinas, 2000.

MAZZINI, Paula Cristina. *Manifestação Artística Autêntica: expressão revelada da Saudade de Deus*. Pindamonhangaba: FASC, 2007. Trabalho não publicado.

MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Maria no Brasil*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MONTEIRO, Francisco Mozart do Rego. *Nossa Senhora da Saudade: crônicas de uma viagem sentimental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1967.

MOURA, Dom Odilão, OSB. *As ideias católicas no Brasil: direções do pensamento católico do Brasil no século XX*. São Paulo, Convívio, 1978.

MURAD, Afonso. *Maria, toda de Deus e tão humana*. 3ª edição. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 168. Capítulo 8 – Maria na devoção popular e na liturgia, pp. 135-148.

NÓVOA SANTOS, Roberto. *Patografia de Santa Tereza de Jesus e El instinto de la muerte*. Madrid: Morata, 1927.

OLIVEIRA, Nelci Silvério de. *A tríplice dimensão da saudade: Deus, pessoas e coisas*. 2ª ed. Goiânia: AB, 1998.

PAIVA, Cônego Jorge O'Grady de. *João Gualberto: Varão da Eternidade*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

PEREIRA, Pedro. *Peregrinos: um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima*. Lisboa: Piaget, 2003.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de investigação em ciências sociais*. 5ª ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RABAÇO, Henrique José. *História de Petrópolis*. Petrópolis: Instituto Histórico, 1985

REVUE Hispanique: 1901. New York: Kraus reprint corporation, 1961. v. VIII. p. 590. (Correspondência 60 – outubro, 1593, El Conde a Doña Magdalena de Bovadilla, sobre la diferencia o conformidad de la saudade portuguesa y soledad castellana. pp. 55-59).

SCHENKEL, Sonja (Dir.). *Saudade: brazilian tales of longing. Saudade do Brasil: Três Histórias*, DVD. Zurique, Sensor Films e Lélán, 2009. 57 min.

SCIADINI, Frei Patrício. *História dos Carmelos do Brasil*. São Paulo: LTR, 2008.

SILVA JÚNIOR, Reinaldo da. *Uma breve reflexão sobre a Antropologia da Religião*. Revista Âncora. Vol. 2. São Paulo: jun. 2007. Disponível em: <http://www.revistaancora.com.br/revista_2/05.pdf>.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Nova aproximación a unha filosofía da saudade*. Publicacións da Real Academia Galega – Monografías. Real Academia Galega, La Coruña, 1981. Disponível em: <<http://www.realacademiagalega.org/documents/10157/1891fdaf-86c5-444b-a533-7559d9a5ae16>>.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *A saudade portuguesa*. Porto: Renascença Portuguesa, [1922].

VELASCO BAYÓN, Balbino. *História da Ordem do Carmo em Portugal*. Lisboa: Paulinas, 2007.

VILLELA, Lúcia Jordão. *Centelha e chama: traços biográficos de Esther Vieira da Cunha*. Rio de Janeiro: Agir, 1973.

Figuras



Figura 1 – Brasão do Carmelo de São José



Figura 2 – Escudo da Ordem dos Carmelitas da Antiga Observância



Figura 3 – Escudo da Ordem dos Carmelitas Descalços



Figura 4 – Primeira moradia no atual endereço

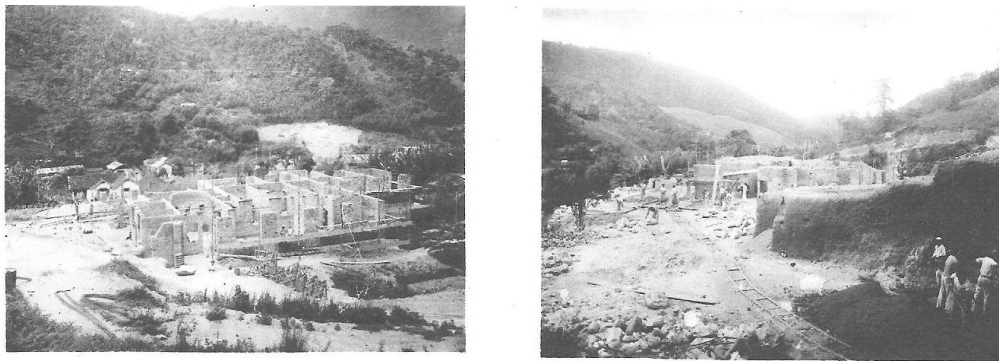


Figura 5 – Obras da construção do prédio atual



Figura 6 – Procissão de mudança do prédio antigo para o prédio atual



Figura 7 – Sede atual do Carmelo de São José em Petrópolis



Figura 8 – Jardim interno do Claustro



Figura 9 – Jardins do Carmelo



Figura 10 – Via Sacra

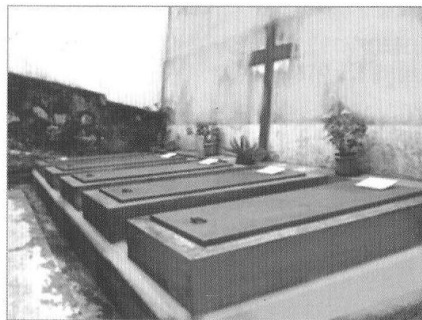


Figura 11 – Cemitério

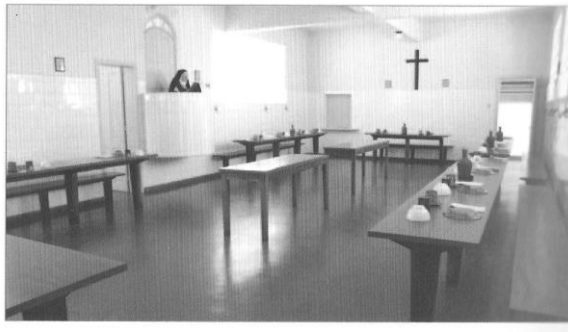


Figura 12 – Refeitório

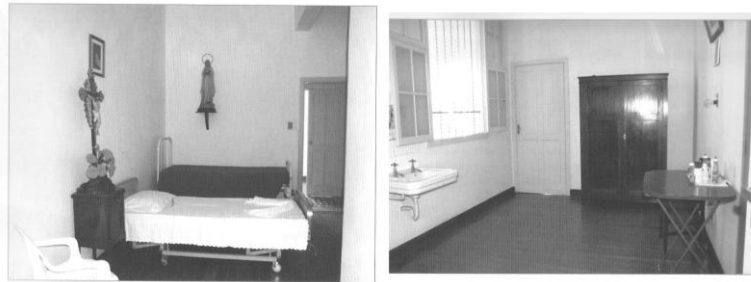


Figura 13 – Enfermaria



Figura 14 – Oficina

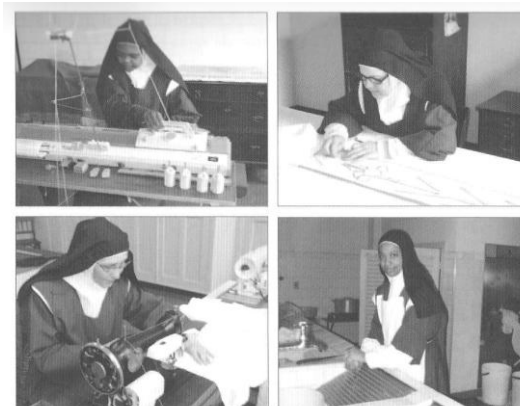


Figura 15 – Atividades



Figura 16 – Missa



Figura 17 – Retrato do Padre João Gualberto do Amaral



Figura 18 – Padre João Gualberto do Amaral



Figura 19 – Celebração de Padre João Gualberto do Amaral



Figura 20 – Padre João Gualberto do Amaral

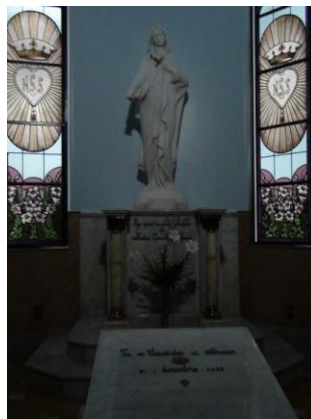


Figura 21 – Túmulo do Padre João Gualberto do Amaral aos pés da imagem de Nossa Senhora da Saudade



Figura 22 – Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus



Figura 23 – Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus

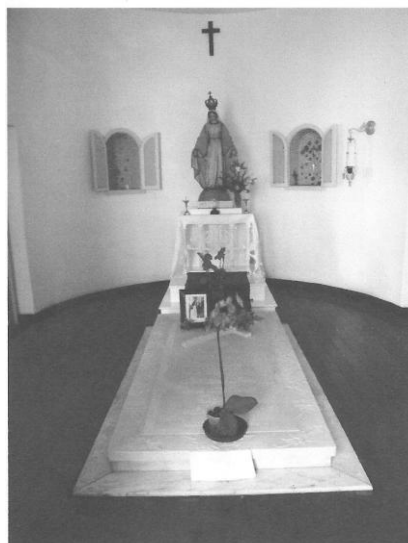


Figura 24 – Túmulo de Irmã Ignez do Sagrado Coração de Jesus

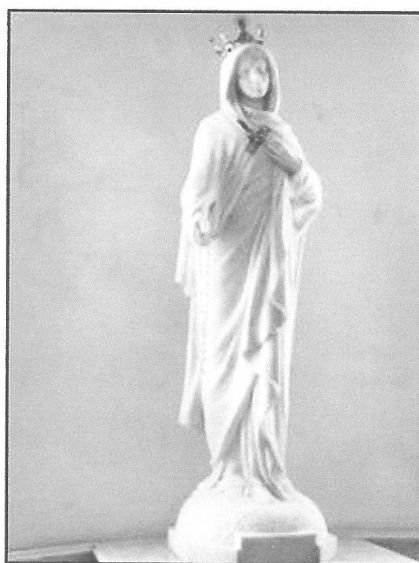


Figura 25 – Imagem de Nossa Senhora da Saudade



Figura 26 – Detalhes da imagem de Nossa Senhora da Saudade



Figura 27 – Réplica confeccionada pelo aprendiz de aprendiz de Charles Desvergnés



Figura 28 – Clausura da Imagem de Nossa Senhora da Saudade

Handwritten musical score for "Arrulhos dolentes a Virgem da Saudade" - Pauta 2. The score is written on aged paper and features a vocal line with lyrics and a piano accompaniment. The lyrics include "di a al gum das lous as ipha do res!", "so lous não ir me di a al gum das lous as ipha", and "res!". The piece concludes with a "Fin." marking.

Figura 32 – Arrulhos dolentes a Virgem da Saudade – Pauta 2

Handwritten musical score for "Saudação a Virgem da Saudade" - Pauta 1. The score is written on aged paper and features a vocal line with lyrics and a piano accompaniment. The lyrics include "De sae lous as, di vi sal!", "de co", and "sa do do no je nu ga!". The piece concludes with a "Fim" marking.

Figura 33 – Saudação a Virgem da Saudade – Pauta 1

5

mas, a sa- lú- de- ar, ... de Je-
sus, a ab- ti- an- pa!
Deus pro-
fu- mas, tu- as flo- ras, espe- ran- ça

Figura 34 – Saudação a Virgem da Saudade – Pauta 2

6

- qui em pro- fe- sia, ... de- ja o Cor-
me- lo de ... do- lo- ra- ção, de- sa- dor,
a- tu- a- ção, ... de- ja o Cor-
me- lo de ... do- lo- ra- ção, de- sa- dor

Figura 35 – Saudação a Virgem da Saudade – Pauta 3



Figura 36 – Saudação a Virgem da Saudade – Pauta 4

Figura 37 – Canção da Saudade – Pauta 1

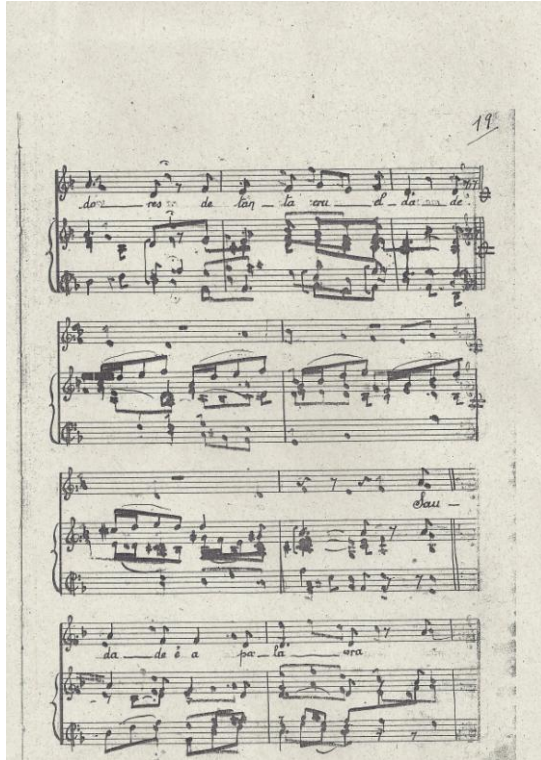


Figura 38 – Canção da Saudade – Pauta 2



Figura 39 – Canção da Saudade – Pauta 3

27

Moderato
hu - ma - na - da, a dau - da - de! ... ari - ten -
pla - mos, hu - ma - na - da, a dau - da - de!

Allegro

Finis

Figura 42 – A Saudade Humanada – Pauta 2

62

Cancão de amor a Virgem da Saudade

Introdução
Molto lento

Bran-ca Co-lum-ba do nos-so do-cto! Vê-
-ão tu-tel-lar... do nos-so Car-me-lo! Be

Figura 43 – A Saudade Humanada – Pauta 3

63

tu - as sau - da - des un - gi - a fe - ri - da, e ...
 nos - so vi - vos, re - ma - le a - nhe - lo!

Figura 44 – A Saudade Humanada – Pauta 4

64

Coroação da Virgem da Saudade.

U - são as nos - sas do - res das ra - di - sas, que -
 re - ma - ce - ar - le a - nhe - lo - o - se - que -

Figura 45 – Coroação da Virgem da Saudade – Pauta 1

65

re-mos co-ro-ar le a-ban-le-go-re-o-xi-tes-tel-las-re-ben-ti-das-do-tu...-pra-lo-orden-a-re, cho-ra-dã-sau-da-des-do-tu-je-sus-au-sen-te! R.C.T.

Fin.

o-xi-tes

Figura 46 – Coroação da Virgem da Saudade – Pauta 2

66

Figura 47 – Coroação da Virgem da Saudade – Pauta 3

104

Tenho sede de Deus

Alcides
Harmônio

De - nho se - de de De - us 'co - mo ver - ge - das a - guas!

No ca - ra - ção... me ar - dem con - su - mi - do... mas fra - guas!

Figura 48 – Tenho sede de Deus – Pauta1

105

De - nho se - de de De - us, de quem tu doí - ma - gem!

Vi - a - çã - na - ra - ra, sou a - qui... sel - va - gem.

Intermezzo

Finale

Figura 49 – Tenho sede de Deus – Pauta2

Anotação :
 Não sabemos ao certo o nome
 do maestro que compôs o acom-
 panhamento (mão esquerda) das
 músicas de Irmã Iñez do S. Lourenço de Jesus.
 Ao que parece é este :
 "Emmanuel de Carolis".

*Quando se pôs a escrever
 M.^o Emmanuel de Carolis*

Figura 50 – Observação sobre o Maestro

SAUDAÇÃO À VIRGEM DA SAUDADE

Visão branca, divinal!
 Alvorada d'esperança!
 Vem conosco estreitar,
 de Jesus, a aliança!

Teus perfumes, suas flores
 Esparge aqui em profusão!
 Seja o Carmelo de Petrópolis,
 De teus dons, uma expansão.

Com as saudades da Corôa,
 Nossa herança mais querida,
 De amor, ungir queremos,
 Tua chaga mais dorida!

Sejam os nossos corações,
 De teu Filho, relicários!
 A face d'Ele, em nossas almas
 Estampa como no sudário!

Sim, o Virgem da Saudade!
 O Mãe do Belo Amor!
 Faze em nós viver Jesus
 Como o aroma na flor.

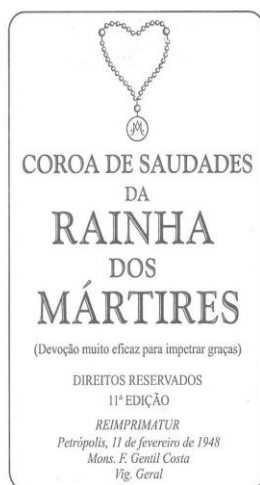
Figura 51 – Letra da composição de Irmã Iñez intitulada Saudação à Virgem da Saudade



Figura 52 – Coro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Figura 53 – Estampa de Nossa Senhora da Saudade que acompanha a Coroa das Saudades



Coroa de Saudades da Rainha dos Mártires

Tem esta devoção por fim honrar as torturantes saudades que Maria Santíssima sofreu de seu divino Filho, durante os 3 dias ou 36 horas em que o santíssimo corpo do Salvador esteve encerrado no sepulcro. Compõe-se a Coroa de 3 Pater e 36 "Memorare" ou "Lembrai-vos", cuja fórmula é:

Lembrai-vos, ó misericordiosíssima Virgem Maria, de que nunca se ouviu dizer que nenhum daqueles que têm recorrido à vossa proteção, implorado a vossa assistência, reclamado o vosso socorro, fosse por Vós desamparado. Animado eu, pois, de igual confiança, a Vós, Virgem entre todas singular, como a Mãe recorro, de Vós me valho; e, gemendo com o peso dos meus pecados, me prostro aos vossos pés. Não rejeiteis as minhas súplicas, ó Mãe do Divino Verbo Humanado, mas, dignai-Vos de as ouvir propícia e me alcançar o que Vós rogo. "Amém".

(Indulgência de 300 dias cada vez que se recitar esta oração, e plenária uma vez por mês). Pio IX 11/12/1846

Divide-se a Coroa em 3 partes: na primeira rezam-se um Pater e 12 "Lembrai-vos"; e nas duas outras, a mesma coisa. Na medalha de Nossa Senhora, que termina a Coroa, rezam-se 3 Ave-Marias e a seguinte súplica:

Lembrai-vos, ó Rainha dos Mártires, das saudades cruciantes que atormentaram o vosso Imaculado Coração durante as 36 horas de sepultura do vosso divino Filho. Pelas dores acerbíssimas da vossa soledade, oh! acendi-nos na alma o desejo de ver a Deus no Céu, e alcançai-nos, um dia, a eterna Bem-aventurança. Enquanto, porém, neste desterro peregrinamos, obtendo-nos as graças que nos são necessárias para amarmos e servirmos a Jesus com fidelidade até à morte; e, se for de sua Vontade adorável, impetrai-nos (ou impetrai-me) a mercê que vos imploramos (ou imploro) com inteira confiança. "Amém."

(50 dias de Indulgência concedida a esta oração pelo Exmo. e Revmo. Sr. Bispo de Niterói).

NOTA - Quem não quiser rezar a Coroa inteira de uma vez, pode dividi-la em três partes no decurso do dia, rezando um Pater e 12 "Lembrai-vos" à hora oportuna, e as outras partes em horas diferentes, conforme a devoção de cada um.

Para maior glorificação de Nossa Senhora da Saudade e melhor assegurar a consecução do favor desejado, será bom prometer a publicação das graças atribuídas à Coroa.

Para a publicação das graças obtidas, dirigir-se à Madre Priora do Carmelo de Petrópolis, à Avenida Barão do Rio Branco, 1164 - Petrópolis - Estado do Rio de Janeiro.

AVISO - Encontra-se as Coroas, Folhetos, Estampas, Medalhas etc., de N. S. da Saudade, no Carmelo de Petrópolis.

Figura 54 – Folheto que acompanha a Coroa das Saudades

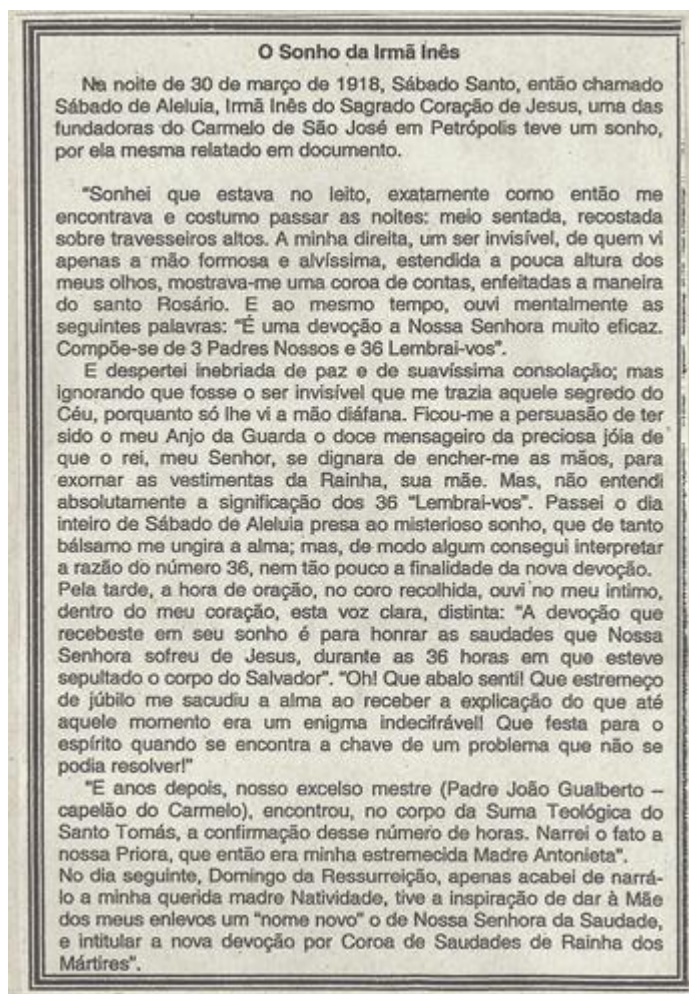


Figura 55 – O Sonho da Irmã Inez



Figura 56 – Imagem confeccionada pelo artista plástico Carlos Calsavara

Anexos

Anexo A – Oração em devoção a Nossa Senhora do Carmo

‘Ó Santíssima Imaculada Virgem Maria, ornamento e glória do Monte Carmelo, Vós que velais tão particularmente sobre os que trazem vosso sagrado Hábito, velai também, bondosa, sobre mim, e cobri-me com o manto de Vossa maternal proteção. Fortalecei minha fraqueza com o Vosso poder, e dissipai, com a Vossa luz, as trevas do meu coração. Aumentai em mim a fé, a esperança e a caridade. Ornai minh'alma com todas as virtudes, a fim de que ela se torne sempre mais amada de Vosso Divino Filho. Assisti-me durante a vida, consolai-me com a Vossa Amável presença na hora da morte, e apresentai-me à Santíssima Trindade, como Vosso filho e fiel servo Vosso, para que eu possa louvar-Vos eternamente no Céu. Amém’.

Anexo B – Saudação a Nossa Senhora do Carmo

‘Flor do Carmelo, Vinha florífera, Esplendor do céu, Virgem fecunda, singular. Ó Mãe benigna, sem conhecer varão, aos Carmelitas dá privilégio, Estrela do Mar!’.

Anexo C – Bênção de Nossa Senhora do Carmo recebida por São Simão Stock

‘Recebe, diletíssimo filho, esse Escapulário de tua Ordem como sinal distintivo e a marca do privilégio que eu obtive para ti e para todos os filhos do Carmelo; é um sinal de salvação, uma salvaguarda nos perigos, aliança de paz e de uma proteção sempiterna. Quem morrer revestido com ele será preservado do fogo eterno!’.

Anexo D – Súplica pela proteção de Nossa Senhora do Carmo

‘Ó Senhora do Carmo, revestido de vosso escapulário, eu vos peço que ele seja para mim sinal de vossa maternal proteção, em todas as necessidades, nos perigos e nas aflições da vida. Acompanhai-me com vossa intercessão, para que eu possa crescer na Fé, Esperança e Caridade, seguindo a Jesus e praticando Sua Palavra. Ajudai-me, ó mãe querida, para que, levando com devoção vosso santo Escapulário, mereça a felicidade de morrer piedosamente com ele, na graça de Deus, e assim, alcançar a vida eterna. Amém’.

Anexo E – Homenagens de amor à nossa Divina Priora e Mãe Sobreamada

1º - Todos os dias, no fim das homenagens a Nossa Senhora, já instituídas e que rematam as orações no ante-côro, todas, voltadas para a coluna de nossa Doçura de Mãe, numa só vibração de amor, numa unissonância fremente, bradarão com toda a alma: “Mater, tu scis quia mamaus te!”;

2º - Toda vez que houverem de sair da cela, pra os exercícios de comunidade, o desempenho do próprio ofício ou por qualquer outro motivo, pedirão a bênção à nossa Mãe adorada, dizendo-lhe: “Virgo Fidelis”;

3º - Todos os sábados, em honra de nossa excelsa Soberana, darão uma esmola espiritual Às almas do Purgatório: um servicinho, um prazer a qualquer Irmã; um ato de caridade ao próximo, de ordem material ou moral;

4º - Aos sábados, oferecerão à Mãe dos nossos cânticos um concerto de harmonias do deserto: guardando uma hora de silêncio absoluto, só se comunicando umas com as outras, para o estrito necessário, por sinais ou por escrito;

5º - Um dia na semana, à escolha de cada uma, oferecerão a Missa e a Santa Comunhão pela extensão do reino da divina Medianeira;

6º - Uma vez na semana, no dia escolhido por cada uma, oferecerão a Deus alguns ou muitos sacrifícios, como hóstias espirituais de ação de graças: pelos privilégios, prerrogativas, dons inconcebíveis feitos à nossa Mãe Imaculada, e pela sua grandeza e glória no Céu, dizendo ao consumir um sacrifício: “Gratias agimus tibi, Domine, propter magnam gloriam Mariae”;

7º - Em todas as festas de Nossa Senhora, no decurso do ano, oferecerão um lauto banquete à nossa Rainha pulquérrima. O banquete será preparado nove dias antes. E de que iguarias constará?... – Só de doçuras: de beijos a Jesús: “quem a meu filho beija, minha boca adoça”. Ora, os beijos que mais apetece o nosso Ídolo de Espôso são os que damos a Ele no próximo: pelo exercício da caridade fraterna. Como feito a Si, recebe o doce Mestre tudo o que aos d’Ele se faz: Tôda vez que praticarmos para com nossas Irmãs um ato de caridade, de condescendência, de doçura, de misericórdia, é um beijo que damos ao peito de Cristo. Por isso, nas novenas preparatórias às festas e nossa Soberana Divina, multipliquem-se os nossos beijos a Jesus no próximo, pela multiplicação dos nossos atos de caridade, que, no dia do festim, cada uma, no segredo da alma, oferecerá à Fada celeste das alegrias nossas.’

Anexo F – Ato de Consagração ao Serviço de Nossa Senhora como Mãe de Deus

‘Ó Maria, Soberana e Mãe nossa sobreamada! Na insaciedade de nossos corações, atormentados pela sede abrasadora de Amar-vos com amor sem termos, não aquietam nossas sôfregas ânsias as homenagens que já Vos tem tributado o nosso filial devotamento. De há muito Vos aclamamos nossa Piora e Vos prestamos vassalagem de súbditas amantíssimas. Tôdas as nossas oficinas são altares erguidos à vossa visão tutelas. Não há um recanto nesta vossa casa que não seja domínio vosso. As paredes brancas do nosso abençoado claustro são monumentos à vossa glória, troféus à vossa soberania de excelsa Rainha nossa! Em nossa colina, alterosa e bela, floreja o primeiro jardim onde a terra oferece ao Céu o perfume sagrado das vossas maternas saudades. Todo o nosso Santuário é uma “torre de marfim”, levantada em vossa honra. E entanto, não basta ao nosso amor que reineis em nosso paradisíaco Carmelo com todas as pompas do nosso fremente culto: nossa ambição suprema é que dia a dia mais se estenda e desenvolva em nossas almas o vosso reino de magnificências, ó Mãe dulcíssima dos enlevados nossos! Sim, queremos ser vossas por todos os títulos do mais acendrado amor; e, com nossas irmãs, as virgens do Céu, cantar a epopéia das vossas grandezas e porfiar em bem querer-Vos, ó Soberana pulquérrima do nosso cortejo! Filhas e vassalas vossas, já o somos com toda a veemência dos nossos afetos. Agora, porém, visam nossos anelos mais outra glória: a de sermos vossas ancillas fiéis, consagradas ao vosso serviço especial, no sentido singular de auxiliar-Vos em vossos trabalhos de Mãe de Deus; em vossos amorosos afãs de criar, formar, nutrir Jesus em nossas almas. Dignai-vos, pois, ó Formosa do Senhor, de admitir-nos no inefável convívio de vossa intimidade. Outorgai-nos o glorioso ofício de servas vossas, embaladoras de vosso Divino Filho em nosso peito. Ensinai-nos a “tratar bem o Cristo em nossos corações”: pela intolerância invencível da culpa mais ligeira e a força indomável do amor que vela. Transfigurai nossos lábios em harpas angélicas, que melodiem aos ouvidos dele todas as ressonâncias do silêncio adorativo. Abrandai as asperezas de nossos braços, para, sem machucar-Lhe os delicados membros, O carregarmos em nosso colo, forrado de penas macias, quais as fornecidas pela nossa caridade fraterna. Do mais inflamado amor vibre o nosso peito, que sirva de reclinatório de delícias ao Rei que “não tem onde reclinar a cabeça”. De vossa face, “esplendor do Cristo”, tanta beleza projetai em nossa fisionomia moral, que, enamorado dos vossos traços em nós, conosco estreite Jesus a união indissolúvel dos nossos flamejantes suspiros! E na hora extrema de passarmos deste mundo às regiões do Mistério, dos serviços que de nós recebestes, ó Mãe dos sorrisos nossos,

só um salário cobijamos: o abraço do vosso Filho, os beijos do nosso Espôso, no eviterno idílio do amor triunfante! Amém.’

Anexo G – Consagração das celas a Nossa Senhora

‘Ó Maria, Soberana e Mãe nossa sobreamada! Sob a vossa proteção carinhosa de “Regina virginum”, abrigamos as nossas humildes celas, em cujo sagrado retiro, só para o Céu aspiramos viver, no completo olvido de tudo o que passa. Enchei de Jesus a nossa solicitude, ó “Gratia plena”; e no silêncio adorativo do nosso beatífico isolamento, sussurrai-nos ao coração o segredo de sempre mais cativarmos as complacências do nosso divino Bemquerido. Dai-nos, em grau intenso, a sensação amarga do exílio e a doce saudade da pátria... Às especulações do nosso amor, descortinai os esplendores da Cruz e as seduções do Crucificado... Em nossas horas de dôr, acalentai-nos em vosso regaço de ternuras. Sêde a nascente das alegrias e sorrisos nossos, e o sacrário das nossas lágrimas. Velai o nosso sono; e, enquanto dormimos, contai nossas pulsações, para repetí-las a Jesus em ressonâncias do nosso amor que vela. Sempre do Céu doirai nossos sonhos. E em nosso derradeiro alento, vinde, ó Mãe suave, oh! Vinde engalanar de júbilos nosso festim de adeus à terra, dando-nos a sentir quão delicioso seja morrer em vossos braços! Amém.’

Anexo H – Rotina das Monjas de Clausura:

- 4h30 – Despertar
- 5h00 – Ofício da Manhã – Laudes Matutina
- 5h30 – Oração Pessoal
- 6h00 – Ofício de Tércia (Primeira Hora Média)
- 7h00 – Café da Manhã
- 7h30 – Trabalho e Formação
- 11h00 – Ofício de Sexta (Segunda Hora Média) – Exame de Consciência
- 11h30 – Almoço
- 12h00 – Recreio
- 13h00 – Descanso
- 14h00 – Ofício de Noa (Terceira Hora Média)
- Ladainha de Nossa Senhora
- 14h30 – Leitura Espiritual

16h30 – Ofício da Tarde – Véspera – Oração Pessoal
 18h00 – Santa Missa
 19h00 – Jantar
 19h30 – Recreio
 20h00 – Exame de consciência – Ofício da Noite – Completas
 Tempo Livre
 21h00 – Ofício de Leituras

Anexo I – Instruções de Irmã Ignez para meditação na Semana Santa

Na 1ª Quarta-Feira em celebração a São José, meu glorioso Protetor e estremado Pai

‘Renovando-Vos a consagração de todo o meu ser, e ardendo em desejos de conhecer mais de perto a Jesus e Maria, para mais abrazadamente amá-IOs, hoje, de um modo todo particular Vos elejo e constituo meu Mestre e Guia na escola do santo amor, suas sendas ásperas da vida interior.

Dignai-Vos de iniciar-me na intimidade de vossa castíssima Esposa e de revelar-me muitos segredos do Rei imortal em cujo convívio Vos elevastes aos esplendores de tão sublime santidade. A todo preço quero ser vossa discípula aproveitada. Ensinai-me o que me cumpre fazer para progredir no amor a Jesus e Maria, e servi-lhe com o extremo de devotamento das minhas aspirações. Viver escondida em Christo com a Mãe Divina é meu sonho de oiro. Ungi-me a alma dos perfumes do “Lírio dos vales” e das fragrâncias da “Rosa mística”. Indicai-me o caminho que leva ao consórcio do “mais belo dos filhos dos homens”; e sobredoirai as sombras do meu coração dos fulgores da “Estrela Dalva”. Cobri enfim o frio da minha miséria com a lan do “Agnus Dei”, de Quem fostes o Pastor fiel; e aquecei-me com a plumagem argentea da Pomba imaculada para cujo Guarda desvelado, “entre mil”, fostes escolhido. E na hora de expiar, quando para mim houver-se apagado a “figura deste mundo”, oh! Vinde solícito, meu Pai amado, vinde alentar-me naquele momento decisivo do meu eterno destino, vertendo-me no peito agonizante os confortativos de misericórdia do Juiz Supremo, os bálsamos de suavidade da Divina Medianeira, “Spes única”! Amém.’

Na 1ª Sexta-Feira em celebração Ó Jesus, nosso Deus e nosso Esposo

‘Incansáveis nos nossos desejos de amar-te, e não sabendo de escola na terra onde aprendermos a sciencia divina do teu amor, nem de fornalha onde inflamarmos o nosso peito no fogo sagrado em que ansiosamente aspiramos arder, rogamos-te, Amado nosso, deprecamos-lhe um abrigo, um refúgio, uma larga entrada em teu adorável Coração. Nessa academia divina de todas as sciencias do amor bem a dentro, nosso dulcilóquio Mestre, bem a dentro interna nossas almas sequiosas do verdadeiro amor, em que almejamos nos consumir. Nos recessos, sim, do teu Coração, ah! Concede-nos perpetua morada. Ahi, nessa “casa de Deus e porta do Céu” fixamos o lugar do nosso repouso, sem querermos outra ocupação senão a de copiar, reproduzir na sela de nossos corações o feitio do Seu. Amém.’

No 1º Sábado em celebração a Ó Maria, nossa Mãe sobreamada!

‘Ao vosso Coração dulcíssimo consagramos as nossas vidas. Nas dobras mais fundas de vossa imaculada alma acolhei-nos, abrigai-nos, dai-nos morada vizinha do Céu. Seja-nos o Vosso colo materno o mais suave alcance às ânsias nossas do Vosso Divino Filho. Com ardência de anelos queremos arrebatá-lo o Coração adorável e com Ele estreitar aliança indissolúvel. Extrema, porém, é a nossa vileza para contarmos com o triunfo dessa aspiração suprema, se Vós, ó “única Formosa do Rei”, não fordes a Victória dos nossos esforços, inclinando ao nosso abraço o “Agnus Dei” que apertais ao peito. E para que esse Dom vosso a nossa miséria Vos não prive do contacto beatificante de Jesus, estendei-nos a mão medianeira, ó Mãe de misericórdia! E da terra suspendei-nos ao vosso regaço, que nos seja o bálsamo da nossa eterna união com o Cordeiro que as Virgens seguem. Amém.’

Anexo J – Lembrai-vos¹²⁹

‘Lembrai-vos, ó misericordiosíssima Virgem Maria, de que nunca se ouviu dizer que nenhum daqueles que têm recorrido à vossa proteção, implorado a vossa assistência, reclamado o vosso socorro, fosse por Vós desamparado. Animado eu, pois, de igual confiança, a Vós, Virgem entre todas singular, como a Mãe recorro, de Vós me valho; e, gemendo com o peso dos meus pecados, me prostro aos vossos pés. Não rejeiteis as minhas

¹²⁹ Indulgência de 300 dias cada vez que se recitar esta oração e, plenária uma vez por mês, concedida pelo Papa Pio IX, em 11 dez. 1846. – BOIMS (2011, p. 28).

súplicas, ó Mãe do Divino Verbo Humanado, mas, dignai-Vos de as ouvir propícia e alcançar o que Vos rogo. Amém’.

Anexo L – Memorare

‘Memorare, o piissima Virgo Maria, non esse auditum a saeculo, quemquam ad tua currentem praesidia, tua implorantem auxilia, tua petentem suffragia esse derelicta. Nos tali animati confidentia ad te, Virgo Virginum, Mater, currimus; ad te venimus; coram te gementes peccatores assistimus. Noli, Mater Verbi, verba nostra despiciere, sed audi propitia et exaudi. Amen’.

Anexo M – Súplica¹³⁰

‘Lembrai-vos, ó Rainha dos Mártires, das saudades cruciantes que atormentaram o vosso Imaculado Coração durante as 36 horas de sepultura do vosso divino Filho. Pelas dores acerbíssimas da vossa soledade, oh! acendei-nos na alma o desejo de ver a Deus no Céu, e alcançai-nos, um dia, a eterna Bem-aventurança. Enquanto, porém, neste desterro peregrinamos, obtende-nos as graças que nos são necessárias para amarmos e servirmos a Jesus com fidelidade até a morte; e, se for da sua Vontade adorável, impetrai-nos (ou impretai-me) a mercê que vos imploramos (ou imploro) com inteira confiança. Amém’.

Anexo N – Responsório a Nossa Senhora da Saudade

‘Se milagres desejais,
 Recitai esta Coroa
 E vereis como de pronto
 Vossa voz no Céu ressoa.
 Saúde para a alma
 e para o corpo também,
 e toda a sorte de graças
 por ela se obtém.
 Se milagres desejais...

¹³⁰ Indulgência de 50 dias cada vez que se recitar a Coroa das Saudades da Rainha dos Mártires, concedida pelo Bispo Dom José Pereira Alves, em 19 mai. 1945. – BOIMS (2011, p. 28).

Compraz-se a Mãe Divina
 em conceder os seus favores
 a quem Lhe tecer
 essa Coroa de flores.
 Se milagres desejais, ...
 São flores perfumosas
 de amor e piedade
 do pranto que verteu
 a Virgem da Saudade.
 Se milagres desejais, ...
 Gloria Patri ...

V. – Rogai por nós, ó Virgem da Saudade,

R. – Para que sejamos dignos das promessas de Christo.

Oremos.

Ó Jesus, inclinaí propício o Vosso coração às súplicas que por nós Vos faz nossa Mãe Imaculada. E pelo martírio de acerbíssimas saudades que de Vós Ela sofreu, durante as 36 horas em que Vossa Face adorável velou-se ao seu materno olhar, oh! Concedei quanto de Vós para nós imporá Vossa e nossa terna Mãe. Amém.’

Jaculatória

‘Nossa Senhora da Saudade, rogai por nós.

Ó Virgem da Saudade, dai-nos Jesus na eternidade.

Coração de Maria saudoso de Jesus, compadecei-Vos de nós.’

Anexo O – Coroa das Saudades Contemplada em Três Mistérios

1º MISTÉRIO

‘Na primeira dozena, contemplamos a saudade que Nossa Senhora sofreu de seu Divino Filho desde o instante em que a pedra do santo sepulcro velou aos seus maternos olhos o Cordeiro imolado. Enquanto nos braços, Ela adorava seu Filho morto, nunca poderá o espírito humano conceber, medir a intensidade, a cruel agudeza daquela dor, imensa como o abismo dos mares, insondável como o infinito! Mas, enfim, seus olhos nascentes das lágrimas

mais queimantes e mais doridas que já foram choradas neste vale de pranto, seus olhos adorativos contemplavam ainda o divino cadáver. Mas, a hora do enterro de um ente muito amado é a hora de suprema dor para os que choram... Apesar de sem vida, o corpo presente parece que ilude os sentidos, deixando-lhes o triste conforto de uma visão, horrível, sim, para o amor, mas que afinal recebe o desafogo dos últimos carinhos da ternura, desolada embora diante do silêncio da morte. Quando soa, porém, a hora cruel do derradeiro adeus... ao chegar o momento de alar-se da vista o corpo querido, oh! então é quando não estala, às vezes, o coração humano, porque Deus o dotou de uma capacidade quase infinita para sofrer... Nesse transe angustioso, desponta então no peito o acerbo espinho da saudade... Ora, depois de Jesus, é Maria Santíssima a mais sublime dignificação dos sentimentos nobres e puros. Sofreu portanto todas essas dores; e numa intensidade imensuravelmente acima de tudo o que de mais lancinante possa torturar os mais ternos corações, porquanto a perfeição incomparável de sua imaculada alma excede em delicadeza as de todas, as mais perfeitas naturezas. Demais, o Filho que Ela chorava era também o Deus da sua adoração. Consideremos, pois, a espada de trucidante gume que o amor lhe cravou no peito, ao fechar-se o túmulo onde sepultada ficava a sua Vida... Naquele instante solene, a Mãe dos homens encarnou a Dor, e como que corporificou em Entidade sagrada a Saudade que Ela personificou’.

Um Padre-Nosso e 12 Lembrai-vos.

2º MISTÉRIO

‘Na segunda dozeza, contemplamos a saudade inconcebivelmente lancinante de nossa Mãe adorada ao descer o Calvário, arrimada em S. João, o discípulo amado, a quem Jesus confiara seu tesouro de Mãe. Não obstante o amor, a reverência, devotamento, a solicitude de que A cercava o discípulo privilegiado, não era mais do seu Jesus que Ela recebia a filial assistência... Que distância infinita entre o Filho de Deus e o filho de adoração!... Bastava esta substituição para constituir à Saudade a soberania da dor no peito crivado das chagas de Cristo... E depois, nas almas profundas, nenhum lenitivo tem virtude calmante para golpes mortais;... e só na oração, só na solidão encontra-se abrigo para essas feridas que não se fecham mais na Terra... Quem de gládios tais tem o âmago transfixado, sente, por instinto, atração do isolamento, onde melhor possa chorar, e, pelas lágrimas, extravasar o coração regurgitando de dor. Nossa Doçura de Mãe experimentou esse sentimento, mais intenso n’Ela que em todos os sedentos de silêncio na dor... Não teve, porém, esse refrigério, porque, na residência de S. João, podemos supor que Ela não gozava

da solidão reclamada pelas suas saudades, bastando a companhia do discípulo dileto para tirar-lhe a confortadora sensação de uma solitude completa. Além disto, as santas mulheres, os outros Apóstolos e discípulos não lhe davam a liberdade de entregar-se à expansões do coração, que não se estilhaçou para que fosse o maior milagre de resistência à dor. Aprendemos que, pelo privilégio de sua Imaculada Conceição, os sentidos de Nossa Senhora estavam inteiramente sujeitos à sua razão, às faculdades superiores de sua alma santíssima; e, por isto, Ela poderia sorver os amargores da sua saudade sem que o tumulto das pessoas presentes lhe perturbasse o silêncio interior. Mas não obstante essa serenidade íntima, oh! Quanto deveria agravar-lhe o pungir da impiedosa saudade a estranheza de encontrar-se em nova moradia, em casa de S. João. “Et ex illa hora accepit eam discipulus in sua”. Não era mais a casa de Jesus;... era hóspede,... conquanto do melhor dos amigos e do mais querido dos irmãos de Cristo. Imersa assim no roxo mar das suas saudades, passou a Mãe Divina as 36 horas da sepultura de Jesus’.

Um Padre-Nosso e 12 Lembrai-vos.

3º MISTÉRIO

‘Na terceira dozena, contemplamos as saudades de Nossa Senhora quando, apoiada ao braço virginal de S. João, visitou o Calvário, cujo solo ainda tremia ao contacto do Sangue redentor, que pela terra adentro se infiltrava, qual fio d’água viva, em direção à avidéz das almas, que, no Limbo, suspiravam por aquele refrigério. Nossa Mãe adorada sabia que o seu Jesus havia de ressuscitar; guardava em seu Coração o segredo das anunciadas alegrias de seu Filho glorioso. Mas, essa doce certeza foi suplantada pelas dores crudelíssimas que lhe saturavam a alma de Rainha dos Mártires, de quem a santa Igreja canta esta sublime exclamação, no Communio da festa de Nossa Senhora das Dores

Felices sensus beatae Mariae Virginis, qui sine morte meruerunt martyrii palmam sub cruce Domini

Voltando ao Calvário, Nossa Senhora da Saudade foi a primeira Adoratrix da Cruz salvadora. Que remeximento de setas aceradas a lhe retalharem mil vezes o dessangrado Coração aquela romaria ao Monte de Mirra!....

O quam tristis et et afflicta fuit illa benedicta Mater Unigeniti!

Quis est homo qui non fleret, Matrem Christi si videret in tanto supplicio?

A lembrança dos tormentos de seu Divino Filho, estampados na Cruz nua, oh! quanto lhe exacerbaria a saudade, cuja roxidão lhe enlutava de mais tristeza a desolada alma

do que as trevas enoçaram a natureza à hora suprema em que expirou o Cordeiro de Deus. Saudades mais atrozetas que a descarga de dardos mil, cravados de um jato no peito chagado das mais cortantes dores sofridas pela sensibilidade humana! Quem poderá imaginar o que foi o martírio da Rainha dos Sacerdotes e das Vítimas de amor aquela segunda ascensão ao Altar sublime do Calvário, empurpurado do preciosíssimo Sangue!... Com Ela foi que o discípulo amado aprendeu a celebrar o Sacrifício de Deus, a Missa celebrada pelo amor que oferece e adora, gemendo e chorando de compaixão da Vítima pelos nossos pecados.

Eia, Mater, fons amoris, me sentire vim doloris fac ut tecum lugeam.

Ela ensina a celebrar o Mistério da Fé ensinando a oferecer, a adorar e a contemplar com amor e dor o Cordeiro imolado, que, no Sítio da Cruz, incluía também a sede das nossas lágrimas.

Fac me tecum pie flere, Crucifixo condolore, Donec ego vixero.

A fria lousa do santo sepulcro, sacrário dos ósculos da Rainha dos Mártires, foi a pedra de ara que encerrou o pranto corredentor da Mãe dos homens.

Juxta cruce[m] tecum stare, et me tibi sociare, in planctu desidero.

E enquanto a Madalena e as santas mulheres preparavam aromas e bálsamos para ungirem o corpo do Senhor, a Mãe de Deus concentrava em suas saudades a quinta-essência do mais precioso perfume que o amor já derramou nas chagas de Jesus’.

Um Padre-Nosso e 12 Lembrai-vos.

Anexo P – Resumo dos Três Mistérios contemplados na Coroa das Saudades

‘Na primeira dezena, contemplamos as saudades que Nossa Senhora sofreu de seu Divino Filho, desde o instante em que a pedra do santo sepulcro velou aos seus maternos olhos o corpo de Jesus;

Na segunda dezena, contemplamos as saudades de Nossa Senhora, que, na residência de São João, não pôde abrigar-se na solidão, refúgio onde menos dessangram chagas mortais...;

Na terceira dezena, contemplamos as saudades de Nossa Mãe adorada, quando voltou ao Calvário, onde renovou o seu sacrifício de Corredentora da Humanidade, oferecendo por nós a Deus o Filho que Ela chorava.’

Anexo Q – Letras das músicas compostas por Irmã Ignez¹³¹

Arrulhos dolentes a Virgem da Saudade (p. 2 e 3)

Ó Virgem da Saudade!
 Mãe dos nossos amores
 Sobre nós irradia algum dos teus esplendores! 2x

Saudação a Virgem da Saudade (p. 4-7)

Visão branca, divinal!
 Alvorada d'esperança!
 Vem convosco estreitar,
 De Jesus a aliança!

Teus perfumes, tuas flores,
 esparge aqui em profusão!
 Seja o Carmelo de Petrópolis,
 de teus dons, uma expansão

Com as saudades da Corôa,
 Nossa herança mais querida,
 De amor, ungir queremos,
 Tua chaga mais dorida

Sejam os nossos corações,
 De teu Filho, relicários!
 A face d'Ele, em nossa alma,
 Estampa como no sudário!

Sim, ó Virgem da Saudade!
 Ó Mãe do Belo Amor!

¹³¹ JESUS [s.n.].

Faze em nós viver Jesus

Como o aroma na flor.

Canção da Saudade (p. 18-21)

Quero ser...

A cantora gemedora da saudade,

Essa rainha das dores de tanta crueldade

Saudade é a palavra mais formosa da terra

Somente a nossa língua diz a dor que ela encerra 2x

A Saudade Humanada (p. 26 e 27)

Rainha das Mães!

Da dor, Magestade!

Em Ti contemplamos,

Humanada, a Saudade! 2x

Canção de amor a Virgem da Saudade (p. 62 e 63)

Branca Columba do nosso sertão!

Visão tutelar do nosso Carmelo!

De tuas saudades ungir a ferida,

É nosso vivo, fremente anhelos!

Coroação da Virgem da Saudade (p. 64-66)

Visão dos nossos sonhos!

D'estrelas radiosas,

Queremos coroar-te a fronte gloriosa 2x

Estrelas rebentadas do teu pranto ardente,

Chorado de saudades do teu Jesus ausente!

Queremos coroar-te a fronte gloriosa 2x

Tenho sede de Deus (p. 104 e 105)

Tenho sede de Deus
 “como o cervo das águas”!
 No coração me ardem consumido nas fragas!
 Tenho sede de Deus, de Quem tudo é imagem!
 Viajora na terra, sou aqui selvagem.

Anexo R – Questionário proposto às Religiosas do Carmelo de São José em Petrópolis

- 1 - Nome:
- 2 - Idade:
- 3 - Monja ou Freira?
- 4 - Qual a sua cidade de origem?
- 5 - Há quanto tempo é Carmelita?
- 6 - Como se tornou Carmelita?
- 7 - Qual o significado que tem para si ser Carmelita?
- 8 - Porque escolheu estar no Carmelo de São José em Petrópolis?
- 9 - Qual o significado que tem para si fazer parte do Carmelo de Petrópolis?
- 10 - Dedicar-se em particular ao Culto de Nossa Senhora da Saudade?
- 11 - Qual o significado que tem para si essa devoção?
- 12 - Sente saudade de Deus?
- 13 - Como descreve esse sentimento?

Anexo S – Cronologia dos principais acontecimentos apontados

- 1873 – Nascimento do Padre João Gualberto do Amaral, em 28 de abril;
- 1881 – Nascimento de Irmã Ignêz do Sagrado Coração de Jesus, em 20 de outubro;
- 1888 – Irmã Ignêz adoece gravemente (7 anos) – febre amarela e tifo (graves conseqüências a sua saúde física);
- 1895 – Ordenação sacerdotal do Padre João Gualberto aos seus 22 anos (14 anos);
- 1905 – Irmã Ignêz entra para o Convento de Santa Tereza no Rio de Janeiro (24 anos), procedendo seu Ritual de Admissão;

- 1906 – Vestição religiosa de Irmã Ignêz (25 anos);
- 1907 – Profissão de Votos Simples de Irmã Ignêz (26 anos), procedendo seu Rito de Promessa Definitiva;
- 1910 – Profissão Solene de Irmã Ignêz – assume o cargo de Mestra das noviças (29 anos);
- 1911 – Fundação do Carmelo de São José em Campanha/MG, na qual Irmã Ignêz participou ativamente, sendo considerada como braço direito da Madre Maria de São José (30 anos);
- 1913 – Transferência do Carmelo de São José para Petrópolis/RJ, instalando-se em casas provisórias (32 anos);
- 1917 – Mudança definitiva do Carmelo de São José para o atual endereço, ainda instalado precariamente (36 anos);
- 1918 – Ocorrência do sonho inspirador de Irmã Ignêz sobre as 36 horas de sofrimento de Nossa Senhora da Saudade em 30 de março (37 anos);
- 1918 – Nossa Senhora da Saudade recebe aprovação, patrocínio e Imprimatur, do Bispo de Niterói, Bom Agostinho Benassi em 10 de maio;
- 1929 – Doação anônima da Imagem de Nossa Senhora da Saudade (48 anos);
- 1929 – Inauguração do Monumento à Nossa Senhora da Saudade dentro da clausura do Carmelo de São José;
- 1931 – 7ª edição do folheto;
- 1931 – Nossa Senhora da Saudade recebe o Reimprimatur do Bispo de Niterói Dom José Pereira Alves, que além de confirmar a devoção de Nossa Senhora da Saudade, ainda indulgenciou com 50 dias a quem rezasse a Coroa das Saudades da Rainha dos Mártires, em 17 de maio (50 anos);
- 1936 – Início das obras do prédio atual do Carmelo de São José (55 anos);
- 1938 – Transferência definitiva do Carmelo de São José para as instalações do novo prédio (57 anos);
- 1943 – 25º Aniversário da devoção de Nossa Senhora da Saudade, quando Irmã Ignêz compõe a Coroa de Saudades Contemplada em Três Mistérios (62 anos);
- 1944 – Retiro de Padre João Gualberto do Amaral sobre a saudade proferido na Semana Santa (02 até 09 de abril) (63 anos).
- 1945 – 11ª edição do folheto;
- 1945 – Nossa Senhora da Saudade recebe o Reimprimatur do Bispo de Niterói Dom José Pereira Alves, em 19 de maio (64 anos);
- 1946 – Implantação da Diocese de Petrópolis, Papa pio XII – Bula Pontifícia ‘Pastoralis quae urgemur’, em 13 de abril (65 anos);

1947 – Irmã Ignêz deixa o cargo de Mestra das noviças após 37 anos ininterruptos de serviços (66 anos);

1948 – Falecimento de Padre João Gualberto do Amaral, em 28 de janeiro, sendo sepultado, por autorização especial, no Santuário de Nossa Senhora da Saudade aos pés de Sua imagem;

1948 – 12ª edição do folheto;

1948 – Nossa Senhora da Saudade recebe o Reimprimatur do Vigário Geral de Petrópolis, Monsenhor Francisco Gentil Costa, em 11 de fevereiro;

1948 – Dom Manoel Pedro da Cunha Cintra é empossado Bispo de Petrópolis, em 25 de abril;

1948 – Falecimento de Irmã Ignêz, em 18 de outubro, sendo sepultada, por autorização especial, no Oratório Interno do Convento do Carmelo de São José (faltavam dois dias para completar 67 anos, mesma idade em que morre Santa Tereza de Ávila);

1950 – Construção do Cemitério dentro da clausura do próprio do Carmelo de São José, autorizado por Decreto do General Ângelo Mendes de Moraes, Prefeito do antigo Distrito Federal dos Estados Unidos do Brasil, localizado no Rio de Janeiro (+2anos);

1950 – O Bispo de Petrópolis, Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, submeteu à Santa Sé a aprovação da devoção de Nossa Senhora da Saudade e a mesma não foi reprovada dogmática ou liturgicamente. Mas, entendeu, por melhor, o Senhor Bispo Dom Cintra restringi-la ao Carmelo de São José em Petrópolis, pois julgou que ainda não havia chegada a hora de lhe dar maior amplitude (+ 2 anos);

1951 – A Capela do Carmelo de São José fica pronta (+ 3 anos);

1955 – Restauração da Liturgia da Semana Santa pelo Papa Pio XII, o que veio a confirmar os sofrimentos de Maria intuídos por Irmã Ignêz, (+ 7 anos);

1967 – Publicação do livro Nossa Senhora da Saudade por Mozart Monteiro (+ 19 anos).